





OFICIALMENTE APROVADA PARA O ENSINO PRIMÁRIO

HISTÓRIA T<sup>5</sup>-3-66

DE

# PORTUGAL

POR

JAYME DE SÉQUIER

Texto  
Leituras  
Resumos  
Questionários  
89 Gravuras  
4 Mapas

NONA EDIÇÃO

DEPOSITARIOS

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA



## PREFÁCIO

Na breve advertência que precede o seu admirável livrinho, *Ano Preparatório de História de França*, Ernesto Lavisse, da Academia Francesa, escreve as seguintes linhas :

«É a memória e a imaginação, essas duas faculdades principais da infância que convêm recorrer quando se ensina a história às crianças; mas evite-se impôr excessivo esforço á memória, se se quer que a imaginação conserve a frescura e a actividade.

«Importa que o estudantinho conheça os grandes factos históricos na ordem em que ocorreram, mas não importa menos que êle possa conceber, com a exacção possível na sua idade, como viveram as personagens e se realizaram os acontecimentos... Não basta que se fale aos seus ouvidos, ha grande utilidade em lhe mostrar por uma imagem os homens e as coisas.»

Também no trabalho actual nos dirigimos á memória e á imaginação dos estudantinhos a quem é dedicado.

Acha-se esta HISTÓRIA DE PORTUGAL repartida em uma *Introdução* e nove *Livros*, correspondentes aos períodos por que mais acentuadamente, a nosso ver, se distribui a evolução do nosso passado nacional.

A cada um dos pequenos parágrafos em que se divide o texto e que compreendem geralmente uma única frase concisa e clara, corresponde uma pergunta, a que o aluno deverá responder, senão palavra por palavra, pelo menos com sufficiente aproximação do referido texto. Será êsse o exercício da memória.

A imaginação terá onde se exercer nas numerosas vinhetas do livro e nas *Leituras*, ou pequenas narrações, em que se procurou facilitar, pelo interêsse anedótico, a aquisição de proveitosas noções, que não podiam ser incluídas no texto propriamente dito.

Como o seu nome o indica, essas narrações não se destinam a ser decoradas, mas simplesmente a SER LIDAS MUITAS VEZES NA AULA e a servir de pretexto e de assunto para diálogos entre o professor e os alunos. Algumas delas poderão servir igualmente de tema para as lições de recitação e de composição oral e escrita, indicadas no programa official.

Não receberão outras noções de história pátria, além das que houverem adquirido na escola primária, muitas, senão o maior número, das crianças para quem foi escrito êste livro. Por isso procurámos torná-lo tão completo quanto possível, dentro dos limites que nos foram traçados, e nos esforçámos sobretudo por fazer compreender e sentir a beleza moral dos grandes feitos e dos grandes caracteres, que iluminam o passado da nossa nação.

No terreno virgem das almas infantis, a que estas páginas se destinam, lançar, como outras tantas sementes divinas, as ideias de liberdade, de tolerância e de dedicação pela pátria, tal foi a aspiração de que saiu êste trabalho.

Outros dirão se, ao menos em parte, a realizámos.



Fig. 1. — Os Bárbaros invadem a Península ibérica.

## INTRODUÇÃO

### AS ORIGENS



#### I. — Os primeiros povoadores.

1. Muitos séculos antes de Jesus-Cristo, a península <sup>1</sup> \*, de que faz parte o nosso país, chamava-se a **Ibéria** e os seus habitantes eram os **Iberos**.

2. Então como agora tinha por limites: a nordeste, a cordilheira \* dos *Pireneus*; a norte, a oeste e a sul, o *Oceano Atlântico*; a sul e a leste, o *Mar Mediterrâneo*. (Carta, pág. 10.)

3. Era porém muito menos bem cultivada e muito mais pobre do que é hoje.

4. No seu solo abundavam densas matas, que serviam de abrigo a ursos, lobos, javalis e outros animais bravios.

5. Estradas como as de agora não havia então,

1. As palavras marcadas com um asterisco (\*) são explicadas no fim do volume.

1. Como se chamavam outrora a península de que faz parte o nosso país e os habitantes dela? — 2. Diga os limites da península.

— 3. Era já então como é hoje? — 4. Que abundava no seu solo? — 5. Havla já estradas nesse tempo?

mas tão sómente veredas ou carreiros, que as chuvas tornavam quási intransitáveis.

6. Os Iberos sabiam cultivar grosseiramente a terra e extrair dela os metais com que fabricavam armas e toscos utensílios.



Fig. 2. — Os primeiros povoadores.

7. Eram um povo laborioso e de costumes simples, do qual se julga serem descendentes directos os *Bascos* actuais. (Fig. 2.)

## II. — Invasão dos Celtas.

8. Mais tarde, a Ibéria foi invadida pelos **Celtas**, provenientes da **Gália** ou **França**.

9. Os Celtas eram de estatura colossal. Turbulentos e guerreiros, nada temiam. Disparavam setas para o céu, se trovejava, e ameaçavam com as suas espadas o oceano, quando êste se mostrava colérico. (Fig. 3.)

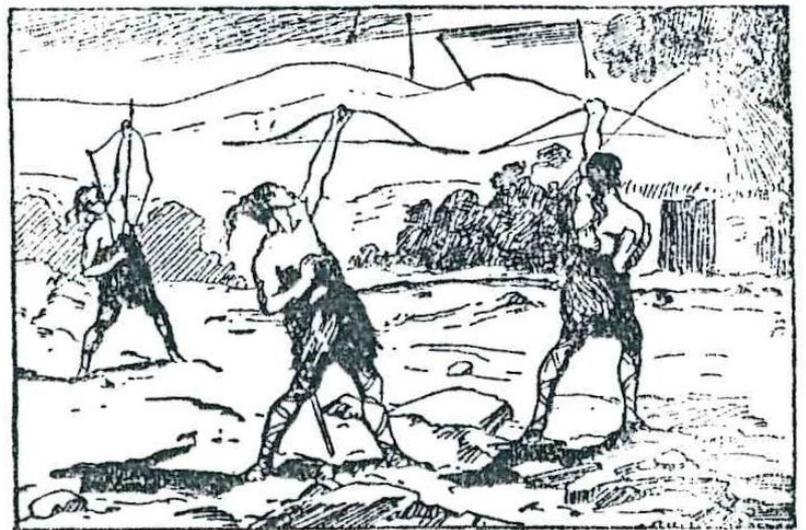


Fig. 3. — Os Celtas disparavam setas para o céu quando trovejava.

6. Que sabiam fazer os Iberos? — 7. Quaes eram as suas qualidades e quem se supôe que d'elles descende? — 8. Por quem foi de-

pois invadida a Ibéria? — 9. Diga o que sabe dos Celtas.

### III. — Os Celtiberos.

10. Em seguida a um longo período de lutas, Iberos e Celtas acabaram por se fundir num povo: os **Celtiberos**.

11. Este povo chegou a um grau relativamente adiantado de civilização.

12. Celtas e Iberos constituíam cinco grupos ou tribus principais: os **Cantabros**, os **Asturos**, os **Vasconios**, ao norte; os **Galaicos** e os **Lusitanos** ao ocidente.

### IV. — Fenícios, Gregos e Cartagineses.

13. Outros povos, os **Fenícios** primeiro, depois os **Gregos**, mais tarde os **Cartagineses** foram estabelecendo colónias\* em diversos pontos da península, á beira-mar. Essas colónias comerciavam com os habitantes do interior.

14. Depois de haverem suplantado os Fenícios no comércio e pelas armas, os Cartagineses quizeram tornar-se senhores de toda a península ibérica, também denominada *hispânica*.

15. Resistiram muito tempo os Celtiberos. Vendo-se porêm ameaçados de succumbir, chamaram em seu auxílio os **Romanos**.

### V. — Os Romanos.

16. Os Romanos, ou habitantes de **Roma**, capital de uma poderosa República, declararam guerra aos Cartagineses.

17. Seguiu-se uma luta terrível, que se prolon-

10. Que se passou depois com os Iberos e os Celtas? — 11. Fizeram alguns progressos os Celtiberos? — 12. Como se chamavam as principais tribus celtiberas? — 13. Que outros povos vieram depois e que fizeram? —

14. Que intentaram os Cartagineses? — 15. Que fizeram os Celtiberos? — 16. Que decisão tomaram os Romanos? — 17. Que se passou em seguida?

gou por muitos anos e que terminou pela vitória de Roma.

18. Por sua vez, os Romanos triunfantes pretendiam apoderar-se da península ibérica.

19. Encontraram porém enérgica resistência, sobretudo da parte dos **Lusitanos**. (1.<sup>a</sup> Leitura)

## VI. — Os Lusitanos.

20. Ocupavam êstes uma região da península correspondente á *Beira, Estremadura* portuguesa e espanhola e parte norte do *Alentejo* actuais.

21. Eram destemidos e robustos. Para os vencer, teve Roma de recorrer á traição.

22. Persuadindo-os com mentirosas promessas

1.<sup>a</sup> LEITURA. — **Os Lusitanos.** — Os Lusitanos eram tão hábeis em armar ciladas como em descobrir as do inimigo.

Ágeis e vigorosos como são geralmente os montanhesez, executavam com destreza e disciplina as suas operações militares.



Fig. 4. — Os Lusitanos.

Na guerra usavam escudos côncavos\*, suspensos por correias, sem argolas nem aselhas. Vestiam cotas de linho; poucos traziam cotas de malha. (Fig. 4.)

Uma espécie de cutelo ou punhal constituia a sua principal arma ofensiva.

Eram muito frugais e dormiam na terra dura. Trajavam habitualmente

de prêto e usavam compridos e sôltos os cabelos, como os das mulheres

Os Lusitanos apreciavam muito os sacrificios e examinavam atentamente as entranhas das vítimas, para tirarem dêsse exame prognósticos\* do êxito das empresas que intentavam.

18. Que pretenderam depois os Romanos ?  
— 19. Submeteram-se logo os Celtiberos ? —  
20. Que região ocupavam os Lusitanos ? —

21. Que fez Roma para os vencer ? — 22  
Como se efectuou a traição ?

a deporem as armas, Sulpício Galba, general dos Romanos, fez nêles depois horrorosa mortandade.

**23. Viriato**, humilde pastor do *Hermínio* (serra da Estrêla), pôs-se á frente dos que haviam escapado á cilada (149 a. J.-C.) e sustentou a luta dez anos ainda, infligindo ao inimigo derrotas sôbre derrotas. (2.<sup>a</sup> Leitura.)

**24.** Recorrendo novamente á traição, Roma comprou dois oficiais de Viriato, que o assassinaram. (139 a. J.-C.)

**25.** Não se deram por vencidos os Lusitanos, e, capitaneados por **Sertório**, ganharam ainda muitas batalhas contra os Romanos.

**26.** Sertório foi porêem assassinado como Viriato e daí em diante toda a península ficou debaixo do jugo romano.

**2.<sup>a</sup> LEITURA. — Viriato.** — Viriato era general tão prudente como intrépido. Não expunha inutilmente a vida dos seus soldados e nunca dava parte dos seus planos a ninguém.

Venceu sucessivamente nove exércitos romanos e só pela traição conseguiu Roma desembaraçar-se dêsse terrível inimigo.

O cônsul *Cépion*, a quem Viriato mandara dois parlamentários\*, corrompeu-os para que assassinassem o seu chefe.

Os miseráveis entraram de noite na tenda de campanha onde Viriato dormia e mataram-no. (Fig. 5.)



Fig. 5. — Morte de Viriato

Quando se apresentaram depois a Cépion para reclamar o prémio da sua perfídia, o cônsul respondeu-lhes com desprezo: — «Roma não recompensa traidores nem assassinos!».

Não os recompensava, mas utilizava os seus serviços.

23. Que fez Viriato? — 24. Como morreu Viriato? — 25. Submeteram-se logo os Lusí-

tanos? — 26. Quando acabou a luta?

## VII. — Invasão dos Bárbaros. — Os Visigodos.

27. No século v, povos bárbaros\* do Norte, *Alanos*, *Suevos* e *Vândalos*, que já tinham invadido a Gália, atravessaram os Pirenéus e penetraram na península, onde praticaram as maiores devastações. (Fig. 1.)

28. Atrás dêles vieram outros bárbaros, os **Visigodos\***, que conseguiram dominar na península inteira.

29. Os Visigodos eram menos bárbaros do que os outros invasores e acabaram por se converter ao cristianismo.

## VIII. — Invasão dos Arabes.

30. O domínio dos Visigodos durou porêem pouco mais de um século. Em 771, os **Maometanos** de África, comandados por *Tarique*, passaram o estreito, depois chamado de *Gibráltar*, e derrotaram os Gôdos na terrível batalha do *Guadalete*. (3.<sup>a</sup> Leitura.)

3.<sup>a</sup> LEITURA. — **Os Maometanos.** — A Arábia era habitada por



Fig. 6. — Guerreiros moiros em combate.

Os *Maometanos*, também denominados *Muçulmanos*, empreen-

numerosas tribus pela maior parte idólatras\*.

No século vii, **Maomet**, dizendo-se profeta e inspirado por Deus, fundou uma nova religião, o *Islamismo*, que era o culto de um só Deus, *Alá*.

Maomet reuniu os dogmas\* e preceitos da sua religião num livro que tem o nome de *Al-Coran*.

Foi-se a pouco e pouco alastrando o Islamismo por toda a Arábia.

27. Que se passou no século V? — 28. Houve mais algum invasor? — 29. Diga o que sabe

dos Visigodos. — 30. Como e quando terminou a dominação dos Visigodos?

31. Os *Moiros* assenhorearam-se de toda a península, com excepção de um recanto das serras asturianas, onde se refugiou um príncipe gôdo, **Pelágio**, com um punhado de companheiros.

32. Pelágio repeliu vitoriosamente todos os assaltos dos *Moiros* e foi a pouco e pouco alargando os limites do território que ocupava. (Fig. 7.)

33. Os sucessores de Pelágio continuaram a sua obra, ganhando sempre mais território aos *Moiros* em combates incessantes.

34. Assim se formaram os reinos das **Astúrias e Leão**, de **Navarra**, de **Aragão** e de **Castela**, conquistados palmo a palmo aos infiéis.

35. Durante todo êste longo período, a história do nosso país confunde-se com a da península hispânica. A sua história própria vai agora começar.



Fig. 7. — Pelágio repele os assaltos dos *Moiros*.

CONTINUAÇÃO DA 3.<sup>a</sup> LEITURA

deram a conquista de outros países para os converterem á nova seita. Apoderaram-se de uma parte da Ásia e da África. No noroeste africano fundaram o poderoso império do *Maghreb* (Ocidente).

Os Muçulmanos do *Maghreb*, também chamados *Moiros* e *Sarracenos*, conquistaram a península hispânica e tentaram penetrar na *Gália* (França); mas dêste país foram rechaçados por *Carlos Martel*.

Os *Moiros* eram valentes soldados. Envoltos em leves albornozes brancos e montados em cavaleiros árabes, ligeiros como o vento, não hesitavam em atacar os guerreiros cristãos, cobertos de ferro (Fig. 6.)

Só no fim do século **xv** foram definitivamente expulsos da península.

31. Quem resistiu aos *Moiros* e onde? —  
32. Que fez Pelágio? — 33. Que fizeram os seus sucessores? — 34. Que resultou da luta?

— 35. Que sabe da história do nosso país durante êste período?



Península hispânica. (Introdução e Livro I.)

## RESUMO DA INTRODUÇÃO

I. — Muitos séculos a. J.-C., era a península ibérica habitada pelos **Iberos**, povo agrícola e pacífico.

Em época incerta invadiram-na os **Celtas**, povo turbulento e guerreiro.

Com o correr dos séculos, Iberos e Celtas acabaram por formar um povo mixto, os **Celtiberos**.

II. — Pelo tempo adiante, outros povos, os **Fenícios**, os **Gregos**, os **Cartagineses** estabelecem colónias comerciais em diversos portos da Ibéria. Tentam os Cartagineses apossar-se de toda a península. Os Celtiberos chamam em seu socorro os **Romanos**.

III. — Estes vencem os Cartagineses ao cabo de uma terrível luta mas depois da vitória querem ficar senhores da península

Encontram séria resistência, sobretudo da parte de um povo celtibero, os **Lusitanos**, capitaneados por Viriato

Roma acaba por triunfar e os povos conquistados adoptam as suas leis e costumes.

IV. — No século v, hordas bárbaras do norte invadem e assolam a península.

O menos bárbaro desses povos, o dos **Visigodos**, consegue sujeitar ao seu domínio todo o território peninsular

Os Visigodos convertem-se ao cristianismo.

V. — No século viii, a monarquia visigoda é destruída pelos *Moiros* na batalha do *Guadalete* (771).

Cai em poder dos Sarracenos toda a península, com excepção de um canto das serras das *Astúrias*.

Aí se refugia, com um punhado de guerreiros, **Pelágio**, príncipe gôdo, que resiste heróicamente a todos os assaltos dos *Moiros*.

Começa então a guerra da *Reconquista*, que ha de durar oito séculos.

Pelágio vai a pouco e pouco retomando algum território aos Arabes

Os sucessores de Pelágio continuam sem descanso a sua obra.

VI. — Assim se formam gradualmente, á custa de muito sangue, os reinos cristãos das **Astúrias e Leão**, de **Navarra**, de **Aragão** e de **Castela**.

**Portugal** não existe ainda politicamente, isto é, como nação.

A sua história confunde-se com a do resto da península.

Vai estreimar-se \* agora.

---



Fig. 8. — D. Afonso Henriques vence em S. Mamede o partido de D. Teresa. (1128)

# LIVRO I

## O CONDADO PORTUCALENSE

SÉCULOS XI E XII  
(1080-1128)

### I. — **Portucale.**

36. Em fins do século xi, Afonso VI, filho de Fernando o Grande, reunia as coroas de Leão, de Castela e de **Galiza**.

37. Estava esta última dividida em condados \* e um dêles chamava-se **Condado portucalense**.

38. Vinha-lhe êste nome da sua principal povoação, **Portucale**, situada junto a toz do *Doiro*, pouco mais ou menos no ponto que hoje ocupa *Vila Nova de Gaia*.

39. Da palavra *Portucale*, (composta de *portus*, pôrto, e *Cale*, nome de um castelo sobranceiro á povoação), se formou mais tarde o nome do nosso país.

36. De que estados foi chefe Afonso VI?  
— 37. Que era o condado portucalense? —

38. Donde lhe vinha o nome? — 39. Como se formou o nome do nosso país.

40. O condado portucalense compreendia o território que se estende entre os rios *Minho* e *Doiro* e abrangia também ao nascente uma parte da actual província de *Trás-os-Montes*.

## II. — Os condes Raimundo e Henrique de Borgonha.

41. Teve Afonso VI grandes guerras com os Moiros, aos quais tomou, entre outras terras, *Santarém*, *Lisboa* e *Cintra*.

42. Vieram muitos cavaleiros estrangeiros militar debaixo da sua bandeira e entre êles *Raimundo*, filho de Guilherme, conde de Borgonha.

43. Acompanhava-o seu primo, **Henrique**, bisneto de Roberto, rei de França, e quarto filho de Henrique, duque de Borgonha, que desposara Sibila, irmã do pai de Raimundo.

44. Afonso VI deu ao conde Raimundo sua filha **Urraca** e o govêrno do condado da Galiza, que então se estendia até o *Tejo*.

45. Ao conde Henrique deu o soberano sua outra filha **Teresa** (ou *Tareja*), nomeando-o governador do condado portucalense, que estava encravado no da Galiza e dele dependia.

## III. — Portugal separa-se da Galiza.

46. Pouco depois, em 1095, deixou-se o conde Raimundo derrotar pelos Moiros, que retomaram *Lisboa* e *Cintra*.

47. Foi esta a causa provável de se separar da Galiza o condado de Portucalense, compreendendo todo

40. Que territórios compreendia o condado portucalense? — 41. Que fez Afonso VI? — 42. Quem veio militar no exército de Afonso VI? — 43. Quem era o conde D. Henrique? — 44. Que deu Afonso VI ao conde

Raimundo? — 45. Que deu Afonso VI ao conde Henrique? — 46. Que succedeu ao conde Raimundo? — 47. Que resultou do revés do conde Raimundo?

o território desde o rio *Minho* até *Santarém*, ficando porê m sujeito á suzerania de Leão. (4.<sup>a</sup> Leitura.)

#### IV. — Morte de Afonso VI. — Casamento de D. Urraca.

48. Afonso VI faleceu em 1109, dois anos depois de seu genro, o conde Raimundo, cuja viúva, *D. Urraca*, foi aclamada rainha de Leão e de Castela.

49. Pode contar-se desta data a independência *de facto* do condado de Portugal, embora só muito mais tarde viesse a ser reconhecida pelo estado suzerano.

50. D. Urraca desposou em segundas núpcias D. Afonso, rei de Aragão.

4.<sup>a</sup> LEITURA. — **Suzeranos e vassallos.** — Vassallo de um *senhor* ou *suzerano* era todo aquelle que recebia dêste último terras para ocupar e governar mediante certas sujeições e encargos



Fig. 9. — Cerimônia da homenagem de um vassallo ao seu suzerano.

O vassallo obrigava-se por juramento (fig. 9) a prestar auxílio ao seu suzerano em caso de guerra, militando debaixo da sua bandeira. Além desta obrigação, havia também para alguns a do pagamento de um tributo em dinheiro

Em vez de lhe pagarem tributo, certos vassallos recebiam sôlido do seu suzerano para o servirem em tempo de guerra.

O vassallo de um suzerano podia ter vassallos também, como o suzerano podia ser vassallo de outrem.

O conde de Portucal teve a princípio por suzerano o da Galiza, que era êle próprio vassallo do rei de Leão.

Desligando-se do condado da Galiza, o condado portucalense passou a ter por suzerano directo o reino de Leão.

48. Quem succedeu a Afonso VI? — 49. Que interêsse tem para Portugal a data da morte

de Afonso VI de Leão? — 50. Com quem casou pela segunda vez D. Urraca?

51. Esse casamento não foi porém feliz e os dois esposos viveram em contínuas guerras, disputando um ao outro a supremacia no trono.

#### V. — O governo do conde D. Henrique.

52. Nessas guerras representou papel importante o conde D. Henrique, tomando partido ora por um, ora por outro dos adversários, com a mira sempre em aumentar os seus próprios domínios.

53. Em 1114 morreu, deixando um filho de três anos, **Afonso Henriques**, que veio a ser mais tarde o primeiro rei de Portugal.

#### VI. — Regência de D. Teresa.

54. Ficou regente do condado de Portugal, D. Teresa, viúva do conde D. Henrique.

55. A sua ambição era ser rainha e fazer do seu condado um reino mais poderoso que o de sua irmã D. Urraca.

56. Esta rivalidade entre as duas princesas deu lugar a guerras, que puseram por vezes em grande perigo a independência de Portugal.

57. D. Urraca faleceu em 1117, depois de se ter reconciliado com sua irmã.

#### VII. — Fernando Peres da Trava.

58. Adquirira entretanto grande influência no espirito de D. Teresa um fidalgo da sua côrte, *Fernando Peres da Trava*.

59. Fez-lhe a regente grandes mercês, confiando-lhe

51. Foi feliz esse casamento? — 52. Que papel representou D. Henrique? — 53. Quando morreu D. Henrique? — 54. Quem ficou regente do condado? — 55. Qual era a ambição de D. Teresa? — 56. Que resultou da sua

rivalidade com D. Urraca? — 57. Que fim teve D. Urraca? — 58. Quem era Fernando Peres da Trava? — 59. Que mercês lhe fez a regente?

o govêrno dos distritos do Pôrto e de Coimbra, com o título de conde \*, como o tivera seu marido.

60. Tão excessivos favores despertaram ciúme nos outros fidalgos da côrte

61. Era galego o conde da Trava e por isso mais odioso aos barões \* portuguezes, que não queriam aceitar o predomínio de um estrangeiro.

### VIII. — O Infante.

62. Não menos detestado era êle pelo moço infante, D. Afonso Henriques.

63. Completara êste dezasseis anos a êsse tempo e já aos catorze se armara a si próprio cavaleiro na catedral de *Zamora*. (5.<sup>a</sup> Leitura.)

5.<sup>a</sup> LEITURA. — A Cavalaria. — Já entre os povos germânicos era costume celebrar-se uma festa quando um joven guerreiro cingia as armas pela primeira vez.



Fig. 10. — A vigília de armas.

Este costume passou por tradição para os povos cristãos, sendo substituída a festa por uma cerimônia religiosa.

Na véspera do dia em que devia ser armado cavaleiro, o guerreiro noviço, vestido com uma túnica branca, passava a noite em oração numa igreja e só. (Fig. 10.)

Na manhã seguinte, era também na igreja e em grande pompa que êle, depois de se ter confessado

e de haver comungado, recebia a espada das mãos do seu suzerano ou de um antigo cavaleiro.

Nessa ocasião prestava juramento de consagrar a vida a defender a religião, a combater os infiéis, a proteger o órfão, a viúva e o oprimido.

Era-se também armado cavaleiro no campo de batalha, mas em tal caso não havia naturalmente cerimônia religiosa.

60. Que sentimentos inspirava êle aos outros fidalgos? — 61. Que motivo o tornava ainda mais odioso? — 62. Por quem mais

era êle detestado? — 63. Que fizera o infante aos 14 anos?

## IX. — O Rei de Leão invade Portugal.

64. Começava a ferver a revólta, com Afonso Henriques á frente, contra a rainha e o valido, \* quando Portugal foi invadido (1127) por *Afonso VII*, de Leão, que sucedera a sua mãe, D. Urraca.

65. O novo monarca, não reconhecendo a independência de Portugal, vinha, á testa de um poderoso exército, exigir que sua tia, D. Teresa, lhe prestasse vassalagem.

6.ª LEITURA. — **Um castelo da Idade Média.** — Quem queria penetrar num castelo real ou senhorial \* da Idade Média encontrava como primeiro obstáculo um largo fôsso cheio de água. (Fig. 11.)

Do outro lado do fôsso, elevava-se espessa muralha ou *cêrca*, onde, de espaço a espaço, se erguiam tôrres formando saliência na muralha e mais altas do que ela. Chamavam-se *cubelos*.

Para entrar, que fazer? Caminhar ao longo do fôsso até avistar uma porta entre duas tôrres. Como porêr galgar o fôsso?

Do alto da porta pendiam fortes correntes de ferro, sustentando um estrado que, baixando, formava ponte sobre o fôsso. Era a *ponte levadiça*.

O alto da muralha achava-se guarnecido de pequenos parapeitos, separados uns dos outros por intervalos. Eram as *ameias*.

Aí se collocavam os defensores para atirarem ao inimigo pedras, virotes, etc., ou para despejarem sôbre as cabeças dos assaltantes barricas de pez e de azeite a ferver.

No interior da fortaleza havia outra tôrre, a *de menagem*, onde se refugiavam os defensores, quando o inimigo conseguia apoderar-se da *cêrca*.

Aí se defendiam até o último transe, sustentando a *menagem*, ou preto jurado ao suzerano.

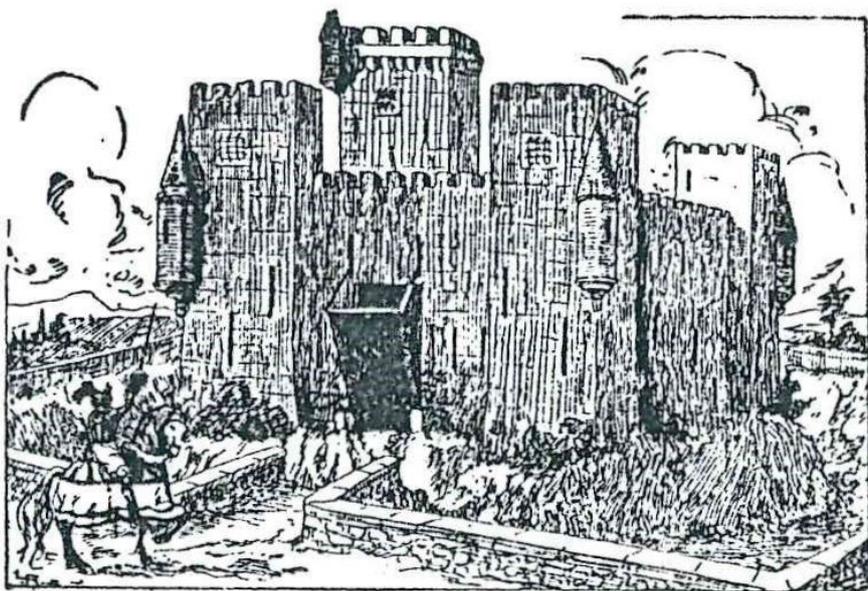


Fig. 11. — Um castelo da Idade Média.

64. Que succedeu por essa occasião?

| 65. Que vinha fazer Afonso VII?

66. Depois de tomar algumas praças e castelos, pôs cêrco a *Guimarães*, onde estava Afonso Henriques. (6.<sup>a</sup> Leitura.)

67. Vendo a impossibilidade de resistir, declarou-se o infante, a conselho dos que o rodeavam, vassalo da coroa leonesa.

68. D. Afonso VII levantou o cêrco, marchou contra D. Teresa, obrigando-a também a prestar vassalagem, e retirou-se em seguida para os seus estados.

### X. — **Revólta contra D. Teresa. — Batalha de S. Mamede.**

69. No ano seguinte, a revólta, interrompida pela invasão, rebentou com violência.

70. O partido de D. Teresa e o do infante vieram ás mãos no campo de **S. Mamede**, perto de Guimarães (1128), sendo desbaratado o primeiro.

71. D. Teresa ficou prisioneira e foi expulsa de Portugal, com o conde da Trava, morrendo no exílio \* dois anos depois (1130).

72. Apesar dos seus erros e fraquezas, devemos respeitar a memória desta princesa, porque sinceramente amou Portugal e se esforçou por tornal-o independente e grande.

#### RESUMO DO LIVRO I

I. — Em fins do século XI, *Afonso VI*, soberano de Leão, de Castela e de Galiza, sustenta grandes guerras com os Moiros.

Vem alistar-se no seu exército dois nobres estrangeiros, *Raimundo e Henrique de Borgonha*.

66. A que cidade pôs êle cêrco? — 67. Que fez o infante? — 68. Que fez Afonso VII? — 69. Que succedeu no ano seguinte? — 70. Que

se passou em S. Mamede? — 71. Que fim teve D. Teresa? — 72. Porque devemos respeitar a sua memória?

Em recompensa dos seus feitos de armas, obtêm Raimundo a mão de *D. Urraca*, filha de Afonso VI, e o govêrno do condado da *Galiza*. Henrique obtêm a mão de **D. Teresa**, filha também de Afonso VI, e o govêrno do **condado de Portucale**, que dependia do condado da Galiza.

II. — Por morte de Afonso VI, sobe ao trono de Leão e de Castela *D. Urraca*, que enviuvara do conde Raimundo. O condado portucalense torna-se independente *de facto* e D. Henrique procura por várias fórmãs alargar os seus domínios.

III. — Em 1114, falece D. Henrique, deixando um filho de três anos, **D. Afonso Henriques**.

Fica regente do condado **D. Teresa**, mãe do pequenino infante. Seguem-se lutas prolongadas entre D. Teresa, que pretende conquistar territórios na Galiza, e sua irmã, a rainha *D. Urraca*.

IV. — Parte da nobreza de Portugal indispõe-se com D. Teresa por causa dos favores excessivos que ela dispensa ao conde galego *Fernando Peres da Trava*.

À testa dos descontentes coloca-se o infante D. Afonso Henriques, que então contava dezasseis anos.

V. — Vai rebentar a revólta, quando Afonso VII, que sucedera no trono de Leão a sua mãe *D. Urraca*, invade súbitamente Portugal (1127).

Não reconhecendo a independência do condado, o monarca leonês vinha exigir que êste lhe prestasse vassalagem.

Para não cair prisioneiro do inimigo, o infante reconhece-se vassalo do rei de Leão. Outro tanto faz D. Teresa.

Os Leoneses retiram-se.

VI. — No ano seguinte, D. Afonso Henriques revólta-se contra sua mãe, exigindo-lhe a entrega do govêrno.

O partido de D. Teresa é desbaratado em **S. Mamede** (1128).

D. Teresa e o conde da Trava partem para o exílio.

D. Afonso Henriques assume o govêrno do país.

### EXERCÍCIO

Procurar na carta, pág. 10, os nomes abaixo indicados e dizer as recordações históricas que estão ligadas a êsses nomes :

*Condado da Galiza*, — *Condado portucalense*, — *Portucale*, — *Santarém*, — *Lisboa*, — *Cintra*, — *Pôrto*, — *Coimbra*, — *Zamora*, — *Guimarães*, — *S. Mamede*.



Fig. 12. — D. Afonso Henriques desbarata os Moiros em Ourique (1139).

## LIVRO II

### A CONQUISTA DO SUL

---

#### SÉCULOS XII E XIII

(1128-1279)

---

**D. AFONSO HENRIQUES** (1128-1185)

#### I. — **Guerras com Leão.**

**73.** Senhor do mando supremo, D. Afonso Henriques esqueceu-se da promessa de vassalagem feita em Guimarães a Afonso VII. (7.<sup>a</sup> Leitura.)

**74.** Três vezes sucessivas invadiu a Galiza, derrotando na batalhá de **Cerneja** (1137) os vassalos do soberano leonês.

#### II. — **Pazes com Leão. — Batalha de Ourique.**

**75.** Êste acudiu em pessoa, á frente de um poderoso exército, mas não chegou a haver batalha.

**76.** Por essa ocasião, tinham tambem os Moiros invadido Portugal, tomando e arrasando o castelo de *Leiria*.

---

73. De que se esqueceu Afonso Henriques quando ficou senhor do govêrno? — 74. Que

fez em seguida? — 75. Que fez o rei de Leão? — 76. Que acontecera entretanto?

**77.** Ameaçado ao mesmo tempo pelos Árabes ao sul, ao norte por Afonso VII, o infante assinou com este pazes em **Tui**, reconhecendo-se vassallo de Leão.

**78.** Voltando-se então contra os infiéis, destroçou-os na batalha de **Ourique** (1139). (Fig. 12.)

### III. — Novas guerras com Leão.

**79.** Repelidos os Árabes, D. Afonso, que não podia resignar-se ás humilhantes condições do tratado de Tui, invadiu a Galiza pela quarta vez (1140).

7.<sup>a</sup> LEITURA. — **Egas Moniz.** — Da promessa de vassalagem feita pelo infante Afonso Henriques ao rei de Leão, quando este o sitiava em Guimarães, ficara por fiador *Egas Moniz*, fidalgo poderoso e muito reputado como homem leal.

Afonso VII não exigira outro penhor e levantara o cêrco.

Quando ficou senhor do reino, Afonso Henriques não quis mais ouvir falar de vassalagem, mas Egas Moniz é que não esqueceu o seu juramento.

Partiu para Toledo onde estava Afonso VII; e, seguido de sua mulher e filhos, apresentou-se perante êle, descalço e com uma corda ao pescoço, para remir com a propria vida e a dos seus a sua palavra de cavaleiro. (Fig. 13.)

Maravilhado de tão raro exemplo de lealdade, Afonso VII não aceitou o sacrificio e deixou partir Egas Moniz livre e sôlto.

Descança Egas Moniz no antigo convento de Paço de Sousa. No seu túmulo, toscamente lavrado, figurava outrora a imagem do cavaleiro, tendo ao pescoço a corda com que se apresentara ao rei de Leão.



Fig. 13. — Egas Moniz perante Afonso VII.

77. Que resolução tomou D. Afonso Henriques? — 78. Que facto se deu em 1139?

— 79. Que succedeu depois da derrota dos Moiros?

80. Pela sua parte, Afonso VII penetrou em Portugal e os dois exércitos encontraram-se em **Valdevez**.

81. Também não houve então batalha, mas sim um **torneio**\* de que saíram vencedores os Portugueses.

#### IV. — D. Afonso Henriques rei de Portugal.

82. Assinaram-se tréguas\* e Afonso Henriques tomou o título de rei, que Afonso VII lhe reconheceu três anos depois pelo *tratado de Zamora* (1143). (Fig. 14.)



Fig. 14. — D. Afonso Henriques.

8.<sup>a</sup> LEITURA. — **O Papa.** — Nesse tempo como agora, o Papa era o bispo de Roma e o chefe da Igreja católica romana. (Fig. 15.)



Fig. 15. — Um papa.

Éra porê m mais poderoso do que hoje, não porque tivesse maior lôrça material, mas porque as armas\* espirituais de que dispunha inspiravam maior terror.

— O Papa, dizia Inocêncio III, deve ser tão superior aos reis como o sol é superior à lua.

Os reis, com efeito, reconheciam a supremacia do Papa e inclinavam-se perante a sua autoridade.

Se se revoltavam contra ela, o Papa lançava-lhes a *excomunhão*, isto é, punha-os fóra da comunhão dos fiéis.

Por êste facto, os vassallos do monarca excomungado ficavam desligados do juramento de obediência e podiam resistir às suas ordens.

Se a excomunhão não bastava, o Papa lançava o *interdito* sobre os estados do soberano rebelde. O clero privava dos sacramentos não só o monarca como todos os seus súbditos; não celebrava casamentos, não administrava a *extrema-unção*, nem acompanhava enterros.

Os sinos deixavam de tocar em todas as igrejas do reino interdito

80. Onde se encontraram os Portugueses e os Leoneses? — 81. Houve dessa vez batalha?

— 82. Como acabou a contenda?

**83.** Para assegurar a coroa aos seus descendentes, Afonso Henriques colocou o seu reino sob a protecção do *Papa*, de quem se declarou vassalo, obrigando-se a pagar-lhe um tributo anual. (8.<sup>a</sup> Leitura.)

## V. — Guerras com os Moiros.

**84.** Daí em diante, a vida de D. Afonso Henriques é um contínuo pelear com os Moiros.

9.<sup>a</sup> LEITURA. — **A Tomada de Santarém.** — Santarém era nesse tempo defendida por um castelo, que os Moiros julgavam inexpugnável\*

Afonso Henriques resolveu tomá-lo.

Partiu de Coimbra com os seus homens de armas e alguns cavaleiros. Jornadeando de noite para dissimular a sua aproximação ao inimigo, chegou ao termo do quinto dia a curta distância da povoação.

Duas sentinelas velavam no castelo. Esperaram largas horas os guerreiros cristãos, em meio de uma seara, que esses dois vigias adormecessem. Afinal cederam ao sono.

Então um dos cavaleiros de Afonso tentou, com a ponta da lança, segurar uma escada às ameias; faliu porém o tiro e a escada caiu com grande estrépito. Não hesitou o cavaleiro. Trepando aos ombros de um soldado, lançou as mãos ao bôrdô da muralha, pulou para cima desta e pôde amarrar a escada.

Logo o alféres subiu e hasteou o pendão real. Num relance, Afonso Henriques estava ao pé dos dois. (Fig. 16.)

O rumor acordou os vigias. — «Nazarenos!» gritaram com terror. Respondeu-lhes a voz formidável de Afonso Henriques, bradando: — «Aqui estou! aqui estou!»

Já por outra escada, que fôra arvorada, pulavam para dentro do castelo vinte e cinco homens de armas, que correram às portas, partindo-lhes os ferrolhos.

A hoste, que esperava fóra, entrou de tropel. Seguiu-se combate furioso; mas a resistência dos Moiros foi inútil. Santarém estava tomada

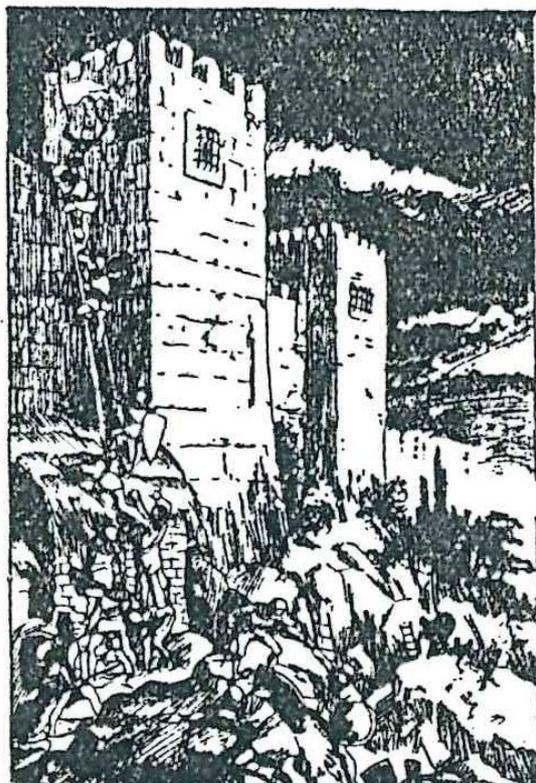


Fig. 16. — A tomada de Santarém.

85. Em 1147 reconquista o monarca, por surpresa e de assalto, **Santarêm** que os Árabes haviam tomado ao conde D. Henrique. (9.<sup>a</sup> Leitura.)

## VI. — Os Cruzados. — Tomada de Lisboa. Conquistas aos Moiros.

86. Nesse mesmo ano, entra no Pôrto uma armada de **Cruzados**, que seguia para a *Palestina*. (10.<sup>a</sup> Leitura.)

10.<sup>a</sup> LEITURA. — **Os Cruzados.** — Jerusalém, onde se acha o túmulo do Cristo, e que então como hoje estava em poder dos Muçulmanos, era visitada por inúmeros peregrinos.



Fig. 17. — Os Cruzados á vista de Jerusalém.

Um deles, *Pedro*, Eremita da diocese d'Amiens, França, jurou arrancar os Lugares Santos á dominação dos infiéis.

Numa grande reunião de bispos e de nobres, presidida pelo papa Urbano II, em Clermont (1095), Pedro o Eremita contou os maus tratos que os Turcos faziam sofrer em Jerusalém aos romeiros cristãos. A assembleia,

indignada, rompeu aos gritos de «*Deus o quer! Deus o quer!*» e logo ficou decidida uma expedição contra os infiéis.

O papa distribuiu cruces de fazenda vermelha, que os assistentes pregaram no ombro. Dai o nome de *Cruzadas*, atribuído á guerra santa e o de *Cruzados* aos que tomaram parte nessas expedições.

A primeira cruzada, capitaneada por Pedro o Eremita, foi destruída pelos Turcos antes de chegar a Jerusalém.

A segunda, cujo chefe era um valente e nobre guerreiro, Godofredo de Bouillon, duque de Lorena, conseguiu, ao têrmo de fadigas e sofrimentos inacreditáveis, tomar Jerusalém e fundar um reino cristão. (Fig. 17.)

Houve ainda mais sete cruzadas, sendo a última em 1270. Nela morreu S. Luis, rei de França.

87. Auxiliado por êles, Afonso Henriques pôs cêrco a **Lisboa**.

88. Ao cabo de três mêses de resistêcia, Lisboa capitula \* e é barbaramente saqueada pelos cruzados.

89. **Alcácer do Sal**, então praça fortíssima e que repelira duas investidas anteriores, *Évora, Beja, Serpa*, muitas outras povoações e inúmeros castelos caem sucessivamente em poder do rei de Portugal.

90. Em tôda a parte pelega Afonso Henriques como um simples cavaleiro, sempre na vanguarda, expondo-se a todos os perigos e sendo ferido mais de uma vez.

## VII. — Últimos anos de Afonso Henriques.

91. Cometeu Afonso Henriques em 1169 o êrro de quebrar as pazes com o rei de Leão, tentando apoderar-se de **Badajós**, que pertencia a êste monarca.

92. Era êle então **Fernando II** filho de Afonso VII.

93. Sitiava Badajós o rei de Portugal quando foi surpreendido pelas fôrças de Fernando II.

94. Querendo fugir precipitadamente, quebrou uma perna e foi feito prisioneiro.

95. Generosamente, porém, o rei de Leão concedeu-lhe a liberdade, exigindo apenas a restituição dos territórios de que êle se apoderara.

96. Os Moiros ainda por várias vezes invadiram Portugal, sendo sempre repelidos. (11.<sup>a</sup> Leitura.)

87. Que empresa tentou o rei? — 88. Que fim teve o cêrco de Lisboa? — 89. Que outras conquistas fez o rei de Portugal? — 90. Como se comportava nas guerras o soberano? — 91. Que êrro cometeu Afonso Henriques? —

92. Quem era o rei de Leão? — 93. Que succedeu a Afonso quando sitiava Badajós? — 94. De que desastre foi vítima? — 95. Que fim teve esta guerra? — 96. Que houve mais com os Moiros?

## VIII. — Morte de D. Afonso Henriques.

97. Em 6 de dezembro de 1185, descansou em fim Afonso Henriques de quasi sessenta anos de combates.

98. Os seus grandes feitos de armas e os vastos territórios, que arrancou aos infiéis, valeram-lhe o cognome histórico de o *Conquistador*.

99. As suas cinzas repousam na igreja de *Santa Cruz de Coimbra* e um monumento em Guimarães perpetua a fama do seu nome.

11.ª LEITURA. — Os Fronteiros. — Os Árabes denominavam *Gharb*, que significa «Ocidente», todo o território que ocupavam nesta parte da península.

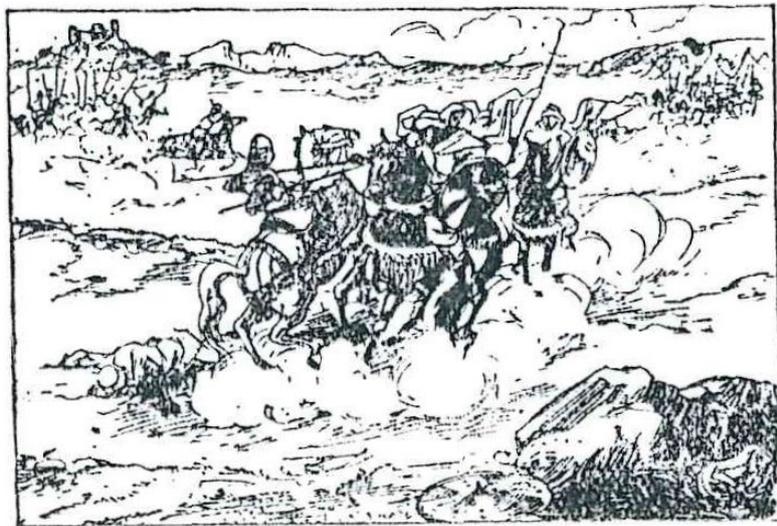


Fig. 18. — Um fossado.

A fronteira portuguesa do *Gharb* estava defendida por castelos que se erguiam em quas todas as colinas.

Dava-se o nome de *fronteiros* aos capitães ou governadores dessas fortalezas, escolhidos entre os mais nobres e bravos cavaleiros.

As suas únicas distrações eram a caça e a guerra, e mais ainda guerrear do que caçar.

De quando em quando, vestiam as suas pesadas armaduras, montavam a cavalo e, seguidos de outros fidalgos e de homens de armas, penetravam a rédea solta no território inimigo.

Iam talando\* os campos, destruindo os rebanhos, incendiando as povoações, até toparem com algum partido de guerreiros moiros.

Travava-se então furioso combate corpo a corpo. Montantes\* e alfanges\* trabalhavam rijamente. (Fig. 18.)

Terminada a luta, os cristãos, vencedores ou vencidos, tornavam a passar a fronteira, regressando aos seus castelos.

A essas correrias em território inimigo dava-se o nome de *fossados*

97. Quando morreu Afonso Henriques? —  
98. Porque foi êle chamado o *Conquistador*?

— 99. Onde está sepultado e onde lhe se levantado um monumento?

**D. SANCHO I (1185-1211).****IX. — Guerras com Moiros e Leoneses.**

**100.** Seu filho e sucessor **D. Sancho**, também valente guerreiro, arrebatou, auxiliado por outra armada de cruzados, **Silves** aos Moiros (1189). (Fig. 19.)

**101.** Êstes, porém, em 1197, retomam Silves e todos os territórios (excepto *Évora*) conquistados por Afonso Henriques para além do Tejo, que volta a ser a fronteira sul do país.

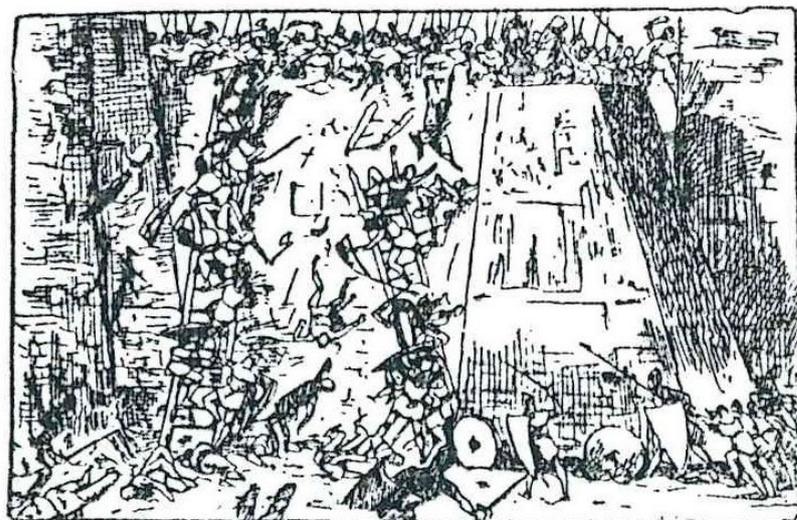


Fig. 19. — O cerco de Silves.

**102.** Sustentou ainda Sancho I prolongada luta com o rei de Leão, sem proveito nem glória para nenhum dos dois.

**X. — Povoação do reino.**

**103.** Tantos anos de guerras e de devastações haviam empobrecido Portugal e dizimado a sua pequena população.

**104.** Sancho dedicou-se activamente á tarefa de reorganizar a *defesa* das fronteiras e de desenvolver a *povoação* do país, pelo que foi denominado o *Povoador*.

**105.** Levantou e reparou *castelos*, instituiu *concelhos*\*, fundou aldeias e vilas, doou vastos territórios

100. Que cidade conquistou D. Sancho? —  
101. Que fizeram os Moiros? — 102. Com  
quem guerreou ainda D. Sancho? — 103. Qual

era a situação de Portugal? — 104. Que fez  
D. Sancho? — 105. Que medidas tomou?



às *ordens religiosas* para que os defendessem e cultivassem. (12.<sup>a</sup> Leitura.)

106. Não contente com isto, atraíu a Portugal numerosos *colonos* estrangeiros, aos quais fez mercê de terras, onde se estabeleceram e prosperaram

## XI. — Lutas com o clero.

107. Os últimos anos da vida de Sancho foram amargurados por graves conflitos com os poderosos bispos do Pôrto e de Coimbra.

12.<sup>a</sup> LEITURA. — **As ordens religiosas militares.** — Eram quatro as ordens de Freires militares: a do *Templo*, a do *Hospital* ou de *S. João de Jerusalém*, a de *Avis* e a de *Santiago da Espada*.



Fig. 20. — Os Templários em oração antes de carregarem o inimigo.

Essas ordens foram os mais poderosos auxiliares dos primeiros reis de Portugal nas suas lutas com os Moiros.

Sempre na vanguarda do exército cristão, rivalizavam entre si em bravura e desprezo pela morte.

Um cavaleiro do *Hospital* não podia fugir enquanto o número dos seus adversários não fôsse superior a três.

Na tomada de Alcácer e mais tarde na con-

quista do Algarve, os cavaleiros de *Santiago* cobriram-se de glória.

Antes de carregarem o inimigo, os cavaleiros do *Templo* ou *Templários*, envoltos em grandes mantos brancos, guardavam silêncio profundo. (Fig. 20.)

Quando o Mestre da Ordem dava o sinal, que um trombeta repetia, os freires erguiam os olhos ao ceu e entoavam o psalmo de David: «Não a nós, Senhor, não a nós, mas dá gloria ao teu nome!» Depois, esporeando os seus possantes ginetes, arremessavam-se de lança em riste e ao seu impeto ninguém resistia.

A ordem do *Templo* em Portugal foi por D. Denis transformada na de Cristo.

106. Que mais fez para repovoar o país?— } de D. Sancho?  
107. Que succedeu nos últimos anos da vida

108. O povo era pelo rei contra o clero, do qual tinha também fortes motivos de queixa; mas o Papa era pelo clero contra o rei.

109. Sancho, que a princípio se mostrara de uma energia extrema, aconselhado pelo seu chanceler Julião, cedeu ao sentir que a morte se aproximava.

110. O povo, cuja defesa tomara, viu-se abandonado por êle e os bispos saíram triunfantes da contenda.

13.<sup>a</sup> LEITURA. — **Os Fidalgos.** — Nos primeiros tempos da monarchia, a autoridade do rei não se exercia igualmente em todo o país.

Nas terras e distritos pertencentes á coroa, o poder real era absoluto.

Cada uma dessas terras era governada por um rico-homem em nome do soberano.

Havia porém terras que não pertenciam ao rei, mas sim a *fidalgos*. Chamavam-se essas terras *coutos e honras*.

Os seus donos tinham grandes privilégios \*, cobravam tributos e podiam levantar tropas como o rei. Todos os rendimentos dos seus *coutos e honras* eram para êles e nada davam á coroa.

Eram porém vassallos desta e portanto obrigados, em tempo de guerra, a ir com as suas *mesnadas*

(a sua gente de guerra) combater debaixo das ordens do monarca. (Fig. 21.)

Os senhores de *coutos e honras* cometiam grandes abusos e procuravam alargar os seus domínios, apoderando-se de terras pertencentes á coroa.

Os mais poderosos mostravam-se arrogantes com o rei e também entre si travavam contendas, que não raro degeneravam em lutas sangrentas.

Eram muito ignorantes; pouquissimos sabiam ler. Só davam aprêço á bravura física e á destreza no manejo das armas.



Fig. 21. — Um fidalgo.

108. Quem tinha as simpatias do povo e quem as do Papa? — 109. Que mudança se

deu em D. Sancho? — 110. Como acabou a contenda?

## D. AFONSO II (1211-1223).

## XII. — As Côrtes de Coimbra.

111. Sucedeu-lhe no trono seu filho **Afonso II**, o *Gordo*, que iniciou o govêrno, reunindo em Coimbra uma **cúria** (côrtes), em que tomaram parte *prelados, ricos-homens* e muitos outros *fidalgos*. (13.<sup>a</sup> Leitura.)

112. Promulgaram essas côrtes várias leis e ampliaram ainda os privilégios de que já gozava o clero. (14.<sup>a</sup> Leitura.)

14.<sup>a</sup> LEITURA. — **Os Clérigos.** — Os *clérigos* ou membros do *clero* constituíam uma classe mais ilustrada do que a dos nobres; os seus chefes, os *bispos*, eram mais poderosos do que os simples *fidalgos*.



Fig. 22. — Bispo á testa da sua mesnada.

que teve por várias vezes de se humilhar perante a dêles.

O sentimento religioso, vivíssimo nesses tempos, incitava os fiéis a fazerem doações e legados dos seus bens a sés e mosteiros.

Assim se iam acumulando em poder da Igreja riquezas enormes em dinheiro e em terras. constituídas também estas últimas em coutos e honras, como as dos *fidalgos*.

Bispos e abades, senhores de tais riquezas, eram também homens de guerra, vestiam armadura por baixo da túnica, montavam a cavalo (fig. 22) e tomavam parte, á frente das suas mesnadas, em fossados e combates contra os *Moiros*.

XIII. — **Guerras civis.**

113. Legara por testamento Sancho I senhorios de importantes terras a suas filhas.

114. Afonso II não quis cumprir esses legados, do que resultaram discórdias e guerras entre o monarca e suas irmãs.

115. O litígio\*, afinal, foi sujeito ao papa Inocência III, que atribuiu ao soberano a propriedade das terras e ás infantas os rendimentos.

XIV. — **A batalha das Navas de Tolosa. Tomada de Alcácer do Sal.**

116. Entretanto o rei de Castela, ameaçado por uma grande invasão muçulmana, pediu auxílio a todos os príncipes da cristandade e Afonso II mandou-lhe tropas numerosas.

117. Os Moiros foram completamente desbaratados em **Navas de Tolosa** (1212), onde a infantaria

15.ª LEITURA. — **Os Vilãos.** — Os homens, que não eram fidalgos nem clérigos, denominavam-se *vilãos* (de *vila*, povoação).

Os vilãos não eram todos iguais entre si; formavam muitas classes, umas superiores ás outras, mas todas sujeitas a obrigações de diversa natureza.

Os vilãos, que habitavam nas terras do rei, dependiam d'este por intermédio do *rico-homem*.

Os que viviam em *coutos e honras* dependiam directamente dos senhores d'esses domínios.

Tanto uns como os outros pagavam pesados tributos em dinheiro,



Fig. 23. -- Um vilão.

113. Que legara Sancho I a suas filhas?  
—114. Que fez Afonso II e que succedeu depois?—115. Como acabou a contenda?—

116. Que se passou com o rei de Castela?  
—117. Diga o que sabe da batalha das Navas de Tolosa?

portuguesa, composta de *vilãos* dos concelhos, mostrou bravura igual á dos nobres cavaleiros. (15.<sup>a</sup> Leitura.)

118. Em 1217, auxiliados por outra armada de cruzados, retomam os Portugueses Alcácer do Sal, perdido no reinado anterior.

### XV. — **Conflitos com a nobreza e o clero.**

119. Não era grande guerreiro Afonso II e evitava os campos de batalha; muito cioso, porém, da autoridade real, procurou sempre fortalecê-la.

120. Afrontou com energia as iras dos nobres, opondo-se a abusos que êles praticavam.

121. Teve também graves discórdias com o clero e particularmente com o poderoso arcebispo de Braga, que se viu forçado a fugir de Portugal.

122. Nem a ameaça da excomunhão papal fez trepidar o monarca português, que sustentou a luta com firmeza inabalável.

123. Dos ódios que a sua política suscitou veio a ser vítima o seu sucessor.

#### CONTINUAÇÃO DA 15.<sup>a</sup> LEITURA

gêneros e serviços pessoais. Eram explorados e oprimidos com dureza. (Fig. 23.)

Havia porém lugares onde desfrutavam situação mais favorável: eram os *concelhos* ou *municípios*, povoações a que haviam sido reconhecidos certos fóros e regalias.

Em grande número de concelhos, os habitantes tinham o direito de eleger os magistrados que haviam de julgar as suas demandas.

Além disso, pagavam menos tributos e gozavam de maior independência do que os que viviam em terras pertencentes á coroa, ou em *coutos* e *honras*.

Por isso muitos dêstes últimos fugiam para os concelhos, onde não podiam ser perseguidos, porque os concelhos tinham também o direito de asilo.

118. Que feito de armas ocorreu depois? — 119. Como era Afonso II? — 120. Qual foi a sua atitude para com a nobreza? — 121. Que

lhe sucedeu com o clero? — 122. Como procedeu D. Afonso? — 123. Que resultados teve a sua política?

## D. SANCHO II (1223-1248).



## XVI. — Novas conquistas aos Moiros.

124. D. Sancho II era moralmente o contrário de seu pai: valente guerreiro, monarca frouxo e indolente.

125. Em diversas expedições contra os Moiros, tomou-lhes *Elvas*, *Serpa*, *Jeromenha*, rechaçando-os de todo o Alentejo.

126. Invadindo depois o Algarve, conquistou-lhes *Mértola*, *Aiamonte*, *Tavira*, cortando-lhes-todas as comunicações por terra com a Espanha.

## XVII. — O rei governa mal.

127. O reino crescia em território, mas era mal governado.

128. Abusando da índole fraca do rei, os fidalgos praticaram violências e excessos condenáveis.

129. O clero, cada vez mais arrogante, reclamava sempre mais regalias\* e privilégios.

130. Como Sancho lhe não concedesse tudo quanto exigia, dirigiu ao Papa, contra o soberano, violentas acusações de imoralidade e de incapacidade.

131. O abandono em que o rei deixava os negócios públicos, sobretudo desde o seu casamento com *D. Mécia Lopez de Haro*, justificava até certo ponto estas acusações.

## XVIII. — Deposição e morte de D. Sancho II.

132. O Papa retirou o govêrno de Portugal a D. Sancho (1247), confiando-o, por êste não ter descen-

124. Como era D. Sancho II? — 125. Quais foram as suas primeiras conquistas? — 126. Que outras conquistas fez? — 127. Qual era a situação de Portugal? — 128. Que faziam os

fidalgos? — 129. Que fazia o clero? — 130. Que resolução tomou o clero? — 131. Que fundamento tinham as acusações contra o rei? — 132. Que fez o Papa?

dentes directos, a seu irmão **D. Afonso**, que vivia em França.

133. Pensou D. Sancho ainda em resistir, mas vendo-se abandonado por quasi todos, retirou-se para *Toledo* (Castela), onde faleceu meses depois. (16.<sup>a</sup> Leitura.)

134. Afiliara-se em tempo D. Sancho na ordem de S. Francisco. Daí o seu nome de *Capelo*.\*

### D. AFONSO III (1248-1279).

## XIX.—Conquista do Algarve. Conflito com Castela.

135. Pouco depois de subir ao trono Afonso III,

16.<sup>a</sup> LEITURA.—**Martim de Freitas**.—Coimbra foi a única terra que se conservou fiel a Sancho II. Era alcaide de seu castelo Martim de Freitas.



Fig. 24. — Martim de Freitas verifica que D. Sancho II está morto.

Vieram sitiá-la as tropas do conde de Bolonha.

O cêrco foi apertado e os sitiados sofreram grandes privações. Mas nem promessas nem assaltos conseguiram vencer a resistência de Martim de Freitas, até que chegou a nova da morte de Sancho II, exilado em Toledo.

Não quis o leal alcaide render-se ainda. Podia ser mentirosa a notícia. Obteve do conde de Bolonha autorização para ir a Toledo certificar-se da morte do rei.

Chegado lá, fez abrir a sepultura onde êle jazia e meteu no braço do cadáver as chaves do castelo. Tirando-lhas depois, voltou para Portugal e entregou-as a Afonso III. (Fig. 24.)

Maravilhado de tanta fidelidade, queria êste mantê-lo no seu lugar de alcaide. Martim de Freitas não só recusou, como declarou amaldiçoar aquele dos seus descendentes que recebesse castelo de rei algum e por êle lhe fizesse menagem.

133. Como acabou D. Sancho?—134. Porque lhe deram o cognome de o *Capelo*?—

135. Que sucedeu pouco depois de subir ao trono Afonso III?

o que restava por conquistar do Algarvê cai em poder dos Portugueses.

136. Os Moiros são definitivamente expulsos de Portugal, cujos limites passam a ser com pequena diferença os actuais.

137. Apresenta-se porêem o rei de Castela a reclamar como domínio da sua coroa a província conquistada aos Árabes.

138. Fundava-se aquele soberano na doação que lhe fizera do Algarve o último *vali* (governador moirisco), que o regera.

139. Segue-se um período de lutas e incidentes, que só termina em 1267 pelo reconhecimento, por Castela a Portugal, da posse completa do Algarve.

## XX. — Govêrno de Afonso III.

140. Afonso III, que o povo cognominou o *Bolonhês*, por haver sido casado com D. Matilde, condessa de Bolonha, toma daí em diante o título de *rei de Portugal e do Algarve*.

141. Governa com intelligência e tino, protegendo os municípios, concedendo **forais**\* a numerosas povoações, protegendo a agricultura e a colonização do país.

142. Em 1254, reúne em Leiria côrtes, onde pela primeira vez tem voto o **terceiro estado**, representado pelos procuradores dos municípios (17.<sup>a</sup> Leitura).

17.<sup>a</sup> LEITURA. — **As Côrtes.** — No tempo em que os Visigodos dominavam na península, costumavam os reis convocar de tempos a tempos *concílios*, ou assembleias compostas de altos membros do clero, nas quais se tratava principalmente de negócios da Igreja.

135. Que aconteceu aos Moiros e que limites passou a ter Portugal? — 137. Que fez por essa ocasião o rei de Castela? — 138. Em que se fundava a sua pretensão? — 139. Quan-

do e como terminou o conflito? — 140. Por que era chamado o *Bolonhês* Afonso III e que título tomou? — 141. Como governou êle? — 142. Que se passou em 1254?

XXI. — **Discórdias com o clero.**

143. Devera porêr Afonso III a coroa á protecção do clero e fizera-lhe promessas excessivas.

144. Não pôde depois cumpri-las todas e o clero, segundo o seu costume, recorreu para Roma.

145. O papa lançou a excomunhão contra o monarca que, sentindo aproximar-se a morte, se submeteu como Sancho I.

XXIII. — **Fim do período de conquista.**

146. Neste reinado ficou Portugal constituído na livre posse do seu território continental\*. Vamos vê-lo

## CONTINUAÇÃO DA 17.ª LEITURA

Os reinos cristãos da Reconquista conservaram essa instituição, modificando-a. Os nobres, que haviam adquirido grande valimento com as guerras, eram admitidos nessas assembleias, que passaram a chamar-se *cúrias*, e que, além dos assuntos religiosos, discutiam questões de interêsse do Estado, tais como: novas leis, novos tributos, etc.

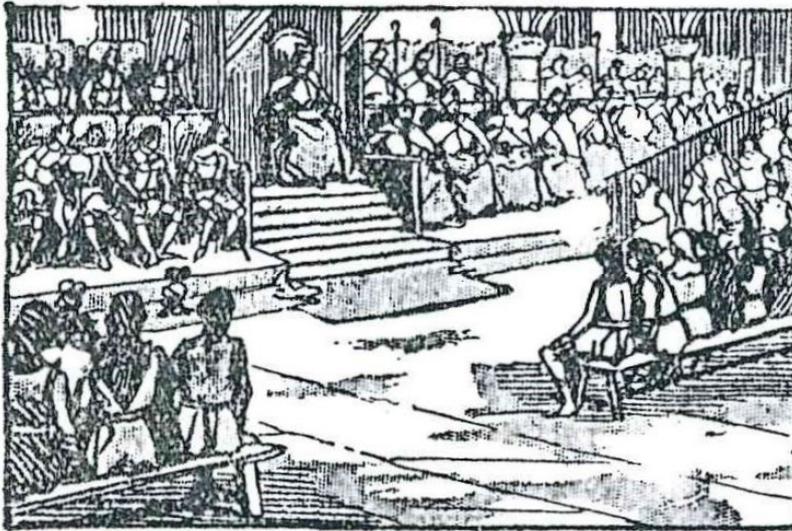


Fig. 25. — Córtes de Leiria.

A primeira *cúria*, que houve em Portugal, foi, como vimos, a de 1211 em Coimbra, no reinado de Afonso II. Nela tomaram parte prelados, ricos-homens e fidalgos unicamente.

Pelo tempo adiante começou a adquirir fôrça e influência, sob a protecção real, uma terceira ordem: a dos habitantes dos concelhos e municípios.

As *córtes* de Leiria, no reinado de Afonso III, foram as primeiras em que estiveram representados os *três estados do reino*. (Fig. 25.)

*Estado* quer dizer: classe, condição. Havia o estado do *clero*, o estado da *nobreza*, e o *terceiro estado* o povo dos concelhos e municípios.

143. Em que situação estava o rei para com o clero?— 144. Quais foram as conseqüências?— 145. Que fez o papa?— 146.

Que importância teve este reinado para Portugal?

agora organizar-se, desenvolver-se, preparar-se para altos destinos.

## RESUMO DO LIVRO II

**I.—Afonso Henriques** não se resigna á condição de vassalo de **Afonso VI** de Leão. Sustenta com êste campanhas sucessivas até que obtem d'êle o reconhecimento do seu título de rei (1143).

O antigo **condado de Portucale** passa a ser um reino livre e independente.

Afonso Henriques, que já destroçara os Moiros em **Ourique** (1139), toma-lhes **Santarém, Lisboa, Évora, Beja** e muitas outras cidades e castelos.

A sua longa vida é um continuo pelear com os infiéis.

**II.—Sancho I** arrebatou **Silves** (1189) aos Moiros, mas êstes, anos depois (1197), reconquistam não só esta praça como todo o território para além do Tejo, com excepção de Évora

Sancho consagra-se então a desenvolver a *povoação* do reino e a reorganizar a sua *defesa*.

Entre o soberano e o clero travam-se conflitos de que o rei sai vencido.

**III.—Afonso II** convoca as primeiras **côrtes** que houve em Portugal (1211).

Por não querer cumprir legados feitos a suas irmãs por seu pai **D. Sancho**, tem com as princesas graves discórdias, a que põe termo uma decisão do Papa.

Em auxílio contra os Moiros manda tropas ao rei de Castela, que se ilustram na vitória das **Navas de Tolosa** (1212).

Arrebatou aos Arabes **Alcácer do Sal**, importante praça de guerra (1217).

Com o clero e a nobreza sustenta lutas, em que revela grande firmeza e energia.

**IV.—Sancho II** retoma brilhantemente a ofensiva contra os Moiros, expulsando-os de todo o **Alentejo** e conquistando-lhes parte do **Algarve**.

Governa porém mal o reino.

O clero e a nobreza ligam-se contra êle e obtêm que o Papa lhe retire o govêrno e o confie a seu irmão, **D. Afonso**.

Sancho II, abandonado por quási todos, sai de Portugal e morre no exílio.

**V.—Afonso III** completa a *conquista do Sul*, expulsando os Moiros do país. O seu govêrno é habil e prudente.

Graças á sua protecção desenvolvem-se a agricultura e a colonização do reino.

Reúne em Leiria **côrtes** (1254), onde pela primeira vez tomam assento

Como os reis anteriores, tem dificuldades com o clero, a cujas exigências acaba por ceder, depois de haver sido excomungado pelo Papa.

Neste reinado passam os limites de Portugal a ser com pequena diferença os actuais.

O reino está constituído. Vai agora organizar-se e desenvolver-se.

---

---

### EXERCÍCIO

Procurar na carta, pag. 43, os nomes abaixo indicados e dizer as recordações históricas que estão ligadas a êsses nomes:

*Leiria, — Tui, — Ourique. — Valdevez. — Santarém, — Lisboa, — Alcácer do Sal, — Évora, — Beja, — Serpa, — Badajoz, — Guimarães — Silves, — Coimbra, — Navas de Tolosa, — Elvas, — Jeromenha, — Mertola, — Alentejo, — Tavira.*

---

---



Fig. 26. — O povo aclama o mestre de Avis nas ruas de Lisboa.

## LIVRO III

### ORGANIZAÇÃO DO REINO

SÉCULOS XIII E XIV  
(1279-1385).

**D. DENIS** (1279-1325).

#### I. — O novo rei.

147. Recebera **D. Denis** de professores franceses instrução muito superior á da maior parte dos príncipes do seu tempo.

148. Dotado de grande inteligência e de carácter firme, soube governar admiravelmente o seu país.

149. Teve a princípio de sustentar uma luta contra seu irmão *D. Afonso*, que lhe disputava o trono.

#### II. — A Rainha Santa.

150. Terminou a contenda, graças á intervenção de **D. Isabel**, mulher de D. Denis e filha do rei

147. Como foi educado D. Denis? — 148. Que qualidades tinha e como governou? —

149. Que acontecen no princípio dêste reinado? — 150. Como terminou a contenda?

de Aragão, reconciliando-se os dois irmãos. (18.<sup>a</sup> Leitura.)

151. A bondade angélica, a sublime caridade e outras virtudes desta princesa tornaram imortal a sua memória.

152. A Igreja canonizou-a, isto é, inscreveu-a no rol das santas.

18.<sup>a</sup> LEITURA.—A Rainha Santa.—D. Isabel era filha de Pedro III de Aragão.

Os pobres, os enfermos, os desvalidos tiveram sempre nela mãe desvelada e carinhosa.



Fig. 27. — A rainha Isabel no campo de Alvalade.

Fundou os hospitais de Coimbra, de Leiria, de Santarém, o convento de Santa Clara e outras instituições religiosas e de caridade.

Nas contendas entre o rei e seu filho, a sua intervenção evitou desgraças irreparáveis.

Quando os dois exércitos iam começar a luta no campo de Alvalade (Campo Grande), a rainha acudiu, passando através das fileiras dos combatentes e os seus rogos move-

ram D. Afonso a congregar-se com seu pai. (Fig. 27.)

A imaginação do povo atribuiu-lhe vários milagres, dos quais o mais conhecido é o das rosas.

Estava a rainha Isabel—diz a lenda—distribuindo moedas de ouro, que levava no regaço, aos operários do convento de Santa Clara, quando sobreveio inesperadamente D. Denis, que decerto lhe teria censurado a prodigalidade. As moedas, porém, transformaram-se em rosas no regaço da rainha.

Este milagre também se conta de outra forma: aos operários, que construíam uma igreja em Leiria, deu a soberana rosas que se converteram em ouro.

Quando no reinado seguinte, rebentaram discórdias entre Afonso IV e o rei de Castela, a santa rainha, apesar de velha e doente, meteu-se a caminho para ver se reconciliava os dois monarcas. A morte, porém, surpreendendo-a em meio da jornada, não a deixou desempenhar mais uma vez o seu papel de anjo pacificador.

### III. — Excelente govêrno de D. Denis.

153. Mereceu D. Denis o glorioso nome de o *Lavrador* pela grande protecção que dispensou á *lavoura*\*, e particularmente á *viticultura*\* que é hoje a nossa principal riqueza.

154. Entre outras medidas úteis, ordenou a plantação do *pinhal de Leiria*, que veio a fornecer mais tarde a madeira com que se construíram as caravelas\* dos nossos grandes navegadores.

• 155. A marinha militar e a mercante, o comércio, a indústria mineira\* também receberam do soberano benéfico impulso.

156. Ao seu grande amor pelas letras e sciências se deve a fundação da **Universidade**, que, estabelecida primeiro em Lisboa (1290), foi transferida depois para Coimbra (1307).

157. Poeta e prosador distinto, atraíu á sua côrte os mais ilustres engenhos\* do seu reino, dispensando-lhes mercês e protecção.

158. Com o clero e a nobreza soube mostrar-se firme e justo, respeitando os seus direitos, mas reprimindo os seus abusos.

### IV. — Revóltas do infante.

159. No fim dêste ótimo reinado, o infante **D. Afonso**, futuro herdeiro da coroa, pegou em armas por duas vezes contra seu pai e soberano.

153. Porque se deu a D. Denis o cognome de *Lavrador*?—154. Cite uma das suas medidas úteis?—155. A que deu êle benéfico impulso?—156. Que fundou êle?—157. Quem

atraíu êle á sua côrte?—158. Como procedeu com o clero e a nobreza?—159. Que succedeu no fim do seu reinado?

160. As tropas, que o seguiram, praticaram atrocidades em algumas regiões do país.

161. Deu origem a tal rebelião imaginar o infante que D. Denis lhe preferia outro filho seu, chamado



Fig. 28. — D. Denis antes de morrer perdôa a seu filho.

*Afonso Sanches*, (do qual não era mãe D. Isabel) e se dispunha a legar-lhe o trono.

162. Tanto de uma vez como da outra, a intervenção de D. Isabel evitou que viessem às mãos as tropas do rei e as do infante.

163. D. Denis perdoou no seu leito de morte ao filho rebelde. (Fig. 28.)

#### D. AFONSO IV (1325-1357).

#### V. — Guerra com Castela.

164. Uma filha de Afonso IV de Portugal desposara Afonso XI, rei de Castela.

165. Graves ofensas, que de seu marido recebeu a princesa portuguesa, foram, além de outros motivos, origem de uma guerra entre Afonso IV e seu genro.

166. Prolongou-se a luta alguns anos, sem resultados decisivos.

160. Que fizeram as tropas do infante?—  
161. Que origem teve esta rebelião?—162. Que conseguiu D. Isabel?—163. Que fez D. Denis antes de morrer?—164. Com quem

casara Afonso XI de Castela?—165. Qual foi a causa da guerra?—166. Que se passou em seguida?



gens do **Salado** (1340). A derrota dos Árabes foi completa.

170. Pelo valor de que deu provas nessa batalha e também pela violência do seu génio, ficou o soberano português conhecido na história pelo cognome de *o Bravo*.

## VII. — Governo de Afonso IV. D. Inês de Castro.

171. Foi Afonso IV excelente administrador do seu reino, seguindo as melhores tradições de seu pai e promulgando leis utilíssimas.

19.<sup>a</sup> LEITURA. — **Inês de Castro e D. Pedro.** — Casara o infante D. Pedro com D. Constança, filha de D. João Manuel, poderoso vasalo e parente do rei de Castela.



Fig. 29. — Afonso IV e os seus ruins conselheiros.

Das damas, que acompanharam a infanta a Portugal, era a mais formosa *D. Inês de Castro*, senhora de muito nobre linhagem\*.

D. Pedro não tardou em se apaixonar loucamente por ela e o seu amor foi correspondido.

Pouco viveu *D. Constança*, falecendo dias depois de nascer seu filho, o infante D. Fernando.

A ligação de D. Pedro e de D. Inês estreitou-se mais ainda.

Os fidalgos, que rodeavam Afonso IV, começaram a sentir ciúmes do favor com que o infante acolhia os irmãos de D. Inês e outros senhores de Castela.

Persuadiram o monarca (Fig. 29.) de que, por sua morte, a influência dos *Castros* se tornaria absoluta em Portugal e de que o reino passaria a ser governado por Castelhanos. Para evitar este perigo, diziam eles, era necessario matar D. Inês.

Foi decidido que Inês morresse.

172. Manchou porêm o seu reinado, permitindo o bárbaro assassinio de **D. Inês de Castro** (1355), formosa senhora por quem se apaixonara perdidamente o infante **D. Pedro**, herdeiro da coroa. (19.<sup>a</sup> e 20.<sup>a</sup> Leituras.)

173. Louco de dor, o infante revoltou-se contra seu pai, assolando com as suas tropas o norte de Portugal.

174. Submeteu-se porêm pouco depois, a rogos de sua mãe, a rainha *D. Beatriz*.

**D. PEDRO I** (1357-1367).

### VIII. — D. Pedro vinga a morte de Inês.

175. Logo que subiu ao trono, D. Pedro não pensou

20.<sup>a</sup> LEITURA.—**A Morte de Inês.** — Vivia D. Inês de Castro no convento de Santa Clara, em Coimbra, com D. Pedro e três filhinhos que dêle tivera.

De Montemór, onde ficara planeado o crime, partiu para Coimbra D. Afonso IV, acompanhado de muitos fidalgos da sua côrte

Iam entre êles os que mais ardentemente haviam aconselhado ao soberano, a cruel resolução: Alvaro Gonçalves, Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco.

Sabia D. Afonso que o infante se ausentara de Coimbra por alguns dias para caçar.

À pobre Inês, que a repentina chegada do monarca sobressaltara, foi lida uma sentença que a condenava á morte

A infeliz caiu de joelhos, soluçando e implorando misericórdia para si e para as criancinhas, que haviam acudido aos gritos da mãe.

O rei, comovido, retirou-se, disposto a perdoar. Mas os ferozes conselheiros tanto com êle insistiram que lhe arrancaram estas palavras:— «Fazei o que quizerdes!»

Não ouviram mais. Correram ao convento e assassinaram Inês barbaramente. (Fig. 30.)



Fig. 30—Morte de Inês.

172. Que mancha pôs no seu reinado? —  
173. Que fez o infante? — 174. Como termi-

nou a revólta? — 175. Em que pensou D. Pedro logo que subiu ao trono?

senão em se apoderar dos assassinos de D. Inês, que se tinham refugiado em Castela.

176. Do soberano dêste país obteve a captura e a entrega de dois dêles, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, a quem mandou supliciar atrozmente. (Diogo Pacheco conseguiu fugir.)

177. Fez em seguida trasladar com extraordinária pompa o corpo de Inês de Coimbra para o convento de *Alcobaça*, onde lhe preparara um túmulo magnífico.

### IX. — Carácter de D. Pedro. Seu govêrno.

178. D. Pedro ficou célebre na história pelo rigor implacavel com que perseguia e punia os criminosos, fôsse qual fôsse a classe social a que pertencessem.

179. Daí o seu cognome de *Justiceiro*; óutros põrêm lhe chamaram *Cru* ou *Cruel* pela barbaridade de alguns dos castigos que applicou.

180. Nas côrtes que se reuniram em Elvas (1361), atendeu o soberano a grande número de reclamações do povo contra o clero e a nobreza e até contra magistrados de nomeação régia.

181. Graças á sua administração económica e á paz que se esforçou sempre por manter, Portugal desenvolveu-se e prosperou durante o seu curto reinado.

182. O povo, de quem era adorado, porque sempre o protegera contra os abusos dos grandes,

176. Que obteve do rei de Castela e que fez depois?—177. Que ordenou em seguida?—178. Porque ficou célebre na historia?—179. Porque lhe chamaram o *Justiceiro* e

tambem o *Cruel*?—180. Que se passou nas côrtes de Elvas?—181. Que effeitos teve o seu govêrno no país?—182. Que sentiu e que disse o povo quando êle morreu?

lamentou muito a sua morte, dizendo: — «Dez anos como êstes nunca houve em Portugal!» (21.<sup>a</sup> Leitura.)

**D. FERNANDO** (1367-1383).

## X. — Primeira guerra com Castela.

**183.** Seu sucessor, **D. Fernando**, encontrou as arcas do Estado a trasbordar de riquezas acumuladas por seu pai e pelos anteriores monarcas.

**21.<sup>a</sup> LEITURA. — D. Pedro, o Justiceiro.** — D. Pedro era excessivo em tudo, na cólera, na alegria e até no amor pela justiça.

Quando se enfurecia, era terrível. Costumava trazer, suspenso da cinta, um azorrague, com que açoitava os que tinham a desgraça de incorrer na sua ira, sendo necessário por vezes arrancar-lhos das mãos.

O seu ódio aos maus e aos criminosos cegava-o a ponto de o tornar cruel e sanguinário.

A par d'isto, era folgazão até a extravagância.

Quando vinha de Almada para Lisboa, iam esperá-lo ao desembarque os mercadores da Rua Nova com danças e descantes, segundo a usança do tempo.

D. Pedro saltava em terra, metia-se nas danças e seguia bailando com os populares até ao paço. (Fig. 31.)

Certa noite em que não podia dormir, mandou acordar toda a gente no paço e saiu com ela para a rua, levando o resto da noite a dançar através da cidade, ao som de trombetas e á luz de archotes, com grande surpresa e gáudio da população que acudira ás portas e janelas.



Fig. 31. — D. Pedro I bailando com o povo.

184. Em vez de as empregar útilmente, dissipou-as em guerras funestas e insensatas.

185. O rei de Castela, *Pedro* (tambem chamado o *Cruel*, como o pai de D. Fernando) fôra assassinado por seu irmão, *Henrique de Trastamara*, que se aposara da coroa.

186. Pretendeu D. Fernando arrancar-lha, ambicionando reunir na sua mão os dois scetros de Castela e de Portugal.

187. Para êste fim aliou-se com o rei de Aragão, cuja filha prometeu desposar.

188. A guerra, que travou em seguida com D. Henrique, durou dois anos (1369-1371) e foi desastrosa para Portugal.

189. No tratado de paz que lhe pôs termo, ajustou-se que D. Fernando casaria com a filha do rei de Castela, faltando assim ao seu compromisso com D. Leonor de Aragão.

### XI. — D. Leonor Teles. Revólta popular.

190. A esta promessa mentiu porêm como á primeira, pois daí a pouco desposou secretamente **D. Leonor Teles de Menezes**, por quem se apaixonara, apesar de ser já casada.

191. O povo, que não queria D. Leonor como rainha, amotinou-se violentamente, reclamando que o soberano tomasse para espôsa a infanta castelhana. (22.<sup>a</sup> Leitura.)

192. A revolta foi sufocada, punidos de morte os seus chefes e D. Fernando tornou então público o seu enlace clandestino.

184. Que fez D. Fernando?—185. Que se passara em Castela?—186. Que pretendeu D. Fernando?—187. Que prometeu êle ao rei de Aragão?—188. Fale da guerra que

se seguiu?—189. Que se ajustou no tratado de paz?—190. Que fez D. Fernando?—191. Que não queria o povo e que fez?—192. Que resultado teve a revolta?

## XII. — Segunda guerra com Castela.

193. Cometeu pouco depois o êrro de se aliar com o *duque de Lancaster*, príncipe inglês, genro de D. Pedro o *Cruel*, de Castela, e que por tal motivo pretendia o trono deste país.

194. Dispunha-se D. Fernando a atacar outra vez D. Henrique, quando êste, antecipando-se ao ataque, invadiu Portugal e veio pôr cêrco a Lisboa. (23.<sup>a</sup> Leitura.)

22.<sup>a</sup> LEITURA. — **D. Leonor Teles.** — Foi na côrte da sua meia irmã, D. Beatriz, filha de D. Inês de Castro, que D. Fernando encontrou D. Leonor Teles e se enamorou dela. O marido de D. Leonor chamava-se João Lourenço da Cúnha.

Era muito formosa D. Leonor, mas tinha uma alma pérfida e cruel.

Quando constou que o rei a queria tomar para esposa, o povo, amotinado, correu ao paço. A vozeria da turba assustou o soberano, que mandou perguntar que lhe queriam.

Em linguagem rude e enérgica, o alfaiate *Fernão Vasques*, tratou D. Leonor de «m mulher e feiticeira» e declarou que o povo não permitiria tal casamento. (Fig. 32)

D. Fernando mandou responder que nunca pensara em desposar D. Leonor e que no dia seguinte iria em pessoa ao mosteiro de S. Domingos, para onde convidava o povo, explicar-se com êle sobre o assunto.

Em vez porém de comparecer no local aprazado, o rei fugiu com D. Leonor para Santarém e de lá tomou as medidas necessárias para sufocar o mouim. Os cabeças dêste fôram presos e os seus bens confiscados.

D. Leonor vingou-se ferozmente de Fernão Vasques.

O pobre alfaiate morreu na fôrca.



Fig. 32.—Fernão Vasques falando ao povo

195. A capital defendeu-se com valentia, mas sofreu cruelmente, ficando incendiada e destruída em parte.

196. A intervenção de um legado\* do Papa decidiu D. Henrique a levantar o cerco e a assinar com D. Fernando pazes que foram humilhantes para Portugal.

23.<sup>a</sup> LEITURA. — **O Alcaide de Faria.** — Num dos combates que assinalaram esta campanha, caiu prisioneiro dos Castelhanos Nuno Gonçalves, alcaide\* do castelo de Faria.



Fig. 33.—Nuno Gonçalves exorta o filho a não entregar o castelo de Faria aos Castelhanos

Ficára na sua ausência governando o castelo um filho seu.

Receoso o alcaide de que este, sabendo seu pai cativo, cedesse aos inimigos a fortaleza para o libertar, pediu ao chefe castelhano que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castelo, pois queria exortar seu filho a entregar-se sem resistência.

Cercado de homens de armas, foi Nuno Gonçalves levado até perto

do fôssco (fig. 33). Um arauto\* chamou Gonçalo Nunes, a quem seu pai falou assim:

— Sabes de quem é o castelo confiado á tua guarda?

— Sei, ó meu pai! é do nosso senhor e rei, D. Fernando de Portugal.

— Sabes que o dever de um leal alcaide é preferir a morte á desonra de entregar o seu castelo ao inimigo?

— Sei, sim, ó meu pai! respondeu Gonçalo Nunes, a tremer de que os Castelhanos ouvissem o que seu pai lhe aconselhava.

— Pois se o sabes, exclamou o alcaide, cumpre o teu dever, alcaide de Faria. Maldito sejas tu no inferno, se os que me cercam entrarem nesse castelo sem tropeçarem no teu cadáver!

Palavras, não eram ditas, caiu varado de muitos golpes, gritando ainda: — Defende-te, alcaide!

Gonçalo Nunes defendeu-se como um leão e os Castelhanos tiveram de levantar o cerco.

**197.** Nesta guerra portou-se deploravelmente o rei português, deixando-se ficar em Santarém e abandonando aos horrores do assédio a capital do seu reino.

### XIII. — Curto intervalo de paz. Medidas úteis.

**198.** Seguiu-se um periodo de tranquilidade, que D. Fernando aproveitou para cercar Lisboa de muralhas e adoptar algumas medidas úteis em favor da marinha, do comércio e da agricultura.

### XIV. — Terceira guerra com Castela.

**199.** O fraco espírito do monarca era porêr dominado por D. Leonor.

**200.** Incitado por ela, envolveu-se D. Fernando em nova guerra contra Castela, sempre para sustentar as pretensões do duque de Lancaster.

**201.** Reinava então naquele país **D. João I** que sucedera a seu pai D. Henrique.

**202.** A campanha foi desastrosa para nós mais uma vez.

**203.** Depois de destruir a frota \* portuguesa na batalha naval de **Saltes**, a armada castelhana veio atacar Lisboa, cujos arredores foram de novo assolados e saqueados.

**204.** As tropas inglêsas, que Lancaster mandou a Portugal em refôrço ás do seu aliado, trataram o reino como país inimigo e nenhum auxílio chégaram a prestar, porque D. Fernando daí a pouco assinava pazes com o rei de Castela.

197. Como se portou D. Fernando nesta guerra? — 198. Que se passou em seguida? — 199. Que influência tinha D. Leonor sobre o rei? — 200. Que resultou dessa influência?

— 201. Quem reinava em Castela? — 202. Foi nos favoravel a campanha? — 203. Que fez a armada castelhana? — 204. Que serviços nos prestaram os Ingleses?

### XV. — O último êrro de D. Fernando.

203. Antes de morrer (1383), cometeu ainda D. Fernando o maior êrro do seu reinado, dando sua única filha, **D. Beatriz**, por espôsa ao rei D. João I de Castela.

206. Adquiriu assim este monarca direitos á coroa de Portugal, visto não ter seu sogro descendente varão.

207. Frouxo, inconstante, sem palavra, embora inteligente e talvez bom no fundo, D. Fernando, (denominado o *Formoso* pelos seus dotes físicos), causou grandes males á sua pátria e merece que a história o julgue com severidade.

#### INTERREGNO (1383-1385)

### XVI. — Regência de D. Leonor.

208. Logo que D. Fernando fechou os olhos, tomou D. Leonor a regência do reino, mandando que se proclamasse rainha de Portugal sua filha D. Beatriz, mulher de D. Joao I de Castela.

209. Os nobres estavam dispostos pela maior parte a reconhecê-la como herdeira da coroa.

210. O povo, porém, não queria que Portugal passasse para o dominio de Castela e alvoroçou-se em muitos pontos do país.

211. As simpatias populares eram nesse momento em favor do infante D. Joao, filho de D. Inês de Castro, o qual estava em Castela.

212. Receoso da sua popularidade, o soberano

203. Qual foi o maior êrro de D. Fernando? — 206. Que resultado dá esse êrro? — 207. Como se deve julgar D. Fernando? — 209. Que fez D. Leonor? — 209. Em que disposições se ava-

la a nobreza? — 210. Que e que o povo não queria? — 211. Para quem se inclinavam as suas simpatias? — 212. Que fez então o rei de Castela?

dêste país mandou-o prender, fazendo constar que viria em breve, á testa de um exercito, reclamar a coroa de Portugal para sua mulher, D. Beatriz.

215. O povo português viu-se desamparado, sem chefe, incapaz portanto de resistir ao invasor; os tumultos continuavam em todo o país.

## XVII. — O Mestre de Avis. Morte de Andeiro.

214. Então outro filho de D. Pedro I, o **Mestre de Avis**, D. João, que era tambem muito simpático ao povo, decidiu-se a uma tentativa suprema para salvar a independência da pátria.

215. O principal agente de Castela em Portugal era um filiação galego, **João Fernandes Andeiro**, conde de Ourém, a quem D. Leonor dispensava protecção escandalosa e a quem o povo detestava.

216. Tornava-se necessária a sua morte. O Mestre de Avis foi ao Paço, onde estava o vaído e matou-o pelas suas próprias mãos, quasi á vista da rainha.

217. O povo levantou-se com entusiasmo e aclamou **Defensor do Reino** o Mestre de Avis. (Fig. 26.)

218. Seguida de grande parte da nobreza, D. Leonor retirou-se, primeiro para *Alenquer* e depois para *Santarém*, onde, a seu pedido, se lhe veio reunir o rei de Castela com um forte exercito.

219. Sobrevieram porém discórdias entre o soberano e sua sogra e esta foi encerrada num convento de Castela onde acabou os seus dias.

213. Em que situação ficou o povo português? — 214. Quem era o Mestre de Avis e que decisão tomou? — 215. Quem era o principal agente de Castela? — 216. Que fez o Mestre

de Avis? — 217. Que fez o povo? — 218. Que resolução tomou D. Leonor? — 219. Que fim teve D. Leonor?

## XVIII. — Terceiro cerco de Lisboa. Batalha dos Atoleiros.

220. Os Castelhanos sitiaram apertadamente Lisboa, que se defendeu com heroísmo por detrás das suas novas muralhas (maio de 1384).

221. Pouco antes (abril) um exército castelhano,

24.<sup>a</sup> LEITURA. — **D. Nuno Alvares Pereira.** — O mais fiel amigo do Mestre de Avis e o seu mais illustre campeão. A sua vida foi um rosário de façanhas.



Fig. 34. — Nuno Alvares Pereira em Valverde.

Em 1382, andavam os Castelhanos saqueando os arredores de Lisboa. D. Nuno emboscou-se em Alcântara com alguns homens de armas e, surpreendendo um partido inimigo, atacou-o e pô-lo em fuga.

Voltaram os Castelhanos em maior número para tomar a desforra. Os nossos hesitaram. Então D. Nuno deu de esporas e correu sózinho ao inimigo, distribuindo cutiladas e lançadas.

Varado de golpes, o seu cavalo foi a terra, ficando D. Nuno debaixo d'ele. Estava por um fio a vida do herói, quando os Portugueses, acudindo, o salvaram, repelindo os Castelhanos.

Anos depois, ao invadir Castela, apresentou-se-lhe um arauto\* a desafiá-lo da parte da nobreza, que lhe enviava ao mesmo tempo um mó-lho de varas. D. Nuno deu cem dobras ao arauto, acrescentando: — «Dizei aos que vos mandam que lhes agradeço as varas que me oferecem, pois com elas os castigarei a todos.» Dias depois batia-os em *Valverde*.

D. Nuno era muito religioso. Nessa batalha de Valverde, houve um momento em que os Portugueses estiveram em grande perigo. Os inimigos eram tantos que os nossos se sentiram desanimar. Procura-se o condestável e não se encontra. Afinal vão dar com êle ajoelhado entre dois rochedos, orando fervorosamente. (Fig. 34.) Querem interrompê-lo, mas êle faz sinal com a mão para que o deixem concluir a reza. Terminada esta, torna a montar a cavalo, arremessa-se ao inimigo e ganha a vitória.

220. Fale do segundo cerco de Lisboa? — | círculo?  
221. Que sucedera pouco antes de começar o

que invadira o Alentejo, fôra derrotado no lugar dos **Atoleiros** pelos Portugueses três vezes inferiores em número.

222. Comandava a hoste portuguesa **D. Nuno Alvares Pereira** que já se ilustrara na última guerra com os Castelhanos, contando então vinte anos apenas. (24.<sup>a</sup> Leitura.)



Fig. 35. — O rei de Castela levanta o cêrco de Lisboa.

225. Não podendo vencer a resistência da capital e vendo o seu arraial\* dizimado pela peste, o rei de Castela levantou o cêrco (setembro) e retirou-se para os seus Estados. (Fig. 35.)

25.<sup>a</sup> LEITURA. — **As quatro dinastias.** — Dá-se o nome de *dinastia* a uma série de soberanos que se sucedem na mesma família.

A primeira série de reis de Portugal principiou, como vimos, com **D. Afonso Henriques**, filho de **D. Henrique**, conde de Borgonha. Por isso se chama: **DINASTIA DE BORGONHA**.

Extingue-se com **D. Fernando**, cujo sucessor directo, isto é, sua filha, **D. Beatriz de Castela**, não chegou a reinar em Portugal.

Começa outra série com **D. João I**, que não obteve o trono por sucessão, mas sim por livre escolha do povo português.

Esta segunda dinastia denomina-se de **Avís**, nome da ordem de cavalaria de que era Mestre o seu fundador.

Veremos mais adiante terminar com o cardinal **D. Henrique** a **DINASTIA DE AVÍS** e seguir-se-lhe outra composta dos três reis de Espanha que fôram também soberanos de Portugal e que, por se chamarem todos *reis Felipes*, tornaram conhecida a sua série sob o nome de **DINASTIA FELIPINA**.

Expulsos de Portugal os Espanhois, começa com **D. João IV** a **DINASTIA DE BRAGANÇA**, do nome da casa ducal de que era chefe o seu fundador. Cessou de reinar com o seu último representante, **D. Manuel II**, deposto do trono pela Revolução de outubro de 1910.

Recapitulando: quatro dinastias reinaram em Portugal: 1.<sup>a</sup> a de *Borgonha*; 2.<sup>a</sup> a de *Avís*; 3.<sup>a</sup> a *Felipina*; 4.<sup>a</sup> a de *Bragança*.

222. Por quem eram comandadas as tropas portuguesas? — 223. Como acabou o cêrco

de Lisboa?

## XIX.—Côrtes de Coimbra. O Mestre aclamado rei.

224. Meses depois (abril 1385), reuniram-se côrtes em Coimbra.

225. Perante elas demonstrou o sagaz doutor em leis *João das Regras* serem ilegítimas as pretensões de D. Beatriz e dos filhos de D. Inês de Castro á coroa portuguesa.

226. As côrtes aclamaram rei de Portugal o Mestre de Avís. (25.<sup>a</sup> Leitura.)

### RESUMO DO LIVRO III

I — **D. Denis** príncipe inteligente e ilustrado, governa o reino com grande acêrto. A seu lado a rainha **D. Isabel**, que a Igreja depois santificou, dá o exemplo de todas as virtudes.

D. Denis desenvolve a agricultura, o comércio e a marinha, funda a *Universidade*, protege as letras e as sciências.

No fim do seu reinado, seu filho, o infante D. Afonso, revolta-se contra a sua autoridade.

Acaba porém por submeter-se e obtem o perdão de seu pai.

II.—Por questões de familia, move **Afonso IV** guerra ao rei de Castela,

Os Moiros porém, invadem a península e os dois soberanos cristãos aliam-se para lhes resistir.

O nosso exército, unido ao castelhano, desbarata os infiéis na batalha do **Salado** (1340):

D. Afonso IV administra bem o país, mas desonra o seu reinado, permitindo o bárbaro assassinio de **D. Inês de Castro**.

Por êste motivo se revolta contra êle seu filho, o infante D. Pedro, que por fim se submete.

III.—Logo que sobe ao trono (1357), manda **D. Pedro I** aplicar atroz supplicio aos assassinos de D. Inês.

Governa com justiça, severidade e economia. Mostra-se amigo do povo e este lamenta a sua morte.

IV.—Sucede-lhe **D. Fernando** (1367), príncipe fraco e inconstante.

A ambição de reunir á coroa de Portugal a de Castela arrasta-o a uma guerra desastrosa.

Durante o seu reinado Portugal sofre três invasões castelhanas.

Sob a influencia detestável de sua mulher, **D. Leonor Teles**, comete D. Fernando muitos erros, sendo o maior de todos o dar sua filha única, **D. Beatriz**, por espôsa ao rei de Castela.

V. — Falecido **D. Fernando** (1383), cabe a regência á rainha viúva, **D. Leonor**, que manda proclamar rainha de Portugal sua filha, a rainha de Castela.

O povo não quer porêr em poder dos Castelhanos e torna-se tumultuoso.

O **Mestre de Avis**, filho de **D. Pedro I**, apodera-se do govêrno e o povo aclama-o *Defensor do reino*.

Pela quarta vez entram os Castelhanos em Portugal e vem pôr cerco a Lisboa, que resiste energicamente.

O inimigo, que já sofrera um revés nos **Atoleiros**, é obrigado a levantar o cerco e a retirar-se do reino.

O Mestre de Avis é eleito rei de Portugal pelas côrtes de Coimbra (1385).

---

---

### EXERCÍCIO

Procurar na carta, pag. 43, os nomes abaixo indicados e citar as recordações históricas que se ligadas a esses nomes:

*Salado, — Alcobaça, — Lisboa, — Alenquer, — Santarém, — Atoleiros, — Coimbra.*

---

---



Fig. 36. — A embaixada de D. Manuel ao papa Leão X

## LIVRO IV

### OS GRANDES DESCOBRIMENTOS

SÉCULOS XIV, XV E XVI  
(1385-1521)

**D. JOÃO I** (1385-1433).

#### I. — **Aljubarrota e Valverde.**

227. Em 1385, o rei de Castela invade novamente Portugal á testa de um poderoso exército, praticando abomináveis atrocidades.

228. Encontra-se com os Portugueses em **Aljubarrota** (14 de agosto) e aí sofre completa e memorável derrota. (26.<sup>a</sup> Leitura.)

229. Pouco depois, Nuno Álvares passa a fronteira e ganha em território inimigo a batalha de **Valverde** contra outro exército castelhano.

230. Estava assegurada a independência de Portugal, mas as hostilidades entre as duas nações pro-

227. Que sucede em 1385? — 228. Onde se encontraram os dois exércitos e que aconteceu ao castelhano? — 229. Que fez Nuno Al-

vares Pereira? — 230. Qual foi o resultado destas vitórias? Quando termina a guerra?

longam-se ainda, com intervalos de tréguas \*, até 1411, firmando-se então a paz.

## II. — Governo de D. João I. Empresa de Ceuta.

231. Sob o governo sensato e prudente de D. João I, Portugal prospera. O seu exército e a sua marinha tornam-se mais fortes.

232. A instâncias de seus filhos, os infantes **D. Duarte**, **D. Pedro** e **D. Henrique**, anciosos de se ilustrarem pelas armas, D. João I resolve-se em 1315 a ir com uma bela esquadra conquistar **Ceuta** aos Moiros.

26.<sup>a</sup> LEITURA. — **A Batalha de Aljubarrota.** — O exército castelhano era cinco ou seis vezes maior do que o nosso.

Orgulhoso da sua fôrça, tinha a vitória como certa e escarnecia do nosso pequeno número.

Do lado português estava-se resolvido a lutar até a morte.

A *Ala dos namorados*, comandada por Nuno Alvares Pereira, esperava com impaciência o sinal do combate. Dois cavaleiros, Gonçalo Eanes de Castelvide e Vasco Martins de Melo, haviam feito voto: aquele, de ferir o primeiro golpe da batalha, êste, de aprisionar o rei de Castela, ou pelo menos de pôr-lhe a mão.

Era já meio dia quando os Castelhanos nos atacaram. Correu-lhes ao encontro a vanguarda portuguesa com o condestável á frente. Travou-se furioso combate.

Eram tantos os inimigos que romperam a nossa linha. Mas D. João I acudiu com a reserva. A luta tornou-se desesperada. O nosso rei fazia prodígios de valor e com a sua acha de armas derribou três ou quatro Castelhanos.

Todas as nossas forças atacaram o inimigo, que se embaraçou nos carros das bagagens e começou a desordenar-se. A bandeira castelhana

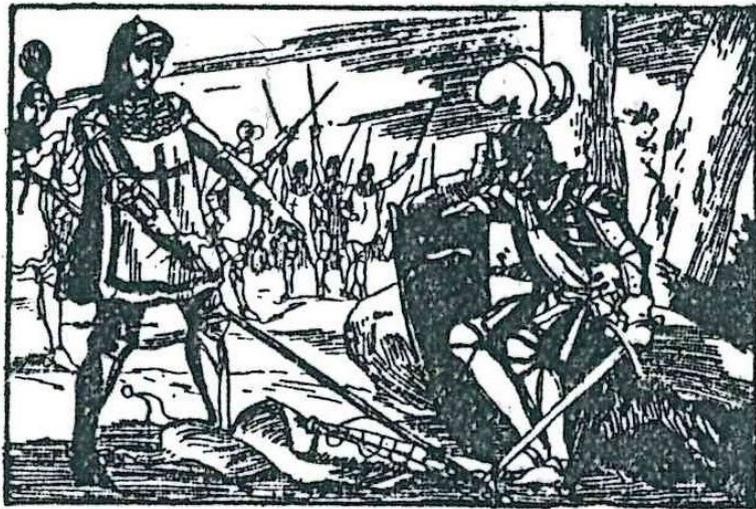


Fig. 37. — A bandeira real de Castela aos pés de D. João I

255. Ceuta, opulenta cidade da África do norte, é tomada de assalto pelos Portugueses, distinguindo-se os infantes pela sua bravura nesse combate.

### III.—Primeiros descobrimentos dos Portugueses.



Fig. 38.—O infante D. Henrique

254. De volia de Ceuta, o infante D. Henrique (fig. 38) funda em **Sagres** a escola de navegação que foi a origem de todos os nossos descobrimentos. (27.<sup>a</sup> Leitura.)

255. Em 1418, e 1419 *João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz e Bartolomeu Prestrelo* inauguram essa grande época, descobrindo as ilhas de **Pòto Santo** e de **Madeira**.

256. Mais tarde, em 1431, encontra *Gonçalo Velho Cabral* uma das ilhas dos **Açores**, a que dá o nome de *Santa Maria*. As restantes são descobertas sucessivamente.

257. Em 1434 **Gil Eanes**, escudeiro do infante, dobra enfim o *cabo*\* *Bojador*. (28.<sup>a</sup> Leitura.)

#### CONTINUAÇÃO DA 26.<sup>a</sup> LEITURA

caíu por terra. Foi o sinal da derrota. O rei de Castela fugiu á rédea solta do campo de batalha. Tomado de pavor, o seu exército debandou-se.

No fim da batalha, D. João I, cansado de combater, deixou-se cair sentado numa pedra. Apareceu então Vasques de Almada, que lhe desdobrou aos pés a bandeira real de Castela por êle conquistada (Fig. 37.)

Gonçalo Eanes pôde cumprir o seu voto. Menos feliz, Martins de Melo, que se lançara a galope em perseguição do rei de Castela, foi morto no momento em que ia pôr-lhe a mão como jurara.

Em memoria deste grande triunfo, mandou D. João I erigir o magnífico templo da Batalha.

233. Qual foi o resultado da expedição?—  
234. Que fez depois o infante D. Henrique?  
—235. Quais foram os primeiros descobri-

ram?—236. Quando e por quem foi descoberta a primeira ilha dos Açores?—237. Que fez Gil Eanes em 1434?

## IV.—Morte de D. João I.

258. Um ano antes dêste memorável feito terminara o feliz reinado de D. João I, de *Boa Memória*.

27.<sup>a</sup> LEITURA.—O Infante D. Henrique.—No principio do século xv, o Oceano Atlantico inspirava ainda profundo terror aos maritimos.

Não ousavam êstes afastar-se muito de terra e aventurar-se nesse mar desconhecido.

Os mais arrojados, navegando ao longo da costa africana para o oeste, não haviam passado além do cabo Bojador.

Presentiu o infante D. Henrique que para lá dêsse limite haveria a descobrir terras importantes e talvez o caminho maritimo para a Índia.

De volta de Ceuta, onde colhera informações que haviam fortalecido a sua crença, foi estabelecer-se no promontório de Sagres, junto ao cabo S. Vicente



Fig. 39.—O Infante D. Henrique em Sagres.

Nessa ponta árida e deserta, batida pelo mar, fundou, além do seu palácio, uma escola de navegação, um observatório astronómico e oficinas para construção de navios.

Aí reuniu os melhores mapas e livros de geografia e os mais perfectos instrumentos nauticos do seu tempo (Fig. 39)

Chamou do estrangeiro geografos illustres e com êles e alguns dos cavaleiros da sua casa se entregou a profundo estudo das cartas maritimas e da arte de navegar

Todos os anos um navio, armado á sua custa e capitaneado por um cavaleiro ou escudeiro a seu serviço, partia á descoberta, mar em fora

Assim se foram descobrindo ilhas e terras novas e tornando mais afoitos e arrojados os navegadores portugueses.

Quando o infante morreu (1460), deixava reconhecida a costa africana até Serra Leoa e preparado o descobrimento do caminho maritimo para a Índia. (V. Planisfério, pag. 73)

**D. DUARTE** (1433-1438).

## V.—Expedição de Tânger. Cativoiro de D. Fernando.

239. Desejando ardentemente alargar os domínios portugueses em África, D. Henrique incitou seu irmão, o rei D. Duarte, a empreender a conquista de *Tânger*.

240. Opôs-se o infante D. Pedro a tal projecto, mas o rei acabou por ceder ás instâncias de D. Hen-

28.<sup>a</sup> LEITURA. — **O Mar Tenebroso.** — Acêrca do mar, que se estende para além do cabo Bojador, corriam nesse tempo histórias que amedrontavam os marinheiros mais intrépidos.

Dizia-se que, a partir de certo ponto, a agua se tornava negra como tinta, levantando-se em vagalhões enormes e cavando-se em sorvedoiros, que tragariam os navios que os afrontassem.



Fig. 40. — O infante D. Henrique avista no horizonte a caravela de Gil Eanes.

Era o **MAR TENEBROSO**, onde tambem se encontravam ilhas povoadas de fantasmas e de monstros, das quaes viajante que lá se aventurasse não sairia mais com vida.

Em outras lendas, pelo contrário, o mar, em vez de tenebroso, era um oceano de luz, semeado de ilhas côr de esmeralda, onde havia cidades com muralhas de ouro.

Gil Eanes, um dos escudeiros do infante, já em 1433 tentara dobrar o temido promontório, mas o pavor dos marinheiros fôra tal que tivera de renunciar á empresa.

Exortou-o D. Henrique a recommençar a tentativa.

No anno seguinte, Gil Eanes partiu no mesmo barco e regressou pouco depois, tendo dobrado o cabo com toda a facilidade. (Fig. 40.)

O infante armou-o cavaleiro e fez-lhe grandes mercês.

A façanha de Gil Eanes foi importante sobretudo por ter dissipado o terror supersticioso que o famoso cabo inspirava e quebrado assim a barreira que se opunha a novos descobrimentos.

rique e aos rogos de **D. Fernando**, o mais novo de seus irmãos.

241. Mal organizada e composta de forças insuficientes, a expedição sofreu completo desastre (1437).

242. Cercados por inimigos inumeráveis, os Portugueses tiveram de capitular.

243. Para não ficarem prisioneiros dos Moiros, aceitaram a condição, imposta por êstes, de lhes ser restituída Ceuta.

244. Como penhor do cumprimento desta promessa, ficou D. Fernando em poder dos vencedores.

245. A entrega de Ceuta era porê m sacrifício de tal ordem para Portugal que D. Duarte não pôde resolver-se a fazê-lo.

246. D. Fernando nunca foi resgatado e veio a morrer cativo em Fez \*, ao cabo de seis anos de martírio (1443). (29.<sup>a</sup> Leitura.)

## VI. — Morte de D. Duarte.

247. Consumido pela amargura de não poder salvar o irmão querido e pelo desgosto de ver o seu reino assolado pela peste, D. Duarte sobrevivera um ano apenas (1438) ao desastre de Tânger.

248. Bom, inteligente, instruído, autor de vários livros, (pelo que foi chamado o *Eloquente*), D. Duarte deveu parte dos infortúnios do seu curto reinado ao seu carácter fraco e hesitante.

241. Que aconteceu á expedição? — 242. A que foram obrigados os Portugueses? — 243. Que condição tiveram de aceitar? — 244. Que succedeu com D. Fernando? — 245. Como

procedeu D. Duarte? — 246. Que destino teve D. Fernando? — 247. Que fim teve D. Duarte? — 248. Diga o que sabe do espirito e do carácter de D. Duarte.

## D. AFONSO V (1438-1481).

## VII.—Regências da rainha e do infante D. Pedro.

249. Quando D. Duarte faleceu, tinha apenas seis anos **D. Afonso V.**

250. No seu testamento nomeara D. Duarte, tutora

29.ª LEITURA. — **O Infante Santo.** — Vendo os Mouros que se não cumpria a promessa de se lhes entregar Ceuta, levaram D. Fernando para Fez.

Debaixo de um sol abrasador, teve o infeliz de fazer a jornada, montado num sendeiro lazarento, ridiculamente arreado. Atras seguitam os outros prisioneiros, amarrados sobre béstas de carga. A gente, que acudia ao caminho para os ver passar, apedrejava-os, atirava-lhes lama,



Fig. 41. — D. Fernando cativo em Fez.

cuspiam-lhes na cara, gritando com escárneo: — «Venham ver o rei dos cristãos!»

O regente de Fez, Iazuraque, foi para o infante e os seus companheiros verdugo sem piedade. Não havia suplicio que não inventasse para os atormentar.

Obrigava-os a cavar com uma enxada desde o nascer até o pôr do sol. (Fig. 41.) Pelo mais insignificante motivo lançava-os em horribes mas-

mas, cobria-os de trilhões, punha-os a pão e a uva. A partir de certa época, D. Fernando foi encarregado de varrer e limpar as cavalariças do palácio de Fez!

Suportou o infante o seu longo martirio com a resignação de um santo. Nunca se lhe ouviu um queixume, mesmo depois de perder a esperança de ser resgatado.

Esquecendo os seus próprios sofrimentos, só pensava em aliviar os dos outros cativos.

Os últimos quinze meses da sua vida, passou-os num cárcere horrroso. O seu organismo debilitado não pôde resistir mais. Em junho de 1443 exalou o pobre martir o ultimo suspiro.

O seu cadáver esteve exposto quatro dias aos insultos do populacho. Jaz no mosteiro da Batalha, para onde, vinte e sete anos depois, o trouxe de África D. Afonso V.

249. Quem era o herdeiro da coroa e que idade tinha? — 250. Que determinara o rei

no seu testamento?

do pequeno rei e regente do reino sua mulher, a rainha *D. Leonor*, filha do rei de Aragão.

251. O povo porém não queria ser governado por uma estrangeira, que lhe era pouco simpática e que logo se mostrou incapaz de exercer tão alto cargo.

252. Seguiram-se tumultos e incidentes variados, ao cabo dos quais as côrtes tiraram a regência a *D. Leonor*, confiando-a ao infante *D. Pedro*.

253. Este príncipe, que adquirira muito saber e experiência em grandes viagens que fizera, administrou excelentemente o reino.

254. Logo que *D. Afonso V* chegou á maioridade (1146), *D. Pedro* entregou-lhe o govêrno, e, em seguida ao casamento de sua filha com o monarca, retirou-se para o seu castelo de Coimbra.

### VIII. — **Intrigas contra o infante. Combate de Alfarrobeira.**

255. Tinha porém *D. Pedro* inimigos poderosos, que persuadiram o moço rei de que seu tio e sogro tramava esbulhá-lo\* da coroa.

256. Avisado por sua filha de que *D. Afonso* se dispunha a vir prendê-lo, á testa de um forte exército, resolveu *D. Pedro* partir para Lisboa a fim de pedir justiça ao rei.

257. Encontraram-se a hoste do infante e as tropas reaes no sitio de **Alfarrobeira** (1449), travando-se curto combate, no qual *D. Pedro* e muitos outros cavaleiros acharam a morte.

251. Que pensava o povo? — 252. Que succedeu depois? — 253. Diga o que sabe do príncipe *D. Pedro*? — 254. Que fez *D. Pedro* quando *Afonso V* chegou á idade de reinar?

— 255. Que fizeram os inimigos de *D. Pedro*? — 256. Que resolveu o infante? — 257. Que se passou em Alfarrobeira?

### IX. — Expedições a Africa.

258. Ávido de conquistar glória pelas armas, D. Afonso V fez várias expedições a África, nas quais se mostrou soldado corajoso mas imprudente.

259. Sorriu-lhe porê m quasi sempre a fortuna e *Alcácer-Ceguer*, *Arzila* e a cubiçada Tânger caíram em seu poder.

260. Por êstes feitos, tomou D. Afonso o título de *Rei de Portugal e dos Algarves de aquê m e de alê m mar*, e a história deu-lhe o cognome de *o Africano*.

### X. — Guerra com Castela. Batalha de Toro.

261. Ambicionando, como D. Fernando, juntar a coroa de Castela á de Portugal, desposou Afonso V em segundas núpcias a filha do rei daquele país.

262. Os Castelhanos, porê m, preferiram para rainha a infanta D. Isabel, espôsa de D. Fernando, rei de Aragão.

263. D. Afonso V invadiu Castela, encontrando-se com o exêrcito de D. Isabel em *Toro* (1476). A batalha não foi feliz para os Portugueses. (3o.<sup>a</sup> Leitura.)

### XI. — Fim do govêrno de D. Afonso V.

264. Não desistiu ainda D. Afonso da sua ideia e partiu para França a pedir auxílio ao rei *Luis XI* que o iludiu com falsas promessas.

258. Que fez Afonso V para alcançar glô-  
ria militar? — 259. Que conquistas fez em  
Africa? — 260. Que titulo tomou e que co-  
gnome lhe deu a história? — 261. Quem des-

posou D. Afonso V e com que fim? — 262.  
Que fizeram os Castelhanos? — 263. Que fez  
D. Afonso V e que lhe succedeu? — 264. Que  
viagem fez D. Afonso V e para quê?

265. Descoroçoado emfim e desgostoso, resolveu abdicar em seu filho e partir como peregrino\* para Jerusalém, mas também abandonou êste projecto e regressou a Portugal, onde morreu pouco depois (1481).

266. Leviano, volúvel\* e dissipador, D. Afonso V tinha, a par dêstes defeitos, brilhantes qualidades de espírito, e o seu carácter, embora arrebatado, não era destituído de bondade.

30.<sup>a</sup> LEITURA. — **O Decepado.** — Na batalha de Toro, a ala direita do exército português, comandada pelo príncipe D. João, herdeiro da coroa, destroçou completamente a ala esquerda inimiga.

O centro porê, comandado por D. Afonso V, viu-se atacado por fôrças muito superiores e teve de recuar em desordem para Toro. A luta foi terrível.

Os Castelhanos queriam apoderar-se do estandarte real, que o altes Duarte de Almeida empunhava. Choviam sôbre êste lanças e espadeiradas, mas ninguém lhe podia arrancar a bandeira.

Corta-lhe a mão esquerda uma cutilada inimiga; com a direita segura o estandarte. Decepam-lhe esta também.

Então, agarrando-o com os dentes, estreita-o ao peito com os braços mutilados. (Fig. 42), Não podendo porê defender-se dos golpes que sôbre êle desabam, cai emfim prostrado no chão e é levado pelos Castelhanos para Toro.

Mas a bandeira não ficou em poder do inimigo. Depois da batalha, um escudeiro português, Gonçalo Pires, encontrou um bando de Castelhanos, que a levavam de rastos pelo chão, Arremessou-se a êles seguido de alguns soldados, pô-los em fuga e reconquistou o estandarte.

Duarte de Almeida sobreviveu aos seus ferimentos, mas a pátria foi ingrata para com êle. O heroico *Decepado*, como lhe chamavam depois, morreu na miséria.

Gonçalo Pires foi um pouco mais feliz. Quando subiu ao trono, D. João II deu-lhe uma pensão.



g. 42. — O Decepado.

265. Que projecto formou ainda e que decisão tomou afinal?—266. Que sabe do carácter

e da inteligência de D. Afonso V?

**D. JOÃO II (1481-1495)****XII. — O rei e a nobreza.**

267. Fizera D. Afonso V tantas doações de territórios aos nobres que, ao subir ao trono, D. João II (fig. 43) disse: — «Meu pai deixou-me rei só das estradas de Portugal.»



Fig. 43.—D João II

268. Com o seu poderio e riquezas crescera o orgulho e a arrogância dos fidalgos.

269. Os mais poderosos e altivos dêles todos eram os *duques de Bragança e de Vizeu*.

270. D. João II resolveu abater a nobreza e engrandecer o poder real.

271. Nas côrtes, que reuniu em Leiria, os procuradores dos concelhos acusaram os fidalgos de usurparem terras pertencentes á coroa e de praticarem grandes iniquidades nos seus domínios.

272. D. João II ordenou que fossem magistrados seus aos coutos e honras dos nobres investigar o fundamento destas acusações.

**XIII. — Conspirações dos fidalgos.**

273. Tramaram então os fidalgos resistir pelas armas ás ordens do rei, chamando em auxílio Castela.

274. Denunciada a el-rei a conspiração, foi o seu

267. Que fizera D. Afonso V aos nobres? — 268. Que influência teve esse facto no carácter dos fidalgos? — 269. Quais eram os mais poderosos e altivos dentre êles? — 270. Que resolveu D. João II? — 271. Que

se passou nas côrtes de Leiria? — 272. Que ordenou D. João II? — 273. Que tramaram então os fidalgos? — 274. Que desfecho teve a conspiração?

chefe, o duque de Bragança, condenado á morte e executado em Évora (1483). (Fig. 44.)

275. Os nobres, com o duque de Vizeu, cunhado de el-rei, á frente, urdiram ainda novo trama para vingarem o duque de Bragança, assassinando o rei.

276. D. João II desfez-lhes o plano, apunhalando o duque de Vizeu em Setúbal (1484) e mandando punir de morte os outros conspiradores.



Fig. 44.—Execução do d. que de Bragança.

#### XIV.—Novos descobrimentos.

277. Daí por diante, ninguém mais ousou resistir-lhe e D. João governou tão bem o seu país que a história lhe chamou o *Príncipe perfeito*.

278. O novo impulso, que deu ás navegações iniciadas pelo infante D. Henrique, foi origem de gloriosos feitos e descobrimentos.

279. Por sua ordem, *Diogo de Azambuja* fundou na Costa de Mina a primeira fortaleza, que se ergueu nas novas terras de Africa: o *castelo de S. Jorge*.

280. Por esta ocasião, acrescentou o soberano aos seus titulos o de *Senhor de Guiné*.

281. Em 1485 *Diogo Cão* descobre o rio **Zaire**, depois chamado *Congo*, e no ano seguinte toda a costa de **Angola**.

275. Que planearam ainda os nobres? —  
276. Que fez D. João II? — 277. Como governou D. João II? — 278. Que resultou do impulso por elle dado ás navegações? — 279.

Que fundou por sua ordem Diogo de Azambuja? — 2.º o. Que titulo novo tomou D. João II? — 281. Que descobrimentos se fizeram em 1485?

282. Duas expedições, uma por mar, outra por terra, partem em demanda dos reinos do famoso **Prestes-João** \*.

283. A expedição por mar, sob o comando de **Bartolomeu Dias**, dobra a ponta meridional de África, á qual o rei deu o nome de **Cabo da Boa Esperança** (1487). (31.<sup>a</sup> Leitura.)

31.<sup>a</sup> LEITURA.—**Descobrimto do Cabo da Boa Esperança.**—Durante a Idade Média as mercadorias da Índia: pimenta, canela, marfim, etc., vinham para a Europa pelo mar Vermelho até Suez. Daí seguiam em caravanas pelo Cairo até Alexandria. Tornavam depois a embarcar para Veneza, que era o grande mercado europeu dos produtos indianos. (V. Planisfério, pag. 73.)

Todos êstes transportes encareciam-lhes muito o preço. Por isso os Europeus desejavam achar um caminho para irem compra-los directamente á Índia.

Procuravam os nossos marinheiros êsse caminho na direcção de leste,

mas encontravam sempre a costa africana a vedar-lhes a passagem.

Partiu de Lisboa Bartolomeu Dias com três pequenos navios em 2 de agosto de 1486. Foi navegando ao longo da costa africana até que o assaltou violento temporal. Treze dias andaram os navegantes á mercê do vento e das ondas.

Quando o tempo serenou, procuraram a costa para leste e só encontraram mar. Navegaram então para norte e foram descobrindo diversos portos. Não quizeram porêr as tripulações passar para além de um rio, a que foi dado o nome de rio do Infante, e obrigaram o capitão a voltar para trás.

Foi só á volta que descobriram o grande cabo. Haviam-no dobrado sem dar por tal. Aí levantou Bartolomeu Dias o padrão chamado de *S. Felipe* (fig. 45), e ao cabo deu o nome de *Tormentoso*, que el-rei substituiu pelo de *Boa Esperança*.

Estava vencida a barreira africana e traçado o novo caminho da Índia.

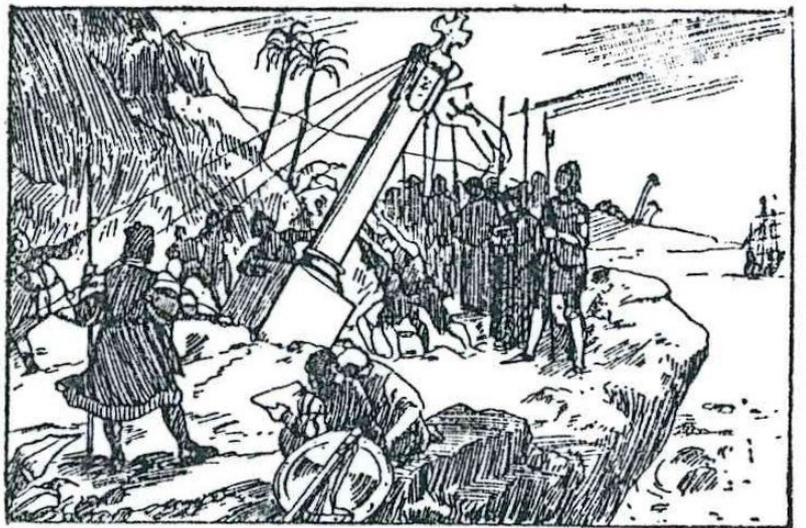


Fig. 45.—O padrão de S. Filipe.

282. Que outras expedições ordenou D. João II?—283. Que acontecimento se deu em 1487?

## XV. — **Cristovão Colombo. O tratado de Tordesilhas.**

284. Viera anos antes (1484) a Portugal um Genovês, **Cristovão Colombo**, oferecer-se a el-rei para ir procurar a **Índia** pelo oeste.

285. Cometeu D. João II o êrro de lhe recusar os serviços, e Colombo foi oferecê-los aos reis de Espanha, que lhe deram dinheiro e nâvios.

286. Em 1492, Colombo descobre a **América**.

287. Por causa dêsse e de outros descobrimentos que se seguiram, efectuados pelos Espanhóis, levantou-se entre Portugal e a Espanha uma contestação, que foi submetida ao Papa.

288. Este decidiu que se traçasse imaginariamente uma linha de um pólo\* ao outro do globo, passando por determinado ponto. As novas terras, situadas a oeste dessa linha, pertenceriam á Espanha, as situadas a leste a Portugal.

289. Os dois govêrnos aceitaram e ratificaram\* esta decisão no tratado de *Tordesilhas* (1494).

## XVI. — **Morte do príncipe D. Afonso.**

290. Meses depois do seu casamento com a infanta *Isabel*, filha dos reis de Espanha, morrera de uma queda de cavalo (1491) o príncipe *D. Afonso*, filho unico de D. João II.

291. Êste desastre aniquilou as esperanças do soberano portugûês, que sonhara para seu filho os sceptros reunidos de Espanha e de Portugal.

284. Que viera fazer Colombo a Portugal? — 285. Que êrro cometeu D. João II e que fez Colombo? — 286. Que descobriu Colombo? — 287. Que resultou dêste descobrimento?

to? — 288. Que decidiu o Papa? — 289. Que fizeram os dois govêrnos? — 290. Que se passou em 1491? — 291. Que resultou da morte do príncipe D. Afonso?

## XVII. — Entrada dos Judeus em Portugal. Morte de D. João II.

292. Em 1492 permitiu D. João II que entrassem em Portugal milhares de Judeus, expulsos de Espanha pelo fanatismo religioso dos soberanos dêste país.

293. Em 1495 morreu D. João II, suspeitando-se de que fôra envenenado. (32.<sup>a</sup> Leitura.)

**D. MANUEL I (1495-1521.)**

## XVIII. — Casamento de D. Manuel. Expulsão dos Judeus e Moiros.

294. Não tendo D. João deixado descendente legíti-

32.<sup>a</sup> LEITURA. — **D. João II.** — D. João II teve todas as qualidades de um grande rei.

Nada escapava ao seu olhar. Os negócios importantes do Estado passavam-lhe todos pelas mãos.



Fig. 46. — «Pois tendes braços para me servir e não tendes língua para me falar.»

Os funcionários tremiam da sua severidade, mas os que eram zelosos e honrados podiam contar com a sua estima e protecção.

Era grato e generoso. Nunca esquecia um serviço e pagava-o sempre largamente.

A um certo Pantoja, que em dada ocasião lhe emprestara seiscentos mil reis, mandou el-rei ao cabo de cinco dias setecentos mil reis. Pantoja não queria acei-

tar, dizendo que era paga demasiada por tão pequeno serviço.

— «Pois já que assim falais, disse-lhe el-rei, tomai oitocentos mil reis; e se mais falardes ainda, tomareis novecentos mil.»

Encontrando-se com um valente guerreiro, que muito se ilustrara em África e que, por timidez, lhe não pedira nunca o mínimo favor:

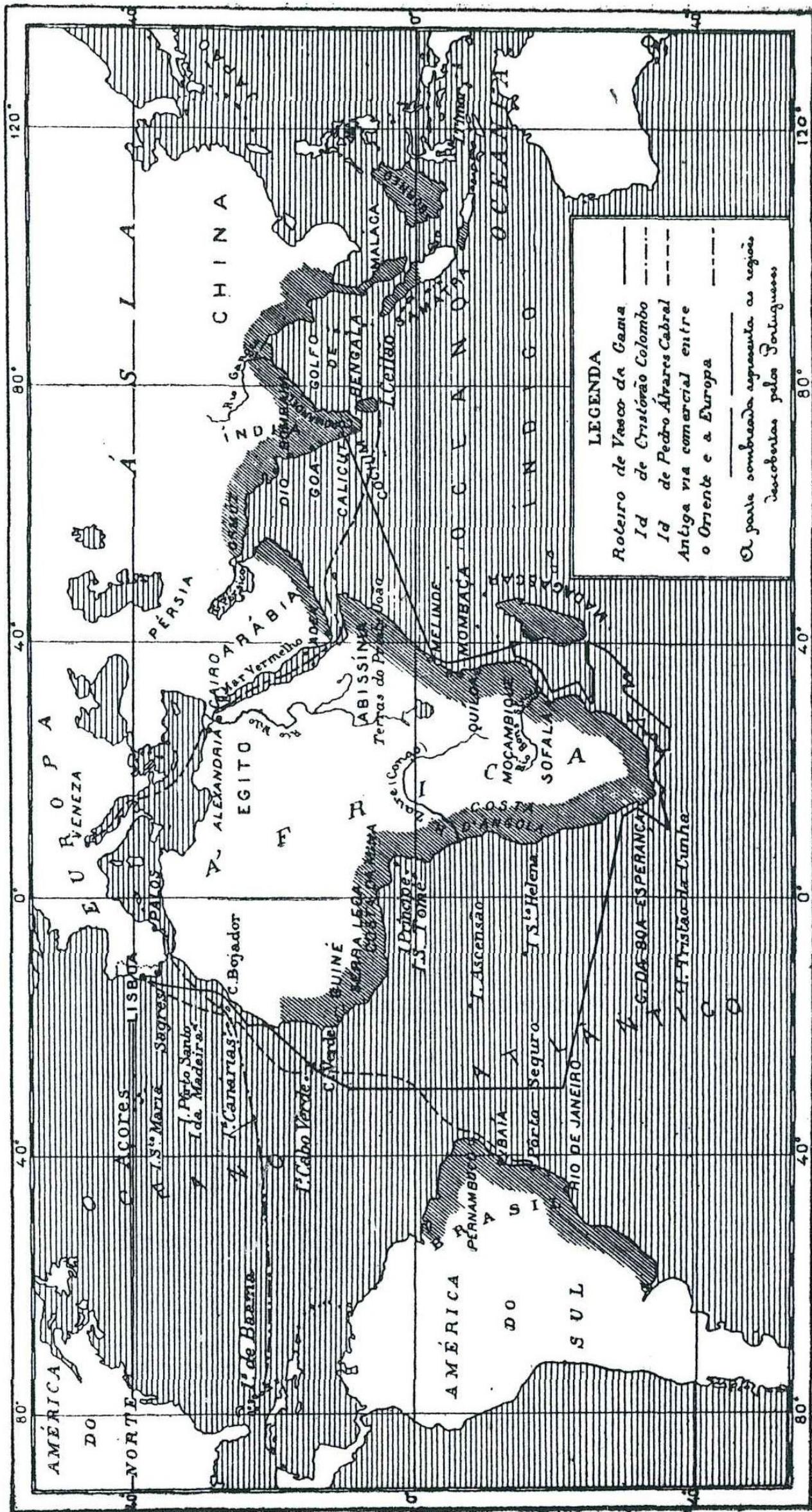
— «Como assim! disse-lhe o rei. Pois tendes braços para me servir e não tendes língua para me falar!» (Fig. 46.)

Quando a Isabel da Espanha chegou a notícia da sua morte, a soberana exclamou: — «Morreu o Homem!»

Era assim que costumava designá-lo.

292. Que permitiu D. João II em 1492? —  
293. Fale da morte de D. João II? —

294. Quem lhe sucedeu no trono?



**LEGENDA**

- Roteiro de Vasco da Gama
- - - Id de Cristóvão Colombo
- Id de Pedro Álvares Cabral
- Antiga via comercial entre o Oriente e a Europa
- A parte sombreada representa as regiões descobertas pelos Portugueses

timo, coube o trono a seu primo e cunhado **D. Manuel**, irmão do duque de Vizeu, que D. João II matara, e neto de el-rei D. Duarte.

295. Ambicionando também empunhar o scetro de todos os reinos da Península, pediu D. Manuel em casamento a viúva do príncipe D. Afonso, herdeira do trono de Espanha.

296. Esta princesa, que recebera uma educação fanática, impôs como condição dêsse enlace que os Judeus fôsem expulsos de Portugal.

297. D. Manuel expulsou, além dos Judeus, os Moiros, dando lugar esta bárbara medida a abomináveis crueldades.

298. A má fé, com que foi executada a lei de expulsão, obrigou muitos Judeus a converterem-se ao catolicismo. Ficaram sendo chamados *cristãos novos*.

299. Os outros saíram do reino, levando grandes riquezas que possuíam, com o que Portugal muito perdeu.

300. D. Manuel não realizou a sua ambição, porque enviuvou pouco depois de desposar D. Isabel e lhe morreu mais tarde o único filho que tivera dêsse casamento.

## OS GRANDES DESBOBRIMENTOS E CONQUISTAS

### XIX. — Vasco da Gama descobre o caminho marítimo da Índia

301. Foram tantos os acontecimentos felizes e gloriosos para Portugal durante o reinado de D. Manuel que êste ficou sendo chamado o *Venturoso*.

295. Quem pediu em casamento D. Manuel e com que fim? — 296. Que condição impôs a viúva de D. Afonso? — 297. Que fez D. Manuel? — 298. Como se cumpriu a ordem de expulsão e que nome se deu aos Judeus con-

vertidos? — 299. Que fizeram os Judeus que não quizeram converter-se? — 300. Conseguiu D. Manuel realizar a sua ambição? — 301. Porque deu a história a D. Manuel o nome de *Venturoso*?

302. Em julho de 1497, parte de Lisboa, sob o comando de **Vasco da Gama**, a esquadra que D. João II começara a preparar para a enviar em demanda da Índia. (Fig. 48.)

303. A 20 de Maio de 1498, realiza-se o grande feito: Vasco da Gama aporta a *Calicut*. (33.<sup>a</sup> Leitura.)

## XX. — Descobrimento do Brasil.

304. Dois anos depois, manda D. Manuel á Índia nova e mais poderosa esquadra, comandada por **Pedro Alvares Cabral**.

305. Desviando a sua róta\* para oeste com a esperança de descobrir novas terras, encontra Cabral (24 de abril de 1500) uma grande região desconhecida: era o **Brasil**. (34.<sup>a</sup> Leitura.)

306. Nesse mesmo ano descobre *Gaspar Côrte Real* o **Canadá** e em 1501 *João da Nova* descobre as ilhas da **Ascensão** e de **Santa Helena**.



Fig. 48. — Vasco da Gama.

## XXI. — Primeiras guerras na Índia.

307. Achava-se a Índia dividida em muitos reinos e o seu comércio com a Europa, pelo *Mar Vermelho* e pelo *Egipto*, estava nas mãos de Maometanos ou Moiros<sup>(1)</sup>, que dêle tiravam grandes lucros.

308. Quando viram que os nossos fundavam feitorias\* na costa indiana para comerciar também e

(1) Os Portugueses deram impropriamente a todos os Maometanos o nome de **Moiros**, que só compete aos Maometanos da África do Norte

302. Que acto se deu em Julho de 1497? — 303. Aonde e quando aporta Vasco da Gama? — 304. Que ordenou D. Manuel dois anos depois? — 305. Diga o que sabe da viagem

de Cabral? — 306. Que outros descobrimentos se efectuaram e quem os fez? — 307. Qual era a situação da Índia? — 308. Que fizeram os Moiros?

que levavam para Lisboa carregamentos de pimenta e outros produtos do país, os Moiros incitaram os *rajás*, ou reis indianos, a atacar-nos.

309. Um exército de cinquenta mil Índios veio pôr cêrco a *Cochim* onde tínhamos uma fortaleza e cujo *rajá* era nosso aliado.

33.<sup>a</sup> LEITURA. — **A Viagem de Vasco da Gama.** — Em 8 de julho de 1497 largou do Tejo a frota de Vasco da Gama, que se compunha de três pequenos navios, *S. Gabriel*, *S. Rafael* e *Bérrio*. Acompanhou-os até a baía de *S. Brás*, onde foi queimada, a nau de mantimentos *S. Miguel*.

Logo que passaram o ponto extremo da costa que Bartolomeu Dias atingira, foram assaltados os navegantes por medonhas tormentas. As tripulações aterradas formaram um conluio para obrigar Vasco da Gama a retroceder, mas a energia do almirante subjugou a revólta.

Em 2 de março de 1498, aportaram a **MOÇAMBIQUE**, cujo sultão, pérfido e mau, planeou a perda da expedição.

Um piloto, que Vasco da Gama lhe pedira para conduzir a esquadra á India, foi secretamente



Fig. 47. — Vasco da Gama é recebido pelo rajá de Calicut

incumbido de entregar os nossos navios aos Moiros em **MOMBAÇA**.

Quando aí chegaram (7 de abril), fez um acaso descobrir a cilada. O traçoeiro piloto fugiu. Vasco da Gama pôde continuar até **MELINDE**, onde foi recebido com amizade pelo rei. Deu-lhe êste um piloto fiel que o conduziu á costa indiana.

Em 20 de maio fundeou a esquadra em **Capocate**, pequeno pôrto a duas léguas

de **CALICUT**. Mandou Vasco da Gama a terra um homem. Enorme foi o espanto dos Moiros ao verem que êle era português. Um dêles disse-lhe no nosso idioma:

— Ao diabo que te dou! Quem te trouxe cá?

Dias depois foi o almirante recebido com grande pompa pelo rajá de Calicut, que depois se tornou nosso implacável inimigo (Fig. 47.)

Vasco da Gama chegou a Lisboa em 29 de agosto de 1499. D. Manuel nomeou-o *almirante mór* das Indias, fez-lhe doação de trezentos mil reis de renda e mandou edificar o grandioso mosteiro de *Santa Maria de Belêm* para comemorar o seu glorioso feito. (V. Planisfério, pag. 73.)

**310.** *Duarte Pacheco*, com setenta e sete Portugueses e mil *Naires* (casta guerreira da Índia), cobriu-se de glória, repelindo todos os assaltos do inimigo e obrigando-o por fim a levantar o cêrco.

## XXII. — O Primeiro vice-rei da Índia.

**311.** Resolveu então D. Manuel colocar todas as

**34.ª LEITURA. — O Descobrimento do Brasil.** — Quis D. Manuel que a segunda armada portuguesa, que os Índios vissem, lhes desse uma forte impressão da nossa grandeza e poderio.

Preparou-se uma esquadra de treze naus com mil e duzentos tripulantes. Foi confiado a Pedro Alvares Cabral o seu comando.

Partiu a armada do Tejo em 9 de março de 1500. Treze dias depois passava na altura das ilhas de Cabo Verde. Em vez porêm de se acercar do continente africano para ir navegando ao longo da costa, foi-se afastando para o oeste.

A 24 de abril descobriu-se uma terra desconhecida. Pela praia andavam homens e mulheres de pele acobreada, com diademas de penas multicores na cabeça.



Fig. 49. — A primeira missa no Brasil.

Trouxeram os Portugueses dois dos indígenas\* a bordo! Recebeu-os Cabral com grande pompa. Atentando numa cadeia de ouro que o capitão tinha ao pescoço, fizeram compreender que havia ouro na terra. Assustaram-se muito ao verem uma galinha na qual não quizeram tocar. Eram tão mansos que se deixaram adormecer sem desconfiança no meio dos Portugueses.

No dia seguinte fundeou a armada na baía a que Alvares Cabral deu o nome de *Porto Seguro*, que ainda hoje tem.

Desembarcaram os navegantes e, sob a cópa de uma grande árvore, erigiram um altar onde se celebrou missa, a que assistiram cêrca de sessenta indígenas com muita atenção e compostura. (Fig. 49.)

Ao novo continente, chamou Cabral *Terra de Santa Cruz*. Passou porêm a chamar-se **BRASIL** quando começou a vir de lá em grande quantidade certa qualidade de madeira, já conhecida na Europa sob o nome de *pau brasil*, que tingia de vermelho a água em que era mergulhada.

nossas feitorias e fortalezas da Índia sob o govêrno de um único chefe, com o título de *vice-rei*.

312. Foi *D. Francisco de Almeida* o primeiro nomeado para êsse alto cargo.

313. Desenvolveu-se então extraordinariamente o comércio dos Portugueses.

314. Os Turcos do Egipto, que o novo caminho tomado pelas mercadorias indianas arruinava, mandaram pelo Mar Vermelho poderosa armada para nos expulsar dos mares indianos.

315. Essa armada surpreendeu no pôrto de Chaúl uma esquadra portuguesa, comandada por *D. Lourenço de Almeida*, filho do vice-rei.

316. Foi-nos deslavorável o combate, no qual *D. Lourenço* encontrou a morte.

317. Dêste desastre e da perda do filho, tirou o vice-rei vingança terrível, destruindo pouco depois a esquadra egípcia em frente de **Dio**.

### XXIII. — **Afonso de Albuquerque e o seu plano.**

318. A *D. Francisco de Almeida* sucedeu, com o título de governador, **Afonso de Albuquerque**, o mais illustre dos nossos heróis de além-mar. (35.<sup>a</sup> Leitura.)

319. Entendia o vice-rei que na Índia os Portugueses não deviam conquistar terras, mas commerciar unicamente sob a protecção de fortes esquadras.

320. **Afonso de Albuquerque** imaginou, pelo con-

312. Quem foi o primeiro vice-rei da Índia? — 313. Que aconteceu depois? — 314. Que fizeram os Turcos do Egipto? — 315. Que fez a armada inimiga? — 317. Que resultado teve o combate e que desforra tomá-

mos? — 318. Quem sucedeu a *D. Francisco de Almeida* no govêrno da Índia? — 319. Que ideias tinha *D. Francisco de Almeida* acêrca da Índia? — 320. Que plano formou **Albuquerque**?

trário, fundar um imenso império português, no Oriente.

321. Para realizar tal plano fazia-se mister ocupar três pontos, que eram como que as tres chaves do Oceano Índico.

35.<sup>a</sup> LEITURA. — **Afonso de Albuquerque.** — Tinha a bravura de um leão o grande governador.

Na sua primeira expedição contra Ormuz aconteceu revoltar-se a tripulação de uma das suas naus, negando-se a ir a terra executar uma operação que Albuquerque ordenara

Meteu-se o almirante num escaler e foi sozinho a bordo da nau. Repetiu a ordem, como não lósse ainda obedecido, arrancou a espada a um grumete, arremeteu contra os revoltosos e á espadeirada obrigou-os todos a saltar para o barco.

Eram mais de cinquenta e todos valentes. Nenhum ousou resistir-lhe.

Forçara Albuquerque a reconhecer-se vassalo do rei de Portugal o rei de Ormuz, que já o era do xá\* da Pérsia. Apareceu então um emissário dêste soberano a reclamar do rei de Ormuz o costumado tributo. Mandou êste perguntar a Albuquerque que resposta havia de dar, pois não podia pagar dois tributos.

Albuquerque ordenou que para a tolda do navio trouxessem espadas, machados, peloiros\* e outras armas de guerra:

— «Dizei ao embaixador da Pérsia, respondeu êle, que é nesta moeda que o rei de Portugal costuma pagar os tributos dos seus vassallos!» (Fig. 50.)

Quando faleceu, os Índios não queriam acreditar a fatal notícia. — «Não morreu, diziam êles, foi comandar os exércitos do céu!»

Tão justo fôra sempre o seu govêrno, que mais tarde, quando recebiam agravos dos outros governadores, os Índios e os Moiros vinham em romaria á sepultura do grande capitão trazer-lhe flores e azeite para a sua lâmpada e pedir-lhe justiça.



Fig. 50. — «...É' nesta moeda que o rei de Portugal costuma pagar os tributos dos seus vassallos!»

## XXIV.—Albuquerque toma Ormuz, Goa e Malaca.

322. O primeiro desses pontos era **Ormuz**, cidade riquíssima, á entrada do *Golfo Pérsico*, onde se trocavam os géneros da Índia com os da Arábia e da Pérsia. Albuquerque tomou-o.

323. O segundo ponto era **Malaca**, no estreito do mesmo nome, onde a troca dos produtos indianos se fazia com os da *China*, do *Japão* e de todo o *Extremo Oriente*. Tomou-o também Albuquerque.

324. *Aden*, porém, o terceiro ponto, á entrada do mar Vermelho, chave do comércio com a Europa, resistiu aos seus esforços.

36.<sup>a</sup> LEITURA.—**A Embaixada de D. Manoel ao Papa.**— Em 1514, mandou D. Manuel ao papa Leão X uma embaixada que ficou famosa pela sua extraordinária pompa. (Fig. 36.)

O cortejo entrou em Roma num claro dia de março. Era imensa a multidão que acudira para o ver passar. Os sinos repicavam, as salvas de artilharia atroavam os ares.

Abriam o préstito trezentas azêmolas soberbamente ajazadas, levadas á mão por moços vestidos de seda.

Depois de desfilarem centenaes de fidalgos, escudeiros, soldados, músicos a cavalo, etc., appareceu, caminhando majestosamente, um enorme elefante, coberto com um xaiel bordado a ouro, e guiado por um Índio vistosamente vestido.

Levava o elefante no costado um cofre contendo um pontifical\* riquíssimo que D. Manuel oferecia a Leão X.

Vinha em seguida um cavalo da Persia, montado por um caçador de Ormuz e trazendo, deitada na garupa, uma pantera domesticada.

Dois leopardos dentro de gaiolas completavam os presentes que o nosso rei mandava ao pontífice.

Fechavam o cortejo o pessoal da nossa embaixada, todos os embaixadores estrangeiros, os prelados de Roma, etc.

Ao chegar defronte do castelo de Santo Ângelo, onde estava Leão X rodeado dos seus cardiais, o elefante, que, para isso havia sido ensinado, mergulhou a tromba num vaso de água aromática e aspergiu por três vezes o Papa e o povo.

Este aplaudiu maravilhado. Era a primeira vez, havia muitos séculos, que Roma via um elefante.

322. Qual era o primeiro ponto a ocupar, que importância tinha e que fez Albuquerque?—323. Qual era o segundo ponto a ocupar, que importância tinha e que fez Al-

buquerque?—324. Qual era a terceira chave do Oceano Índico? Conseguiu tomá-la Albuquerque?

**325.** Para capital do império escolheu Albuquerque e tomou **Goa**, excelente pôrto, situado a meia altura da península indiana.

**326.** Todas estas e muitas outras vitórias e conquistas foram ganhas com pequeníssimo número de navios e de soldados.

## XXV. — Morte de Albuquerque.

**327.** Governador tão justo e honrado como hábil general, Albuquerque tornou o nome português respeitado e temido em todo o Oriente.

**328.** Tinha porêm inimigos e invejosos em Lisboa, aos quais o rei prestou ouvidos, tirando-lhe o govêrno da Índia, desgosto a que o herói pouco tempo sobreviveu (1515). (Fig. 51.)



Fig. 51.—Afonso de Albuquerque.

## XXVI. — Grandeza de Portugal.

**329.** Portugal chegara entretanto ao mais alto ponto de poderio e de grandeza que jamais atingiu na história. (36.<sup>a</sup> Leitura.)

**330.** Todas as riquezas do Oriente afluíam a Lisboa, cujo pôrto era demandado por navios de todas as nações.

**331.** Aos títulos, que lhe haviam legado os seus antecessores, juntou D. Manuel o de *Senhor da Conquista*,

325. Que cidade escolheu Albuquerque para capital do império?—326. Como foram ganhas todas estas vitórias e conquistas?—327. Como governou Albuquerque?—328. Que recompensa deu o rei a Albuquerque?

—329. A que situação chegara Portugal?—330. Que importância adquirira o pôrto de Lisboa?—331. Que novo título tomou D. Manuel?

*Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia. (Fig. 52.)*



Fig. 52. — El-rei D. Manuel.

**332.** Até o fim do seu reinado, êste rei egoísta e ingrato, mas feliz, deslumbrou a Europa com o esplendor e a opulência da sua côrte.

**333.** A prosperidade do país era porê m mais aparente do que real e a sua quêda foi rápida e terrível. (37.<sup>a</sup> Leitura.)

**37.<sup>a</sup> LEITURA. — A situação de Portugal. —** A pimenta e as outras mercadorias, que chegavam da Índia, enriqueciam o rei e o comércio, mas o povo continuava pobre e sobrecarregado de tributos.

Não havia indústrias; os objectos de primeira necessidade eram importados do estrangeiro.

A côrte vivia com grande fausto, mas todos os artigos de luxo vinham também do estrangeiro, que era afinal quem tirava quasi todo o partido dos nossos descobrimentos e conquistas.

Os moços abandonavam os campos a fim de embarcarem para a Índia, com a mira nos quinhões dos saques e presas de guerra.

A agricultura definhava-se por falta de braços. Houve fomes no país e teve de se mandar vir trigo de fóra

No reinado de D. João III a situação piorou ainda.

A população diminuiu em quasi metade, dizimada pelas guerras contínuas no Oriente, pelas fomes e epidemias no reino.

O número de vândos e mendigos aumentou. O povo perdeu completamente o amor ao trabalho.

Ora só o trabalho produz verdadeira riqueza.

## RESUMO DO LIVRO IV

I. — Em 1385 os Castelhanos invadem Portugal e são completamente derrotados em **Aljubarrota** (14 de agosto).

Nuno Álvares Pereira transpõe a fronteira e bate o inimigo em **Valverde**.

Estas vitórias asseguram a independência de Portugal.

Em 1415 **D. João I** conquista **Ceuta** aos Moiros.

O **infante D. Henrique** funda a escola de **Sagres**. Navega-

332. Que uso fez D. Manuel das suas riquezas?

333. Qual era a verdadeira situação do país?

dores instruídos nessa escola descobrem as ilhas de *Rôrto Santo* (1418), e *Madeira* (1419) e o arquipélago dos *Açôres* (1432).

*Gil Eanes* dobra o **Cabo Bojador** (1434).

II. — **D. Duarte** sobe ao trono (1433).

Uma expedição, que tinha por fim conquistar *Tânger*, é derrotada pelos *Moiros* (1437).

O infante *D. Fernando* fica prisioneiro do inimigo e morre no cativeiro.

III. — Durante a menoridade de **D. Afonso V**, o reino é excelentemente governado pelo infante *D. Pedro*.

Logo que assume o poder, *D. Afonso V* presta ouvidos a calúnias contra o infante e move-lhe injusta perseguição.

No combate de *Alfarrobeira* (1449) entre as tropas do rei e as de *D. Pedro*, este encontra a morte.

*D. Afonso V* conquista aos *Moiros* *Tânger*, *Arzila* e *Alcácer Ceguer*. Menos feliz numa guerra com *Castela*, é vencido em *Toro* (1476)

IV. — **D. João II** abate a nobreza e engrandece o poder real.

Manda ao cadafalso o *duque de Bragança* e mata com as suas próprias mãos o *duque de Aveiro*. Um e outro haviam conspirado contra o soberano.

No seu reinado recebem novo impulso as navegações.

*Diogo Cão* descobre o rio *Zaire* e toda a costa de *Angola* (1485).

*Bartolomeu Dias* dobra o **Cabo da Boa Esperança** (1487)

V. — **D. Manuel** expulsa de Portugal os *Judeus* e os *Moiros*.

O seu reinado é a época dos grandes descobrimentos e conquistas.

Em 1498 **Vasco da Gama** encontra o **caminho marítimo da Índia**.

Em 1500 **Pedro Alvares Cabral** descobre o **Brasil**. **Afonso de Albuquerque** conquista *Ormuz*, *Goa*, *Malaca* e assenhoreia-se de todo o comércio oriental.

As riquezas da Índia afluem a Lisboa. Portugal torna-se uma das nações mais poderosas da Europa.

Não tarda porém em decair

### EXERCÍCIO

Procurar na carta, pag. 43, os nomes abaixo indicados e citar as recordações históricas que estão ligadas a êsses nomes.

*Aljubarrota*, — *Ceuta*, — *Sagres*, — *Tânger*, — *Fex*, — *Alfarrobeira*, — *Alcácer Ceguer*, — *Arzila*, — *Toro*, — *Bragança*, — *Vizéu*, — *Évora*, — *Setubal*.

NOTA. — O professor poderá mostrar aos alunos no planisfério, pag. 73, a posição geográfica das principais regiões, cidades e portos, descobertos ou conquistados pelos Portugueses e citados neste Livro.



Fig. 53. — A última carga de D. Sebastião em Alcácer-Quibir (14 de agosto de 1578.)

## LIVRO V

### DECADÊNCIA DE PORTUGAL

SÉCULO XVI (1521-1580).

D. JOÃO III (1521-1557).

#### I. — Um rei nefasto.

334. D. João III, que nascera do segundo casamento de D. Manuel, foi um rei nefasto para Portugal.

335. De inteligência acanhada, devoto até o fanatismo, deixou o seu nome ligado a duas das principais causas da nossa decadência e ruína.

#### II. — Os Jesuítas e a Inquisição.

336. Foi uma delas a introdução em Portugal (1540) da **Companhia de Jesus**, que logo se apoderou do ensino público. (38.<sup>a</sup> Leitura.)

337. A pouco e pouco, os **Jesuítas** adquiriram

334. Que foi D. João III para Portugal? —  
335. Como era D. João III e a que deixou  
ligado o seu nome? — 336. Qual foi a pri-

meira dessas causas? — 337. Que fizeram os  
Jesuítas?

grandes bens, enorme influência e por meio das escolas e do púlpito dominaram a sociedade portuguesa. (Fig. 54.)

338. Como se isto não bastasse, não descansou D. João III emquanto não estabeleceu no reino o odioso tribunal da **Inquisição** (1547.)

339. Abriu-se então para os Portugueses uma era abominável de espionagens, denúncias, perseguições e atrozes suplicios. (39.<sup>a</sup> Leitura.)



Fig. 54. — Os Jesuítas.

38.<sup>a</sup> LEITURA. — **A Companhia de Jesus.** — A Companhia de Jesus foi fundada por *Inácio de Loiola* para combater o protestantismo.

A regra da Ordem é a absoluta submissão aos superiores.

O Jesuíta não tem vontade própria; obedece *como um corpo morto* á impulsão dos seus chefes.

A influência da Companhia em Portugal foi perniciosa. A educação dos Jesuítas transformou em pouco tempo a nossa pátria em um país de beatos e de fanáticos.

Progrediam nas outras nações as artes e as sciências; a nossa ocupava-se unicamente de coisas de devoção e de festas religiosas.

A influência politica da Ordem ia sempre aumentando. O rei e a côrte eram seus instrumentos. Acabou por dominar completamente Portugal.

É justo porêem reconhecer que no Oriente e no Brasil os Jesuítas prestaram grandes serviços. Um dêles, *S. Francisco Xavier*, tornou-se ilustre pelas suas virtudes. O padre *Antonio Vieira* (n. 1608, m. 1697) jesuíta também, é uma glória das nossas letras. (Fig. 55.)



Fig. 55.

O padre Antonio Vieira.

glória das nossas letras. (Fig. 55.)

### III. — Decadência do nosso império oriental.

340. Entretanto o nosso império oriental principiava a decaír.

341. Ao grande Albuquerque haviam sucedido, com poucas excepções, governadores corrutos, e no coração dos Portugueses o apetite desenfreado das riquezas substituíra o amor da glória.

342. Os abusos, de que eram vítimas os povos

39.<sup>a</sup> LEITURA. — **A Inquisição.** — A *Inquisição* era um tribunal destinado a perseguir os herejes.

Logo que se instalou em Portugal, começou a sua obra abominável, principalmente contra os *crístãos novos*.

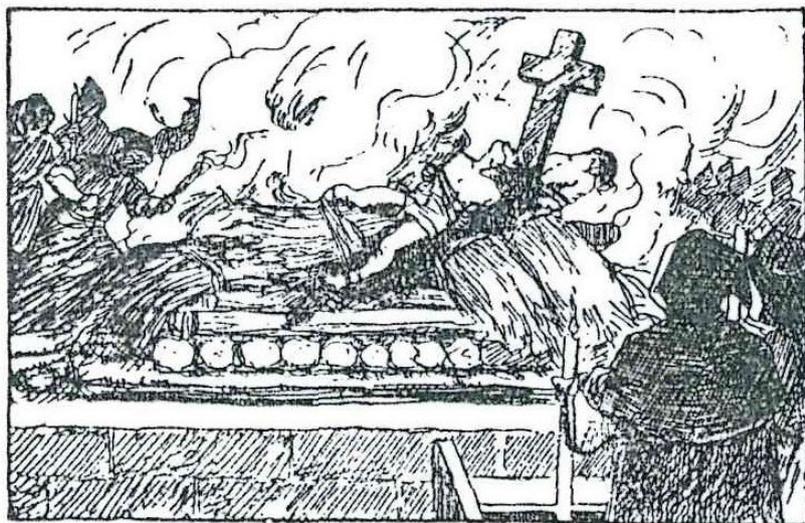


Fig. 55. — Um auto de fé.

A Inquisição tinha espiões que se introduziam nas famílias, representando o papel de falsos amigos, a fim de devassarem os seus segredos e inquirirem do seu zêlo religioso.

Para ser preso como suspeito de bruxaria ou de ofensa á religião, bastava a denúncia de um desses espiões ou de um inimigo.

O acusado era pôsto em horrivel masmorra, onde o deixavam meses e anos. Certo dia era chamado á presença do In-

quisidor para ser interrogado. Se negava, applicava-se-lhe a tortura

Por este meio se lhe arrancava a confissão de faltas que muitas vezes não cometera. Era então condenado a pênas que variavam segundo a gravidade do delito.

De tempos a tempos fazia-se um *auto de fé*, cerimonia terrivel em que se executavam as sentenças do tribunal e a que o rei e a côrte costumavam assistir. (Fig. 56.)

Os condenados á morte eram queimados vivos e as suas cinzas espalhadas ao vento.

Durante os dois séculos em que funcionou no nosso país, a Inquisição queimou cêrca de 1500 pessoas e condenou a diversas penas mais de 23000.

Não se sábe o número das que morreram nos cárceres.

310. Que sucedia entretanto ao nosso império no Oriente? — 341. Que se passara de-

pois da morte de Albuquerque? — 342. Qual era a situação nêsses nossos domínios?

conquistados, originavam guerras contínuas que esgotavam as forças da nação.

**343.** Levantou-se de novo o nosso prestígio no Oriente durante o admirável mas curto governo de **D. João de Castro** (1545-1538). (40.<sup>a</sup> Leitura).

**344.** Quando porêem o herói morreu, a corrupção, os abusos e as guerras recomeçaram; e a Índia tornou-se um sorvedoiro de homens e de dinheiro.

**345.** D. João III teve de abandonar aos Moiros Arzila, *Azamora* (tomada no reinado de D. Manuel), e outras praças africanas que o país já não podia defender.

40.<sup>a</sup> LEITURA. — **D. João de Castro.** — Logo que D. João de Castro tomou conta do governo da Índia cessaram os abusos de que se queixavam os povos sujeitos ao nosso domínio.

Não consentiu mais em saques e rapinas e deu a todos o exemplo da probidade e da justiça.

Aconteceu ser por êsse tempo (1546) sitiada pelos Turcos a nossa praça de *Dio*, que já em 1538 sofrera dêles apertado cêrco e os repelira vitoriosamente.

Não foi o segundo cêrco menos glorioso do que o primeiro. Sob o comando de *D. João de Mascarenhas*, a guarnição da praça fez prodígios de valor.

Acudiu-lhe em outubro de 1546 D. João de Castro, com um pequeno exército que, reunido á guarnição, pôs em fuga os quarenta mil Turcos, que a assediavam. Os Portuguezes eram ao todo três mil e quinhentos. (Fig. 57.)

Os baluartes estavam em ruínas. D. João de Castro escreveu então aos vereadores de Goa uma carta a pedir-lhes trinta mil pardaus\* emprestados para reedificar a fortaleza, e dentro da carta mandou-lhes como penhor um punhado das suas barbas. Os vereadores devolveram o penhor e emprestaram a soma.

Quando morreu, este grande homem de bem não tinha em casa dinheiro bastante para comprar uma galinha.



Fig. 57. — D. João de Castro em Dio.

343. Que fez o governo de D. João de Castro? — 344. Que aconteceu depois da morte

dêste herói? — 345. Que teve de fazer D. João III?

**D. SEBASTIÃO (1557-1578).****IV. — Regência da Rainha e do Cardial D. Henrique.**

346. Nenhum dos filhos de D. João III lhe sobreviveu e a coroa passou a seu neto **D. Sebastião**, o *Desejado*, que tinha três anos apenas.

347. Exerceram a regência: primeiramente, a rainha viúva, *D. Caterina*, e depois o **Cardial D. Henrique**, irmão do rei falecido.

**V. — Character de D. Sebastião.**

348. A educação, que recebeu do seu preceptor jesuíta, fez de D. Sebastião um exaltado, quasi um fanático.

349. A sua ardente imaginação não devaneava \* senão combates e façanhas contra os inimigos da fé.

**VI. — Primeira expedição africana.**

350. Recuperar as praças de África abandonadas por seu avô e conquistar o império de Marrocos, tornou-se a ideia fixa do jovem príncipe, quando aos catorze anos tomou conta do govêrno (1568).

351. Em 1573 empreendeu de surpresa a sua primeira expedição africana, que lhe não deu ensejo de praticar os grandes feitos que sonhava.

**VII. — Segunda expedição. Alcácer-Quibir.**

352. Anos depois (1578), o imperador de Marrocos *Maula-Hamede*, foi destronado por seu tio

346. Para quem passou a coroa por morte de João III? — 347. Por quem foi exercida a regência? — 348. Que resultados teve a educação que recebeu D. Sebastião? — 349. Que

sonhava êle fazer? — 350. Qual era a sua ideia fixa quando subiu ao trono? — 351. Que fez êle em 1573? — 352. Que lhe pediu o imperador de Marrocos?

*Abd-el-Melique*, e pediu auxílio ao rei de Portugal para reconquistar o trono.

353. Entendeu D. Sebastião chegado o momento de realizar o seu insensato projecto.

354. Desprezando as objecções e os conselhos dos homens experientes, passou-se a África com um exército mal organizado e mal dirigido.

355. Esse exército foi destroçado pelos Moiros em **Alcácer-Quibir** (4 de agosto), ficando mortos no campo e prisioneiros milhares de Portugueses. (41.<sup>a</sup> Leitura).

356. D. Sebastião desapareceu na batalha, depois de haver pelejado heroicamente.

41.<sup>a</sup> LEITURA. — **Alcácer-Quibir.** — Em 25 de junho de 1578 largou do Tejo a armada, composta de mais de 800 naus, que transportou a expedição a Tânger.

Compreendia esta uns dezoito mil homens, dos quaes (além da nobreza) apenas nove mil Portugueses, gente bisonha\* e sem valor militar. O resto eram mercenários\* alemães, castelhanos, italianos do Papa, etc.

Ia D. Sebastião tão certo da vitória que levava a bórdo a coroa que havia de pôr na cabeça, quando fosse coroado em Fez imperador de Marrocos; e o seu prègador já sabia de cór o sermão que devia pronunciar nessa cerimónia.

Desde que a expedição desembarcou, el-rei, no seu desejo cego de dar batalha aos Moiros, ordenou tais desatinos que um dos fidalgos portugueses, o barão de Alvito, disse: — «Porque não havemos nós de prender èste homem que nos perde?» — «È tarde!» respondeu alguêm. — «!ois se é tarde rezemos pelo rei, pelo reino e pelos vassallos».

Em 4 de agosto travou-se a batalha, que durou uma hora apenas. No primeiro ímpeto, os nossos levaram os Moiros de roldão. Estes porém voltaram á carga, envolveram a nossa pequena hoste e esmagaram-na.

Quando viu tudo perdido, D. Sebastião não pensou em render-se. Procurou a morte com heroísmo carregando o inimigo. — «Só nos resta morrer!» disse-lhe um dos seus cavaleiros. — «Morrer, sim! respondeu êle. Morrer... mas devagar!»

A derrota era completa. Os Moiros já não tinham cordas bastantes para atar os prisioneiros. Então el-rei deu de esporas ao cavallo e, distribuindo cutiladas, entranhou-se nas fileiras inimigas. (Fig. 53.) Nunca ninguém mais o viu.

353. Como apreciou D. Sebastião esse pedido? — 354. Em que empresa se aventurou?

— 355. Que sucedeu á expedição portuguesa? — 356. Que fim teve D. Sebastião?

**D. HENRIQUE** (1578-1580).

VIII. — **O cardial aclamado rei.**

**357.** A notícia dêste tremendo desastre lançou o país em confusão e anciedade indescritíveis.

**358.** Como não tivesse D. Sebastião deixado descendentes, forçoso se tornou aclamar rei seu tio, o velho cardial D. Henrique.

IX. — **Pretendentes á coroa. Côrtes em Almeirim.**

**359.** Manifestaram-se logo não menos de sete pretendentes á sucessão no trono.

**360.** Um dêles, **D. Antonio, prior do Crato**, neto de D. Manuel, tinha as simpatias do povo, mas não as do cardial.

**361.** Convocou êste côrtes em Almeirim para designarem o herdeiro da coroa e usou de toda a sua influência para que a escolha recaísse em **Felipe II** de Espanha, tambem neto materno de D. Manuel.

**361 bis.** Encontrou porêem êste plano opposição ardente da parte do grande patriota Fébus Moniz, procurador de Lisboa ás mesmas cortes, que obstou a que estas elegessem o rei espanhol.

X. — **Morte de D. Henrique.**

**362.** Não conseguiu pois o cardial o seu intento e quando morreu (1580), não estava ainda a questão resolvida.

**363.** Logo em seguida á morte de D. Henrique, levantou o prior do Crato algumas tropas e fez-se aclamar rei em Santarêm.

357. Que efeito produziu em Portugal a notícia do desastre? — 358. Quem foi aclamado rei — 359. Quantos pretendentes á coroa se apresentaram? — 360. Qual dêles tinha as simpatias do povo? — 361. Que fez o cardial

para resolver a questão da sucessão? — 361. bis. Quem se opôs aos desejos do cardial? — 362. Conseguiu o cardial o que queria — 363. Que se passou em seguida á morte do cardial?

## XI. — Felipe II e a nobreza.

364. Mas por intermédio de um Português renegado, *Cristovão de Moura*, comprara Felipe II a maior parte da nobreza de Portugal.

365. A burguesia e o povo já não eram os mesmos que no tempo do Mestre de Avis.

366. O amor do lucro, a ociosidade, a influência jesuítica tirara-lhes toda a energia e patriotismo.

## XII. — Portugal cai sob o jugo de Espanha.

367. Um exército espanhol, comandado pelo *duque de Alba*, invadiu Portugal, embarcou em Setúbal e, por Cascaes, marchou sobre Lisboa. (1580.)

368. Quis opôr-se-lhe em **Alcântara** o prior do Crato (25 de agosto), mas foi derrotado e teve de fugir para França.

369. Portugal caiu em poder dos Espanhóis.

## XIII. — Luís de Camões e os Lusíadas.

370. Pouco antes dêsse grande infortúnio perdera Portugal o mais ilustre dos seus filhos. (42.<sup>a</sup> Leitura.)

371. **Luís de Camões**, o valente soldado, o incomparável poeta (fig. 58), expirara na miséria, murmurando: «—Ao menos, morro com a pátria!» (10 de junho de 1580.)

372. Deixava porêm um livro imortal, um monumento grandioso á glória do povo português.

373. Esse livro, o mais belo que se tem escrito na



Fig. 58. — Luís de Camões

364. Que fizera Felipe II de Espanha? —  
365. Fale da burguesia e do povo de então — 366. Que transformação se operara nessas classes — 367. Que fez a Espanha? —  
368. Que tentou fazer o prior do Crato? —  
369. Que resultado daí para Portugal? — 370.

Que grande perda sofrera o nosso país pouco antes? — 371. Diga o que sabe de Luís de Camões e da sua morte — 372. Que deixou Luís de Camões a Portugal? — 373. Como se chamava o livro de Camões e que devemos aprender nêle?

nossa língua, chama-se **Os Lusíadas** e todos devemos aprender nêle a amar e a servir a nossa querida pátria como a serviu e amou Camões.

42.<sup>a</sup> LEITURA. — **Luís de Camões.** — A vida do grande poeta foi um tecido de aventuras e de adversidades.

A sua primeira viagem (1547) leva-o a Africa, onde perde um olho numa escaramuça com os Moiros. Três anos depois, regressa a Portugal, tem rixas e duelos, sofre um ano de prisão, durante o qual compõe o primeiro canto dos *Lusíadas*.

Em 1553, segue para a Índia e aí toma parte em várias expedições militares, batendo-se intrépidamente. Da India passa-se a Macau onde escreve mais seis cantos do poema. É chamado a Goa. Naufraga na costa



Fig. 59.—Camões salva do naufragio os *Lusíadas*.

do Camboje, junto á loz do rio Mècong e salva-se, nadando com um braço e erguendo com o outro acima das vagas o manuscrito dos *Lusíadas*. (Fig. 59.)

Novos infortúnios o aguardam em Goa. Alvo de acusações injustas, é preso novamente. Conseguê justificar-se, mas, se recupera a liberdade, é para lutar com a miséria que o não largará mais até á sepultura.

Passa ainda muitos trabalhos, efectua novas viagens e finalmente em 1569 regressa a Lisboa.

Em 1572 sai a lume a primeira edição dos *Lusíadas*. El-rei D. Sebastião concede ao poeta a mesquinha pensão de 15\$000 réis anuaes, ou *dois vintens por dia!*

Os últimos anos da vida de Camões decorrem na mais cruel indigência.

Refere a tradição que, se o poeta não morreu de fome, o deveu á dedicação de um escravo jau, que ia esmolar para êle de noite pelas ruas de Lisboa.

O príncipe dos poetas portugueses expirou num catre de hospital!

## RESUMO DO LIVRO V

I.—**D. João III.** (1521-1557), príncipe fanático e pouco inteligente, introduz em Portugal a *Companhia de Jesus* e a *Inquisição*.

Por culpa de maus governadores o nosso império colonial começa a decair.

Interrompe-se essa decadência durante o curto mas excelênte go

vêrno de *D. João de Castro*; continúa porêem depois da morte do herói (1548.)

II.—A *D. João III* sucede seu neto **D. Sebastião** (1557-1578).

Exaltadamente religioso, o joven soberano só pensa em adquirir glória, combatendo os infiéis.

Desprezando objecções e conselhos, passa-se a África á testa de uma expedição mal organizada, que os Moiros atacam e derrotam em **Alcácer-Quibir** (4 de agosto de 1578).

*D. Sebastião* desaparece na batalha.

III.—Aclamado rei, o velho **cardial D. Henrique** (1578-1580) morre pouco depois, sem que ficasse designado o seu successor no trono.

Sete pretendentes aspiram a essa successão; entre êles **Felipe II.** rei de Espanha, e *D. Antõnio, prior do Crato*.

Este último levanta algumas tropas que o aclamam rei em Santa-rêm.

Um exército espanhol, comandado pelo *duque de Alba*, invade Portugal e desbarata em *Alcântara* as fôrças do prior do Crato (25 de agosto de 1580.)

Portugal cai em poder de Felipe II.

Meses antes (10 de junho), morrera num hospital **Luís de Camões**, o imortal autor de *Os Lusitadas*.

---

#### EXERCÍCIO

Procurar no planisferio, pag. 73 e na carta, pag. 116, os nomes abaixo indicados e citar as recordações históricas ligadas a êsses nomes:

*Dio*, — *Arzila*, — *Azamora*, — *Alcácer-Quibir*, — *Alcântara*.

---

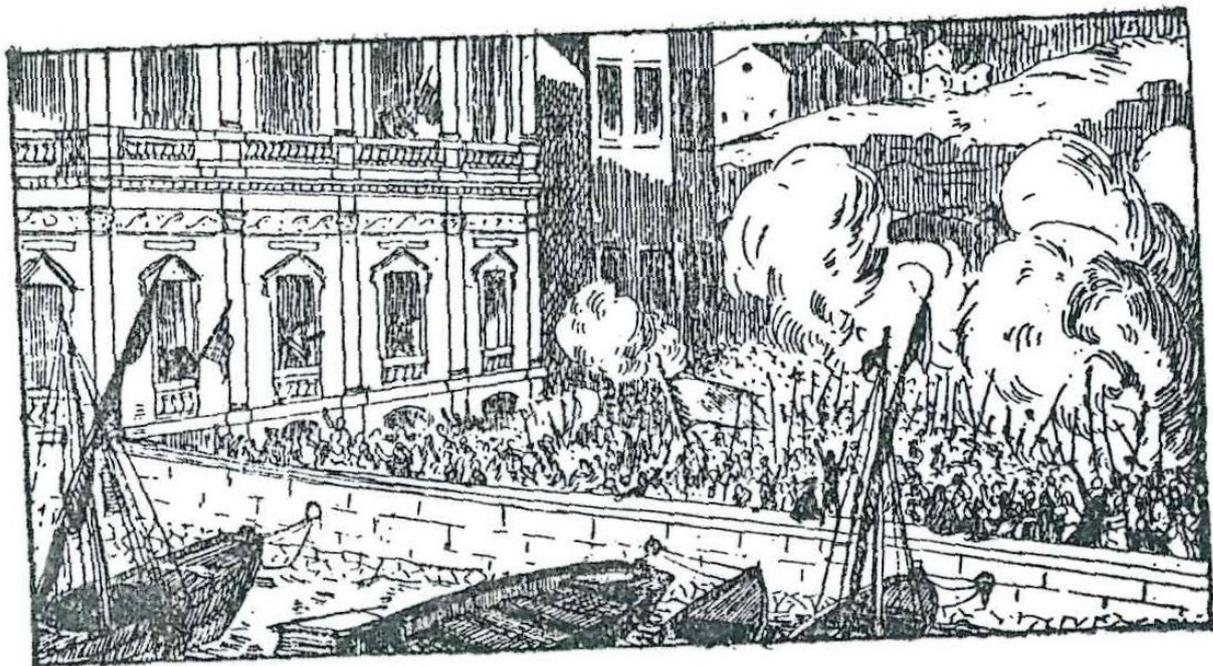


Fig. 60.—O Terreiro do Paço na manhã de 1 de dezembro de 1640.

## LIVRO VI

### O GOVÉRNO DOS FELIPES

SÉCULOS XVI E XVII  
(1580-1640)

**FELIPE I** (1580-1598); **FELIPE II** (1598-1621);  
**FELIPE III** (1621-1640).

#### I. — Côrtes de Tomar.

374. Antes de entrar em Lisboa, **Felipe I**, (Felipe II de Espanha), reuniu côrtes em Tomar (1581) para que o reconhecessem rei legítimo de Portugal.

375. Aí jurou manter e respeitar os privilégios e liberdades do povo portugûês, juramento que nem êle nem os seus descendentes cumpriram.

#### II. — O Prior do Crato.

376. Durante nove anos ainda renovou o Prior do Crato as suas tentativas para arrancar Portugal aos Espanhóis.

374. Como principiou Felipe I o seu reinado? — 375. Que jurou êle em Tomar? —

376. Que fez ainda o Prior do Crato?

377. Vencido sempre, desistiu afinal do seu intento e acabou na miséria os seus dias em Paris.

### III. — Os Falsos D. Sebastião.

378. Não se convencera o nosso povo de que D. Sebastião tivesse morrido em Alcácer-Quibir

379. Firmemente esperava que êle appareceria cedo ou tarde para expulsar do país o usurpador\*.

380. Tentaram varios impostores fazer-se passar por D. Sebastião, mas foram desmascarados e severamente punidos. (43.ª Leitura).

43.ª LEITURA. — Os Sebastianistas. — Dos quatro embusteiros que tentaram usurpar o nome de D. Sebastião, dois eram portuguezes, espanhol o terceiro e o último italiano da Calábria.

Foi condemnado o primeiro a remar nas galés; sofreram a pena última o segundo e o terceiro.

O quarto, Marco Túlio, o *Calabrês*, conseguiu, apesar de não saber uma palavra da nossa língua, persuadir grande número de pessoas importantes de que era efectivamente D. Sebastião e chegou a dar sérios cuidados ao governo espanhol. Acabou por ser executado também, mas nunca se soube ao certo como se effectuou a execução.

O mistério que rodeou a sua morte deu origem á lenda do *Principe Encoberto*.

Muitos espiritos crédulos passaram a acreditar que D. Sebastião se conservava oculto numa ilha ignorada, mas que em manhã de nevoeiro chegaria a Portugal numa galé para reclamar o seu trono aos Espanhóis. (Fig. 61.)

Assim se formou a setta dos *Sebastianistas*, que durou mais de duzentos anos.

Ainda em meados do século XIX havia em Portugal bastante gente, que esperava a vinda de D. Sebastião.



Fig. 61. — O povo esperava que D. Sebastião appareceria numa galé por manhã de nevoeiro...

377. Que fim teve o Pretendente?—378. De que se não convencera o nosso povo?—

379. Que esperava êle?—380. Que tentaram alguns impostores?

IV. — **Ruína de Portugal.**

381. Em vez de sustar a decadência de Portugal; a dominação espanhola consumou a ruína da nossa pátria.

382. No desastre da *Invencível Armada*\* (1588), perdeu-se da nossa marinha de guerra o que escapara dos naufrágios e combates da Índia. (Fig. 62.)

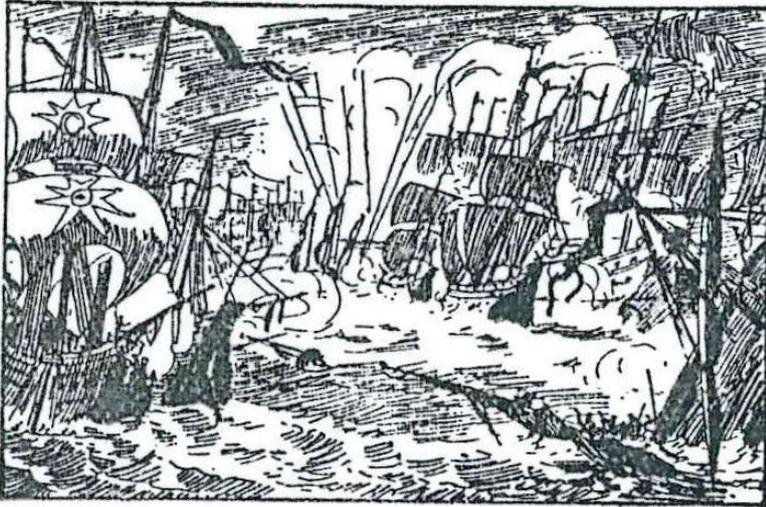


Fig. 62.—O desastre da Invencível Armada.

383. As nossas melhores tropas foram mandadas combater nas *Flandres*\*, desguarnecendo o reino e as nossas possessões do ultramar.

384. Os Ingleses, inimigos da Espanha, passaram a tratar-nos como inimigos e saquearam os nossos portos.

V. — **Ruína do nosso Império no Oriente.**

385. Conseguíramos até essa época impedir o acesso dos mares indianos aos navios de todas as outras nações.

386. Uma frota de mercadores holandeses pôde pôr em 1596, chegar pela primeira vez ao Extremo Oriente.

387. Conhecedores agora do caminho, mandaram os Holandeses nos anos seguintes novas esquadras.

381. Trouxe-nos algum bem a dominação espanhola?—382. Que sucedeu á nossa marinha?—383. Que fazia a Espanha ás nossas tropas?—384. Que fizeram então os Ingleses?

—385. Que havíamos conseguido até então?—386. Que sucedeu em 1596?—387. Que fizeram depois os Holandeses?

388. Como estivessem também em guerra com a Espanha, foram-se apoderando das nossas possessões.

389. Assim perdemos as Molucas e mais tarde Malaca, além de muitas feitorias e fortalezas

390. Aos Holandeses seguiram-se os Ingleses, que nos expulsaram de Ormuz.

391. Uns e outros combateram e arruinaram o nosso comércio, apresando as naus portuguezas, quando regressavam carregadas á Europa.

392. Do nosso magnífico império oriental em breve nos restou quasi unicamente Goa, já em decadência.

## VI. — Os Holandeses no Brasil e em Africa.

393. Fomos também no Brasil atacados pelos Holandeses, que nos tomaram *Pernambuco* e várias outras cidades.

394. Até na África nos vieram guerrear, apoderando-se de Angola e da Guiné.

## VII. — Situação a que chegara Portugal.

395. Ao passo que assim nos deixava espoliar dos nossos descobrimentos e conquistas, a Espanha esmagava-nos com impostos.

396. No reinado de **Felipe III** (IV de Espanha), a situação do nosso país agravou-se ainda.

397. O govêrno de Portugal fôra confiado a uma senhora, a *duquesa de Mântua*, parente do soberano.

398. Quem governava porêrno de facto era o secre-

388. Que resultou daí para as nossas possessões? — 389. Que terras perdemos primeiro? — 390. Que succedeu com os Ingleses? — 391. Que fizeram esses dois inimigos? — 392. Que feito foi do nosso império colonial? — 393. Onde nos atacaram ainda os Ho-

landeses? — 394. Que nos fizeram êles em Africa? — 395. Como procedia a Espanha connosco? — 396. A nossa situação melhorou? — 397. A quem fôra confiado o govêrno de Portugal? — 398. Quem governava na realidade?

tário de estado, **Miguel de Vasconcelos**, português renegado\*, perseguidor das seus compatriotas e por êles detestado.

399. Os campos estavam abandonados, arruinado

o comércio, a miséria do povo era imensa e os tributos aumentavam sempre.



Fig. 63.—A aversão dos Espanhóis manifestava-se em tumultos.

400. A aversão ao domínio espanhol começava a manifestar-se em tumultos pelo reino, um dos quais, o de Évora (1637),

foi quasi uma revolução (Fig. 63.)

### VIII. — Revolução de 1640.

401. Conceberam então alguns patriotas o projecto de libertar o país do jugo espanhol, proclamando rei de Portugal **D. João, duque de Bragança**, que residia em Vila Viçosa.

402. A ocasião era favorável: a Espanha lutava com uma grande revolução na *Catalunha\**, e estava em guerra com o rei de França, que prometia ajudar-nos.

403. No dia aprazado para a revolução (1 de dezembro de 1640), os conjurados invadiram o palácio do govêrno, mataram Miguel de Vasconcelos e prenderam a duquesa de Mântua.

404. A população de Lisboa aclamou rei de Por-

399. Em que estado estava o país? — 400. Que sentimentos nos inspirava a Espanha e como se manifestavam? — 401. Que projecto formaram alguns patriotas? — 402. Porque

era favorável a occasião? — 403. Conte o que se passou no dia 1 de dezembro? — 404. Que fizeram a população de Lisboa e a guarnição espanhola?

tugal o duque de Bragança; a guarnição espanhola de Lisboa rendeu-se sem combate.

405. Dias depois entravam os duques de Bragança na capital, que os recebia com delirante entusiasmo.

406. A revolução propagou-se no país como um

44.<sup>a</sup> LEITURA. — **A Revolução de 1640.** — Amanheceu radioso o dia 1 de dezembro. Pouco antes das nove horas da manhã reuniram-se no Terreiro do Paço os quarenta conjurados.

Ao encaminhar-se para lá, um dos chefes, *João Pinto Ribeiro*, encontrou um amigo que lhe perguntou: — «Aonde vai?» — «Não se altere, respondeu êle rindo, chegamos ali abaixo á sala real e é um instante enquanto tiramos um rei e pomos outro.»

Batem nove horas. Os fidaigos saltam a um tempo dos coches, invadem o palácio, atacam e dispersam a guarda de archeiros; um grupo de conjurados precipita-se para os aposentos de Miguel de Vasconcelos.

Êste, ouvindo rumor suspeito, salta da cama, tremendo de susto, fecha-se por dentro e esconde-se num armário de papéis. Arrombada a porta do quarto, os conjurados, não encontrando o homem que procuram, supõem um instante que se evadira. Mas, no seu estreito esconderijo, o desgraçado faz um movimento, que revela a sua presença. Cai varado por duas balas. (Fig. 64.)



Fig. 64.—Morte de Miguel de Vasconcelos.

Outro grupo de conjurados invade a sala onde estava a duquesa de Mântua. Esta mostra-se altiva, pretende resistir. — «Por não querer sair por aquela porta, diz-lhe um dos conjurados, não nos obrigue Vossa Alteza a fazê-la sair por esta janela!» Tal ameaça intimida a vice-rainha que daí em diante obedece aos conjurados.

Entretanto, de uma varanda do palácio, um dos fidalgos bradava ao povo: «Liberdade! Liberdade! Viva D. João IV!» A multidão, que enchia a praça, rompeu em aclamações delirantes. (Fig. 60.)

Daí a momentos toda a população da cidade estava nas ruas e o entusiasmo tornava-se indescriptível.

Triunfara a revolução. Portugal era de novo livre.

incêndio. Terminara para sempre o nosso cativoiro.  
(44.<sup>a</sup> Leitura.)

## RESUMO DO LIVRO VI

I.—**Felipe I** jura perante as côrtes de Tomar (1581), que o reconhecem como soberano de Portugal, respeitar os privilégios e liberdades do povo português.

Nem êle nem os seus descendentes cumprem tal juramento.

Durante nove anos ainda, renova o *Prior do Crato* as suas tentativas por libertar Portugal do jugo espanhol, mas em vão.

Pretendem alguns impostores fazer-se passar por D. Sebastião. Desmascarados, sofrem castigo severo.

II.—Sob o domínio espanhol, a decadência do nosso país é rápida e profunda.

O desastre da *Invencível Armada* (1588) arruina a nossa marinha de guerra.

Os **Inglezes** e os **Holandeses** destroem o nosso comércio com a *India* e apoderam-se das nossas principais possessões no Oriente.

Uma parte do *Brasil*, *Angola* e a *Guiné* são-nos também arrebatadas pelos Holandeses.

A situação do reino torna-se lamentável. Esmagado de impostos, o povo cai na maior miséria.

Cresce de dia para dia o ódio contra os opressores.

III.—No reinado de **Felipe III**, este estado de coisas agrava-se ainda. É nomeada vice-rainha de Portugal a *duquesa de Mântua*, mas quem governa de facto é o Português renegado **Miguel de Vasconcelos**.

Torna-se êste perseguidor cruel dos seus compatriotas e aumenta ainda os tributos que os oprimiam.

A aversão do povo contra o jugo estrangeiro começa a manifestar-se em tumultos.

IV.—Um grupo de fidalgos portugueses, tendo á sua testa **João Pinto Ribeiro**, fórma uma **conjuração** para libertar Portugal.

Em 1 de dezembro de 1640, os conjurados invadem o paço da *Ribeira*, matam Miguel de Vasconcelos, prendem a duquesa de Mântua.

O povo aclama rei de Portugal o *duque de Bragança*, **D. João**.

Todo o país adere á revolução. Os Espanhois são expulsos.

Portugal recupera a **independência**.

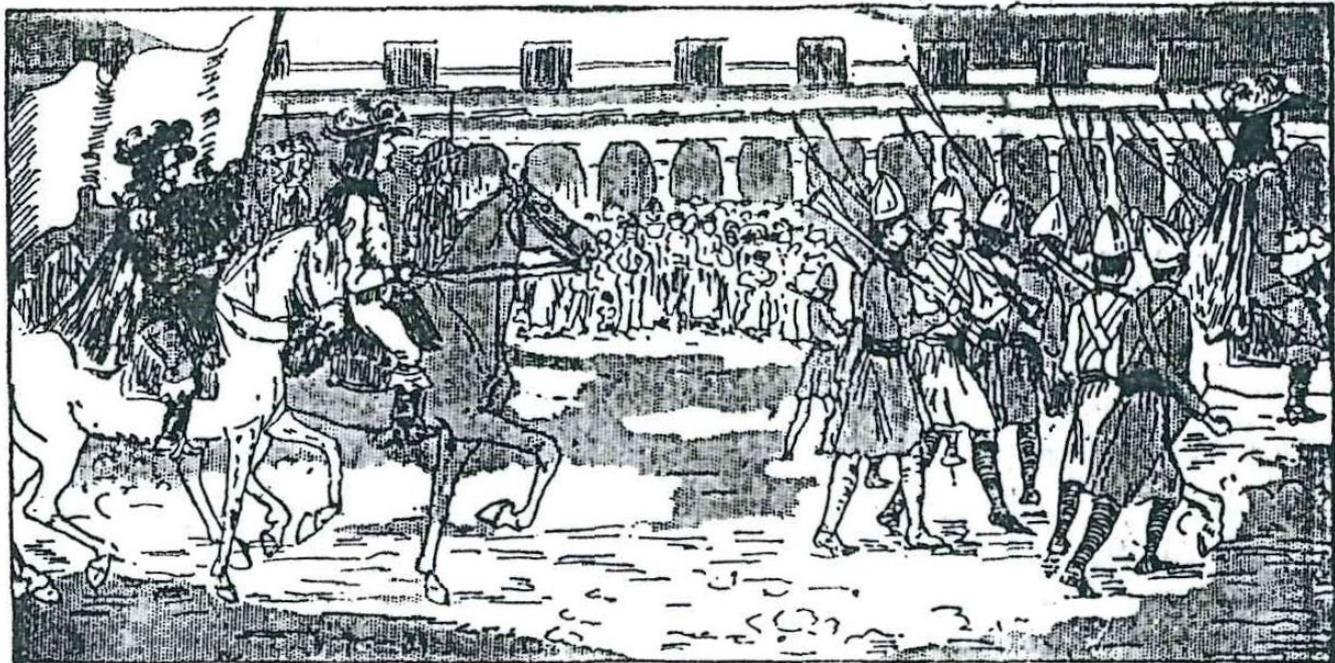


Fig. 65.—Um exército português, comandado pelo marquês das Minas, entra em Madrid (1706)

## LIVRO VII

### AS GUERRAS DA RESTAURAÇÃO

SÉCULOS XVII E XVIII  
(1640-1706)

**D. JOÃO IV** (1640-1656); **D. AFONSO VI** (1656-1683);  
**D. Pedro II** (1683-1706).

#### I. — Conspiração contra D. João IV

407. Sem perda de tempo, cuidou **D. João IV** de organizar a defesa do país (45.<sup>a</sup> Leitura).

408. Persuadidos de que Portugal não poderia resistir ao ataque de Castela, vários fidalgos portugueses atraíram a pátria, indo oferecer os seus serviços a Felipe IV.

409. Outros, a instigações do *arcebispo de Braga*, urdiram uma conspiração para assassinar D. João IV e entregar o reino aos espanhóis.

410. Denunciados e presos, foram condenados á

407. Em que pensou D. João IV logo que subiu ao trono? — 408. Que fizeram alguns fidalgos portugueses? — 409. Que fizeram ou-

tros fidalgos ainda? — 410. Diga os nomes dos principais conjurados e o fim que tiveram?



Fig. 66.—Execução dos fidalgos traidores.

morte e executados os quatro conjurados principais: o *marquês de Vila Real*, o *duque de Caminha*, o *conde de Armamar*, e *D. Agostinho Manuel*, bem como alguns homens do povo. (Fig. 66)

411. O arcebispo de Braga acabou os seus dias num cárcere.

### GUERRAS DA RESTAURAÇÃO (1641-1668)

#### II. — 1.º PERÍODO (1641-1646). **Batalha de Montijo.**

412. Como era de prever, tentou a Espanha reconquistar pelas armas o reino que perdera.

45.ª LEITURA. — **A Casa de Bragança.** — O primeiro duque de Bragança foi D. Afonso, 3.º conde de Barcelos, filho de D. João I. Desposou em 1401 D. Beatriz, filha de D. Nuno Alvares Pereira. Desde logo a casa de Bragança foi rica e poderosa e quando entrou na posse dos imensos haveres do Condestável passou a ser a mais opulenta casa fidalga de Portugal.

Em seguida á conspiração que o duque D. Fernando expiou no cada-falso, os seus bens foram confiscados, mas o rei D. Manuel restituiu-os ao duque D. Jaime, filho do justicado, e desde então o poderio e a riqueza da casa de Bragança foram sempre crescendo.

Quando rebentou a revolução que o fez rei de Portugal, o duque D. João era senhor de três ducados, Bragança, Barcelos e Guimarães, do marquesado de Vila Viçosa e de quatro condados. Pertencia-lhe grande parte do Minho, de Trás-os-Montes e quasi todo o Alentejo. Subia a mais de oitenta mil o número dos seus vassallos.

O duque D. João desposara *D. Luisa de Gusmão*, filha dos duques de Medina Sidónia. Era senhora ambiciosa e de grande energia. Quando os conjurados ofereceram a coroa a seu marido, este, ainda receoso e indeciso, pediu-lhe conselho: — «Mais vale viver reinando do que acabar servindo», respondeu-lhe ela.

O duque não hesitou mais.

413. Felizmente para nós, as principais fôrças do inimigo estiveram a princípio ocupadas nas guerras da Catalunha e das Flandres.

414. Nos três primeiros anos, a guerra limitou-se a escaramuças\* e correrias na fronteira, que serviram para aguerrir\* as nossas tropas.

415. Em 1644, os Portugueses tomaram a ofensiva, invadindo a Espanha, e, comandados por *Matias de Albuquerque*, bateram o inimigo na batalha do **Montijo**.

### III. — 2.º PERÍODO (1646-1656). **Escaramuças.**

416. Segue-se um período de dez anos durante o qual a guerra se arrasta na fronteira, sem sucessos decisivos.

417. A braços com outros inimigos, a Espanha não dispõi de tropas suficientes para nos atacar com vigor.

### IV. — 3.º PERÍODO (1657-1660). **Vitória das Linhas d'Elvas.**

418. No ano seguinte ao da morte de D. João IV (1656), as operações militares tornam-se muito mais activas.

419. Em 1659, o nosso exército, comandado pelo *conde de Cantanhede*, ganha sobre o inimigo a brilhante vitória das **Linhas d'Elvas**.

### V. — 4.º PERÍODO (1661-1668). **Vitórias do Ameixial e de Montes-Claros. Fim da guerra.**

420. Em 1663, um general illustre, *D. João d'Áus-*

413. Que circumstancia nos favoreceu então?—414. Que se passou nos três primeiros anos — 415. Que aco teceu em 1644?—416. Que succedeu durante os dez anos seguin-

tes?—417. Como se explica a inacção da Espanha?—418. Essa inacção durou sempre?—419. Que succedeu em 1659?—420. Que novo perigo ameaçou Portugal?

tria, á testa de um forte exército espanhol, invadiu o Alentejo, tomou Évora e Alcácer do Sal, e dispôs-se a marchar sôbre Lisboa.

421. Portugal sentiu-se perdido, mas foi ainda desta vez milagrosamente salvo.

422. Ao encontro do inimigo acudiu o *conde de Vila Flor*, destroçando-o na famosa batalha do **Amelxial**.

423. Dois anos depois (1665), sofrem os Espanhóis nova e decisiva derrota na batalha de **Montes-Claros**, ganha pelo *marquês de Marialva* (Fig. 67.)

424. Prolongou-se o estado de guerra ainda por três anos, sem sucessos importantes e em 1668 (regência de D. Pedro II) firmou-se a paz, reconhecendo a Espanha a nossa independência.



Fig. 67. — Batalha de Montes-Claros.

## VI. — Restauração das colônias.

425. Em 1642, os Portugueses do Brasil haviam pegado em armas para expulsar os Holandeses.

426. Lutando com os seus próprios recursos, sem auxílio do reino, conseguiram êsses admiráveis patriotas libertar o solo brasileiro ao cabo de treze anos de combates (1642-1654). (46.<sup>a</sup> Leitura.)

421. Que efeito causou em Portugal essa invasão? — 422. Que encontro se deu com os Espanhóis e quem comandava as nossas forças? — 423. Que nova derrota sofreu o

inimigo? — 424. Como e quando terminou a guerra? — 425. Que se passara entretanto no Brasil? — 426. Quanto tempo durou a campanha e que resultado teve?

427. Na África, em 1648, *Salvador Correia de Sá* reconquista aos Holandeses Angola e S. Tomé.

## VII. — Regência de D. Luiza de Gusmão.

### Carácter de D. Afonso VI.

428. Falecido D. João IV (1656), exerceu a regência sua viúva, *D. Luisa de Gusmão*, durante a menoridade de **D. Afonso VI**.

429. Em 1662, perdemos *Bombaim* e Tânger que a infanta D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV,

46.<sup>a</sup> LEITURA. — **A Restauração do Brasil.** — A provincia de *Maranhão* foi a primeira a libertar-se do jugo holandês (1644).

Em 1645, *João Fernandes Vieira*, madeirense de nascimento, levanta em Pernambuco o grito de revolta e ganha logo depois sobre os Holandeses a vitória das *Ta-bocas*.

A insurreição alastrou-se e os Holandeses acolheram-se no *Recife*, onde foram sitiados pelos nossos.

Durou nove anos o cêrco com variadas peripecias. O inimigo recebeu da Europa importantes reforços com que, por vezes, tomou a ofensiva, chegando a ir pôr cêrco á Baía. Mas os nossos, comandados por *Francisco Barreto*, bateram-no em duas batalhas, que ambas se ficaram chamando dos *Guararapes* (fig. 68), por haverem tido por teatro os montes do mesmo nome.

Afinal o Recife capitulou em janeiro de 1654 e os Holandeses evacuaram definitivamente o Brasil.



Fig. 68. — Segunda batalha dos Guararapes.

427. Que se pa sou na África em 1648?  
-428. Que se seguiu á morte de D. João IV?

-429. Como perdemos Bombaim e Tânger?

levou em dote a seu marido, Carlos II, rei de Inglaterra.

430. Sofrera Afonso VI, quando ainda muito criança, grave doença, que o deixara fraco de corpo e de espírito.

431. Com os anos, a sua inteligência não progrediu muito e o seu carácter piorou.

432. Só se deleitava na companhia de gente grosseira e o seu grande prazer era correr de noite as ruas da cidade, armando desordens e escândalos.

### VIII. — Governo de D. Afonso VI.

433. A instigações do *conde de Castelo Melhor*, Afonso VI tirou a regência a sua mãe e assumiu o governo do país (1662).

434. Por felicidade, tomou como ministro Castelo Melhor, que se revelou estadista \* eminente.

435. Ao modo porque soube organizar a defesa de Portugal se deveram as vitórias que asseguraram a nossa independência e valeram a Afonso VI o cognome de *o Vitorioso*.

436. Em 1666 casou Afonso VI com uma princesa francesa, *D. Maria Francisca Isabel de Saboia*, duquesa de *Nemours e d'Aumale*.

437. Meses depois, retirou-se a rainha para um convento e o seu casamento foi anulado.

### IX. — Deposição de D. Afonso VI

438. O príncipe **D. Pedro**, irmão de el-rei, pren-

430. Que sabe da infância de Afonso VI? — 431. Que influência teve nêle a idade? — 432. Com quem gostava o rei de conviver e qual era o seu prazer favorito? — 433. Que fez Afonso VI em 1662? — 434. Quem esco-

meu para ministro? — 435. Que serviços deu Portugal ao conde de Castelo Melhor? — 436. Com quem casou Afonso VI? — 437. Que fez a rainha e que succedeu depois? — 438. Que fez o Infante D. Pedro em 1668?

deu o soberano (Fig. 69), assumiu a regência e casou com a rainha, sua cunhada (1668).

439. Logo no ano seguinte, assinou o tratado que terminou a luta com a Espanha, pelo que D. Pedro foi chamado o *Pacífico*.

440. Em 1683, faleceu Afonso VI na sua prisão do paço de Cintra e só então foi o príncipe regente aclamado rei.

### X. — Fim do governo de D. Pedro II

441. Pretendeu um arquiduque de Áustria, auxiliado pela Inglaterra, disputar o trono de Espanha a *Felipe V*, neto de *Luis XIV*, rei de França.



Fig. 70. — Batalha de Almanza

vadiu a Espanha (1706) e entrou triunfante em *Madrid* (fig. 65), donde porêem teve de retirar-se pouco depois.

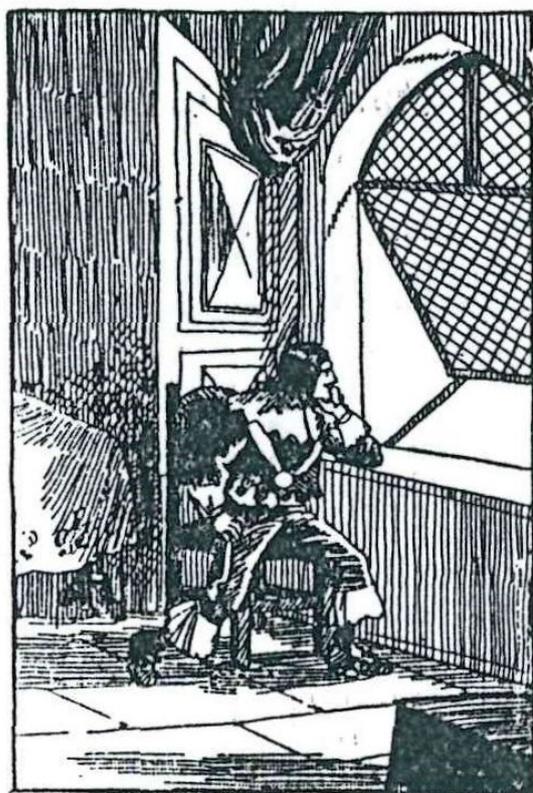


Fig. 69. — D. Afonso VI preso no paço de Cintra.

442. Para favorecer as pretensões do arquiduque, D. Pedro II arrastou Portugal a uma guerra funesta.

443. Um exército português, comandado pelo *marquês das Minas*, in-

4<sup>o</sup> Que acto importante praticou o a o se uint? — 440. Quando e onde faleceu Afonso VI? — 441. Que, pretendeu um ar-

quiduque de Áustria? — 442. Que erro praticou D. Pedro II? — 443. Que se passou em 1706?

444. No ano seguinte, reinando já D. João V, éramos vencidos na batalha de *Almança* (fig. 70) e em 1709 na batalha de *Caia*.

445. Em 1713 o *tratado de Utrecht* \* punha termo á guerra de sucessão de Espanha sem nos conceder a menor compensação para as nossas perdas e sacrifícios.

## RESUMO DO LIVRO VII

I.—**D. João IV** (1640-1656) organisa a defesa do país. Descobre-se uma conspiração, que tinha por fim restabelecer o domínio espanhol. Os seus chefes expiam o seu crime no cadafalso ou na prisão.

A Espanha tenta reconquistar Portugal.

No decurso de uma luta que dura vinte e oito anos, ganham os Portugueses as batalhas de *Montijo* (1644), *Linhas d'Elvas* (1659), *Ameixial* (1663) e *Montes-Claros* (1665).

Em 1668 a Espanha reconhece a nossa independência.

Os Holandeses são expulsos do Brasil e de Angola.

II.—**D. Afonso VI** (1656-1683) toma como primeiro ministro o **conde de Castelo Melhor**. Este ilustre homem de estado muito contribui para a vitória das nossas armas na guerra contra a Espanha.

Logo que sai do poder Castelo Melhor, D. Afonso VI, príncipe doente e fraco de espirito, mostra-se incapaz de governar.

III.—O infante **D. Pedro**, irmão de el-rei, revólta-se contra o soberano, prende-o e toma conta da regência do reino.

Assina logo em seguida o tratado de paz com a Espanha.

Em 1683, morre D. Afonso VI e o regente toma o título de rei, com o nome de **D. Pedro II** (1683-1706).

IV.—A questão da sucessão ao trono de Espanha é origem de uma guerra entre Portugal e este país (1706).

A vitória favorece a princípio a nossa bandeira, chegando a entrar em Madrid um exército português.

Volta-se depois contra nós a sorte das armas. Somos vencidos nas batalhas de *Almança* e de *Caia*. O *tratado de Utrecht* põi termo á guerra.

## EXERCÍCIO

Procurar na carta, pag. 116, os nomes abaixo indicados e citar as recordações históricas ligadas a êsses nomes:

*Montijo*, — *Elvas*, — *Évora*, — *Alcácer do Sal*, — *Ameixial*, — *Montes-Claros*, — *Madrid*, — *Almança*.



Fig. 71. — O terremoto de 1 de novembro de 1755.

## LIVRO VIII

### A MONARQUIA ABSOLUTA

---

#### SECULOS XVIII E XIX

(1706-1834)

---

**D. JOÃO V** (1706-1750).

#### I. — **Govêrno absoluto.**

446. As últimas côrtes portuguesas haviam sido convocadas por D. Pedro II em 1698.

447. Seu filho e sucessor **D. João V** exerceu o *govêrno absoluto*, isto é, aquele em que a vontade do soberano é a suprema lei do Estado; e nunca reuniu côrtes.

#### II. — **As minas do Brasil.**

448. Tinham-se descoberto no fim do reinado anterior ricas **minas de ouro e de diamantes** no Brasil.

449. Provenientes dessa origem, entraram em Por-

---

446. Em que época haviam sido convocadas as últimas côrtes portuguesas? — 447. Que especie de govêrno exerceu D. João V?

— 448. Que se descobrira no reinado anterior? — 449. Que entrara em Portugal nesse reinado?

tugal durante o reinado de D. João V riquezas incalculáveis.

450. Em vez porêm de as empregar em desenvolver a indústria e a agricultura, dissipou-as o soberano para satisfazer a sua imensa vaidade e a sua exagerada devoção.

451. O luxo da sua côrte era assombroso e as doações que fez a igrejas e mosteiros representam quantias enormes.

### III. — Obras de D. João V.

452. Na edificação do monstruoso e inútil convento de *Mafra*, onde 50:000 operários trabalharam quinze anos, gastou rios de dinheiro. (Fig. 72.)

453. Para obter o título de *Fidelissimo* e a criação do *Patriarcado* \* de Lisboa, deu á Santa Sé dezenas de milhões de cruzados.

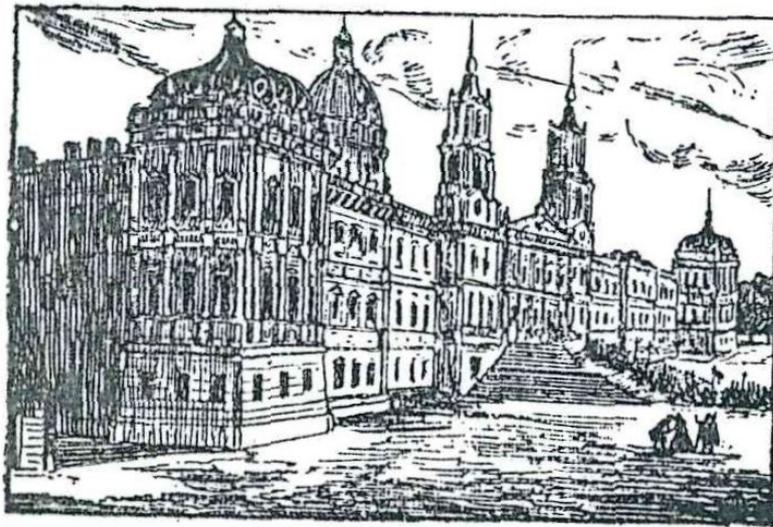


Fig. 72. — O convento de Mafra.

454. Quando se tratou porêm de criar uma obra útil o *Aqueduto das Águas Livres*, para abastecer Lisboa de água potável \*, teve o povo de a pagar com o produto de um novo imposto.

455. A fundação da *Academia Real de História*, do *Arsenal de Marinha*, da *Casa da Moeda* e de algumas poucas fábricas não basta a absolver D. João V das suas loucas prodigalidades.

4<sup>o</sup>. Que uso fez D. João V de ta sriquezas? — 451. Que sabe do luxo ca sua côrte e das doações que f z — 4<sup>o</sup>2. Fale do convento de Mafra? — 453. Que deu êle á Santa Sé e para

quê? — 454. Para que se construiu o aqueduto das Agias Livres e com que meios? — 455. Cite outras obras de D. João V.

456. Êste rei, a que se deu o nome de *Magnânimo*\*, foi na realidade um dos piores da nossa história.

**D. JOSÉ I (1750-1777).**

#### IV. — O novo ministro.

457. Logo que subiu ao trono D. José I, foi nomeado ministro *Sebastião José de Carvalho e Melo*, futuro *conde de Oeiras* e **marquês de Pombal**.

458. Começara êste a manifestar os mais eminentes dotes de homem de estado, quando um acontecimento extraordinário lhe deu o ensejo de revelar todo o seu valor.

#### V. — O terremoto de Lisboa.

459. Em 1 de Novembro de 1755, um **terremoto** medonho (fig. 71), seguido de um *incêndio*, destruiu grande parte de Lisboa, vitimando inuitos milhares dos seus habitantes. (47.<sup>a</sup> Leitura.)

460. No meio da confusão imensa que succedeu ao espantoso desastre, Sebastião José de Carvalho e Melo conservou toda a sua energia e sangue frio.

461. Mandou proceder sem demora á inumação\* dos mortos, conjurando assim o perigo de uma epidemia.

462. Concentrou na cidade grandes quantidades de mantimentos, evitando a calamidade de uma fome pública.

463. Mandou enforçar os assassinos e salteadores

456. Que julzo devemos formar de D. João V e que cognome lhe foi dado? — 457. Que fez D. José logo que subiu ao trono? — 458. Fale do novo ministro. — 459. Que succedeu por essa occasião? — 460. Qual foi a attitude do

ministro? — 461. Como evitou êle o perigo de uma epidemia? — 462. Como evitou êle a calamidade de uma fome pública? — 463. Como restabeceu a segurança?

apanhados em flagrante, e assim restabeleceu em pouco tempo a ordem e a segurança.

**464.** Organizou socorros aos feridos e fez distribuir esmolas pelas famílias que a catástrofe arruinara.

**47.ª LEITURA. — O Terremoto de Lisboa.** — Eram nove horas da manhã de 1 de novembro de 1755, dia de Todos-os-Santos. Brilhava um sol radioso; no céu não havia uma nuvem. As igrejas regorgitavam de fiéis ouvindo missa e pelas ruas circulava numerosa multidão.



Fig. 73. — A mais vil escória da população roubando e assassinando...

De súbito ouve-se um rumor subterrâneo que vai aumentando á maneira de um trovão. O solo principia a oscilar como a coberta de um navio sacudido pelas ondas. Desarraigadas dos seus alicerces pelo abalo, as casas desabam, esmagando milhares de pessoas. Nuvens de pó

erguem-se dos montões de ruínas, toldam os ares e acabam por escurecer completamente o sol.

Doida de terror, a turba corre em direcção ao rio, mas as aguas dêste entram pela cidade em vagas furiosas, que chegam até ás portas de Santo Antão, despedaçando tudo, fazendo vítimas sem conto.

Sucedem-se os abalos e os desabamentos. Os baques dos corpos, os gemidos dos feridos e dos mutilados, o alarido do povo formam um concerto medonho.

Em muitos pontos da cidade rebentam incêndios, que vão lavrando e em breve tomam proporções temerosas, ameaçando consumir o que escapara ao terremoto.

Para cúmulo de horror, a mais vil escória da população, aproveitando a confusão geral, árremessa-se pela cidade, roubando, assassinando, cometendo os mais horriveis excessos. (Fig. 73.)

O abalo durara sete minutos. Calcula-se em 15:000 o numero das pessoas que morreram nesse dia.

A familia real escapara ao desastre por estar em Belém. Conta-se que ao saber o que se passava em Lisboa, D. José perguntara aflito: — «Que havemos de fazer?» — «Enterrar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos», respondeu o marquês de Alorna.

Esta frase foi depois attribuída ao marquês de Pombal.

464. Tomadas estas providências urgentes, cuidou logo de reconstruir a cidade baixa, que foi reedificada segundo o seu plano. (Fig. 74.)

## VI. — O governo de Pombal.

466. Daí em diante D. José I, compreendendo o valor do homem que tinha junto de si, entregou-lhe completamente a direcção dos negócios públicos.

467. Sebastião de Carvalho passou a governar o país com mão de ferro, castigando sem dó a menor desobediência á sua autoridade.

468. Esse sistema político não tardou em lhe grangear inimigos implacáveis, principalmente entre a nobreza e o clero.



Fig. 74.—O marquês de Pombal examina o projecto de reedificação de Lisboa.

## VII. — A conspiração dos Távoras.

469. Em 1758, deu-se um atentado contra el-rei, sendo-lhe disparados tiros de bacamarte que o feriram num braço. (Fig. 75.)

470. Acusados dêste crime, os *marqueses de Távora*, seus dois filhos *Luís e José*, seu genro o *conde de Atouguia*, o *duque de Aveiro* e mais quatro homens do povo foram condenados á morte e atrozmente supliciados em Belém.

465. De que tratou em seguida? — 466. Que fez então D. José I? — 467. Como governou Sebastião de Carvalho e Melo? — 468. A

que deu origem êste sistema de governo? — 469. Que aconteceu em 1758? — 470. Quem foi acusado do crime e que pena sofreu?

VIII. — **Expulsão dos Jesuítas.**

471. Abatida assim a nobreza, voltou-se o ministro contra outro poder que o detestava e combatia na sombra, a *Companhia de Jesus*.

472. Acusando-os de cumplicidade no atentado contra D. José I, expulsou de Portugal os *Jesuítas*, confiscando-lhes os bens.

473. Pôde então executar, sem encontrar resistências, o plano admirável de reformas, que tornou imortal o seu nome e de que só pôde ser dado aqui breve resumo.

IX. — **A obra de Pombal.**

474. Reorganizou completamente a instrução pública, criou o *colégio dos Nobres* e o *colégio das Artes*, refundiu a universidade de Coimbra.



Fig. 75. — Atentado contra D. José I.

475. Com o auxílio do *conde de Lippe*, ilustre general alemão cujos serviços contratara, fez do nosso exército um dos melhores da Europa.

476. Não queria Pombal que o nosso país dependesse do estrangeiro nem para comer, nem para se vestir e mobilar.

477. Por isso dispensou toda a protecção á agricultura, abrindo numerosas e ótimas estradas que também prestaram grandes serviços ao comércio.

471. Contra quem se voltou depois o ministro? — 472. Que fez elle aos Jesuítas? — 473. Que pôde elle executar depois? — 474. Que medidas tomou a favor da instrução? —

475. Que deveu a Pombal o nosso exército? — 476. Que não queria Pombal? — 477. Que medidas tomou para tal fim?

478. Criou fábricas de sêda, de lãs, de vidro, de papel e de muitos outros artigos, que o nosso país deixou de mandar vir de fóra.

479. Promulgou também leis tolerantes e liberais, acabando com a distinção entre *crístãos velhos* e *crístãos novos*, abolindo a escravidão no reino e anulando o odioso poder da *Inquisição*.

480. Muitas outras medidas de largo alcance lhe deveu ainda Portugal, que êle encontrara quasi noribundo, e ao qual restituiu alento e vida. (Fig. 76.)



Fig. 76. — O marquês de Pombal.

**D. MARIA I (1777-1816).**

### X. — **Quêda de Pombal.**

481. Logo que D. José I cerrou os olhos, os inimigos do marquês tomaram a sua desforra.

482. Ao rei extinto succedeu sua filha **D. Maria I.** a *Piedosa*, princesa devota e fanática, que detestava o marquês como perseguidor da nobreza e do clero.

483. A soberana demitiu Pombal de todos os seus cargos e mandou-o meter em processo.

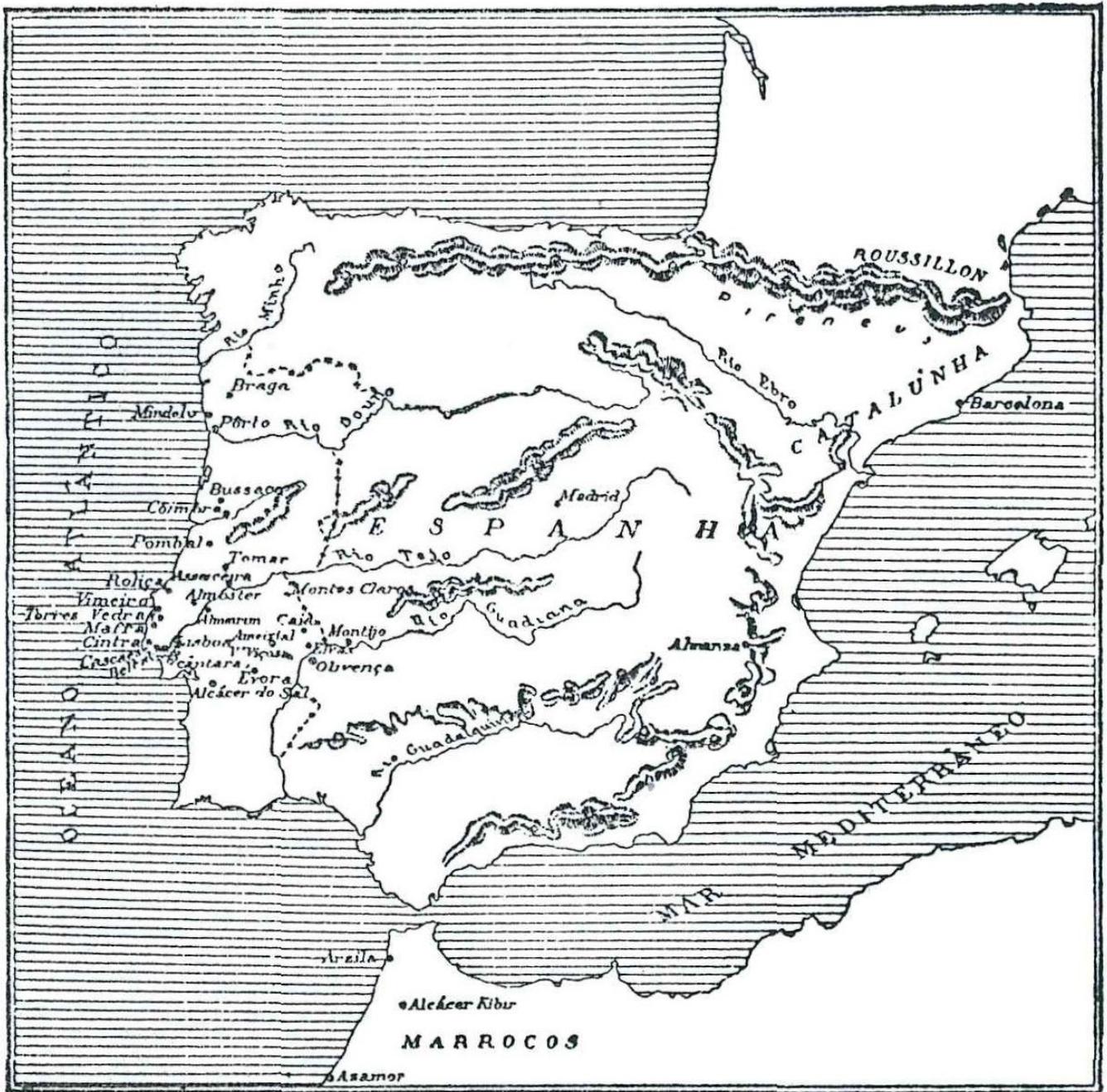
484. Condenado a desterro da côrte, o grande ministro terminou os seus dias, consumido de desgostos, na vila de Pombal (1782).

### XI. — **Decadência do país.**

485. Depois da quêda do marquês, Portugal decaiu rapidamente.

478. Que outras criações úteis lhe deveu ainda o nosso país? — 479. Quais foram as principais leis que promulgou? — 480. Em que estado achava e deixou Pombal o país? — 481. Que succedeu logo que D. José I fechou

os olhos? — 482. Quem succedeu a D. José I? — 483. Que fez a soberana? — 484. Que fim teve Pombal? — 485. Que aconteceu depois da sua morte?



Portugal e Espanha (Livros V, VII e VIII).

486. Os altos cargos públicos foram ocupados por homens ignorantes e corruptos e de novo o fanatismo religioso ditou a lei no país.

487. Algumas obras e reformas úteis se fizeram entretanto neste reinado, (criação da *Academia das Ciências*, da *Biblioteca Pública*, da *Casa Pia*, reforma da Marinha, etc.), inspiradas tôdas ou quási tôdas na política de Pombal.

486. Que mudanças se deram no país? — | reinado.  
487. Cite algumas obras e reformas dêste

## XII. — Regência de D. João VI. Campanha do Roussillon.

488. Em 1792, é atacada de loucura a rainha D. Maria I, assumindo a regência do reino seu filho, o príncipe **D. João**, herdeiro da coroa.

489. Nesse mesmo ano, uma grande revolução derubou a monarquia em França e proclama em seu lugar a *republica*.

490. Todos os governos monárquicos da Europa se unem contra a República Francesa e Portugal alia-se á Espanha para a combater.

491. Na infeliz campanha do **Roussillon** (1793) as nossas tropas sustentaram a honra nacional, batendo-se com intrepidez.

492. Tempos depois, a Espanha fez pazes com a França e aliou-se com esta contra Portugal.

493. Na campanha desastrosa que se seguiu, perdemos *Olivença*, que a Espanha nunca mais nos restituiu embora a isso mais tarde se obrigasse.

### A GUERRA PENINSULAR (1808-1814)

## XIII. — Primeira invasão francesa.

494. Em 1807, **Napoleão I**, imperador dos Franceses, em guerra com a Inglaterra, quis obrigar-nos a declarar guerra também a êste país, de que éramos aliados. (48.<sup>a</sup> Leitura.)

495. Como não satisfizéssemos todas as suas exigências, resolveu apoderar-se de Portugal e dividi-lo entre a França e a Espanha.

496. Um exército francês, comandado por *Junot*,

488. Que se passou em 1792? — 489. Que succedera entretanto em França? — 490. Que fizeram as monarquias da Europa e especialmente Portugal? — 491. Fale da campanha do Roussillon? — 492. Que fez a Espanha

— 493. Que resultados teve para nós a guerra com a Espanha? — 494. Que pretendeu de nós Napoleão Bonaparte? — 495. Que resolveu elle contra nós e porquê? — 496. Que se passou então?

penetrou em Portugal e a marchas forçadas avançou sobre Lisboa, onde entrou sem resistência. (30 de novembro.)

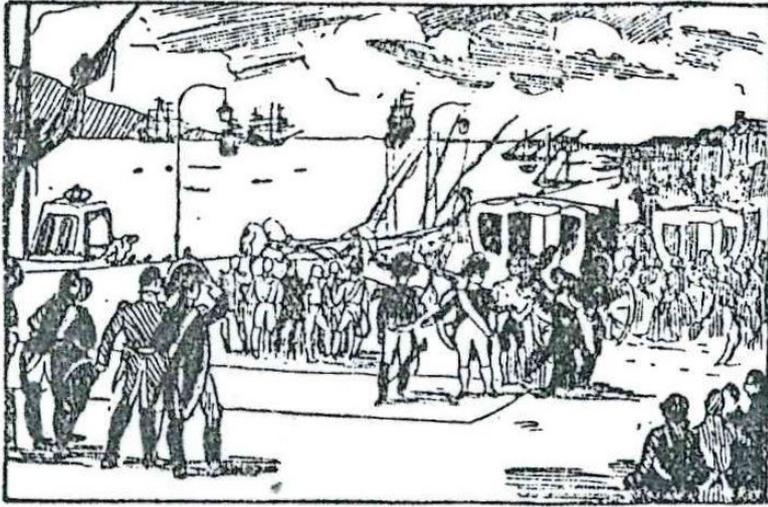


Fig. 77. — Partida da família real para o Brasil.

497. Não chegou porêm a tempo de aprisionar a família real portuguesa, que na véspera se embarcara para o Brasil, levando riquezas imensas. (Fig 77.)

498. Em breve, pelas suas violências e rapinas, se tornou

a ocupação francesa odiosa ao povo, que principiou a insurgir-se (junho de 1808).

499. Para reprimir a insurreição praticaram os generais franceses as maiores atrocidades, mandando passar ao fio da espada populações inteiras.

48.<sup>a</sup> LEITURA. — **A guerra peninsular.** — A guerra peninsular devastou o nosso país, mas exerceu influência salutar no moral dos Portugueses.

Depois da morte de Pombal, o povo, dirigido por governantes incapazes e corrutos, resvalara de novo no beatério e na ociosidade, e perdera toda a energia.

Abandonado a si mesmo no momento do perigo, nenhuma resistência opôs á invasão inimiga e parecia resignar-se á perda da independência.

Os abusos e violências do invasor despertam os seus brios adormecidos. O primeiro tiro de espingarda da insurreição é o sinal de uma luta que vai durar sete anos.

As nossas forças militares organizam-se, disciplinam-se e não tardam em rivalizar com as melhores tropas dos nossos aliados.

Pela sua parte o povo das aldeias e dos campos move ao invasor guerra de morte, que só cessa com a sua expulsão do solo nacional.

A guerra peninsular foi para a nação portuguesa uma escola de energia e de patriotismo.

497. Que fez a família real portuguesa? —  
48. Tornou-se agradável para nós a ocupa-

ção francesa — 499. Que fizeram os generais franceses?

500. A Inglaterra, á qual convinha servir-se do nosso território para guerrear a França, enviou em nosso auxílio um pequeno exército comandado por *Artur Wellesley*, depois *lord\** e *duque de Wellington*.

501. As nossas forças, unidas ás inglesas, derrotaram os Franceses no combate da *Roliça* (17 de agosto) e na batalha do **Vimeiro** (21 de agosto).

502. Pela *convenção\** de *Cintra* (30 de agosto), obteve Junot poder sair de Portugal com as suas tropas, armas e bagagens, levando muitas riquezas que nos roubara.

#### XIV. — Segunda invasão francesa.

503. Em 1809, outro exército francês, comandado por *Soult*, entra em Portugal pelo norte e apodera-se do Pôrto.

504. Atacado pelas tropas anglo-lusas, sob o comando de Wellesley, é forçado a sair da cidade e a evacuar o país pouco depois.

#### XV. — Preparativos de defesa. Terceira invasão.

505. Prevendo-se terceira invasão dos Franceses, preparou-se activamente a defesa do território nacional.

506. Sob o comando severo do marechal inglês **Beresford**, o nosso exército reorganizou-se, tornando-se firme e disciplinado.

500. Que fez a Inglaterra? — 501. Quas vitórias ganhamos sobre os Franceses? — 502. Como terminou a primeira invasão? — 503. Que succedeu em 1809? — 504. Como termi-

nou a segunda invasão? — 505. Quas precauções foram tomadas então? — 506. Que melhoramentos houve no nosso exército?

507. Lord Wellington (título dado a Wellesley) criava pela sua parte as famosas *linhas\* de Torres Vedras*, que compreendiam 152 fortes e eram defendidas por 532 peças de artilharia.

508. Em 1810, *Masséna*, um dos melhores generais de Napoleão entra em Portugal á testa de oitenta mil homens.



Fig. 73. — Batalha do Bussaco.

509. Defronta-se nas alturas do **Bussaco** com o exército anglo-luso e é violentamente repellido. (Fig. 78.)

510. Continuando a sua marcha sôbre Lisboa, encontra as linhas de Torres Vedras que lhe opõem durante meses obstáculo invencível.

511. Perdida a esperança de romper essa barreira, os invasores retiram-se e acabam por sair de Portugal, perseguidos pelas tropas aliadas.

512. Ao cabo de ainda mais quatro anos de combates incessantes, o exército anglo-luso, a que se juntara o exército espanhol, expulsa de Espanha os Franceses, invade a França e ocupa *Bordeus e Tolosa*.

513. Nessa campanha gloriosa, as nossas tropas deram provas de constância e bravura superiores a todo o elogio.

507. Que defesas preparou Wellington? — 508. Que aconteceu em 1810? — 509. Que vitória ganhamos contra a Masséna? — 510. Que fez este em seguida? — 511. Como termina

a terceira invasão? — 512. A guerra acabou logo? — 513. Como se porta em nessa campanha as nossas tropas?

XVI. — **Beresford e a Regência.**

514. Em 1816, faleceu D. Maria I no Rio de Janeiro, mas o seu sucessor, **D. João VI**, não se decidiu ainda a voltar para Portugal.

515. A administração do reino estava a cargo de uma regência, que o marechal Beresford, comandante em chefe do nosso exército, completamente dominava.

49.<sup>a</sup> LEITURA. — **Absolutismo e liberdade.** — Não ha muito mais de oitenta anos, a condição do povo português era muito diversa da actual.

Quando manifestavam opiniões políticas ou religiosas diferentes das que o govêrno lhes impunha, podiam os cidadãos ser presos, exilados e até condenados á morte e executados.

A vontade do rei era a lei suprema. O soberano podia dispôr das receitas do Estado, lançar tributos novos, aumentar os existentes, promulgar leis e revogá-las, sem dar contas a ninguém.

Era o *regime do absolutismo*.

Hoje, contanto que respeite as autoridades constituídas, não ofenda os costumes, nem perturbe a ordem, é lícito a cada qual ter a política e a religião que quizer.

A liberdade e a segurança dos cidadãos acham-se garantidas pelas leis e estas são feitas pelos representantes da nação, livremente eleitos por ela, (Fig. 79.) e sem o assentimento dos quaes nenhum imposto pôde ser criado ou agravado.

Pela escolha que faz dêsses representantes, a nação indica como quer ser governada, e cada eleitor influi assim indirectamente com o seu voto na marcha dos negócios públicos.

É o *regime da liberdade*

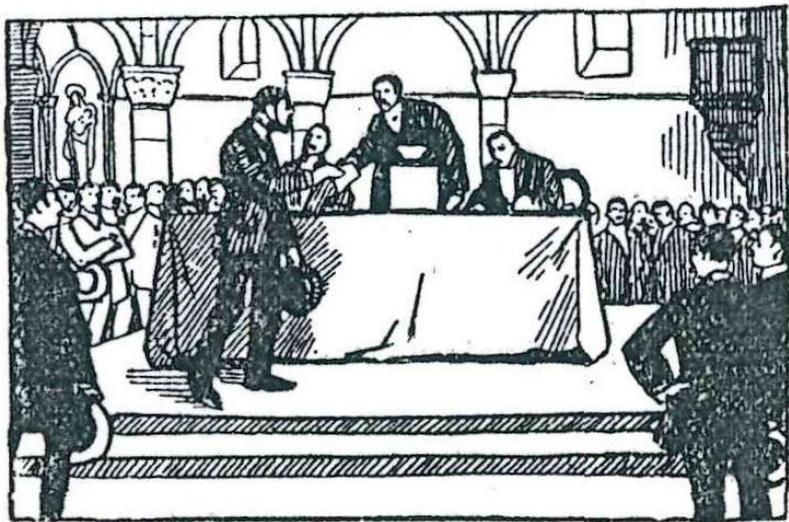


Fig. 79 — O povo elege os seus representantes.

516. Os oficiais portugueses eram por êles sacrificados aos ingleses que militavam as nossas fileiras e que se mostravam arrogantes e desdenhosos.

517. As ideias da Revolução Francesa haviam penetrado no nosso país e eram já muitos os Portugueses que aspiravam a ver substituído o govêrno absoluto por um regime liberal. (49.<sup>a</sup> Leitura.)



Fig. 80. — Suplício de Gomes Freire de Andrade

518. A regência, incitada por Beresford, perseguia sem piedade todos aqueles que tinham essas ideias.

519. Tantos motivos de descontentamento deram origem a uma conspiração, cujo fim era derrubar o govêrno absoluto e expulsar do exército os Ingleses.

520. Denunciada e descoberta, sofreram os seus chefes, entre os quais o ilustre general *Gomes Freire de Andrade*, morte afrontosa na fôrca (1817). (Fig. 80.)

te afrontosa na fôrca (1817). (Fig. 80.)

## XVII. — Revolução de 1820.

521. Em 1820 um grupo de patriotas, tendo á sua frente *Manuel Fernandes Tomás*, iniciou no Pôrto a *Revolução Liberal*, que não tardou em se alastrar por todo o país. (Fig. 81.)

522. Ao movimento aderiu Lisboa também, sendo

516. Como eram tratados os oficiais portugueses? — 517. Que ideias haviam penetrado em Portugal? — 518. Que fazia a regência? — 519. Que resultou deste estado de

coisas? — 520. Que desfecho teve a conspiração? — 521. Que succede em 1820? — 522. Que fez Lisboa e que mudança se deu no govêrno?

substituída a regência por uma *Juntà provisória*, que mandou sair os Ingleses do país e convocou as côrtes.

523. Reuniram-se estas (janeiro de 1821) e redigiram uma *constituição*\* liberal demais para poder ser logo executada.



Fig. 81.—A Revolução de 1820.

### XVIII. — Regresso de D. João VI

524. Decidiu-se então D. João VI a voltar a Portugal (julho de 1821), deixando por *lugar-tenente*,\* no Brasil seu filho primogênito, o príncipe **D. Pedro**. (Fig. 82.)

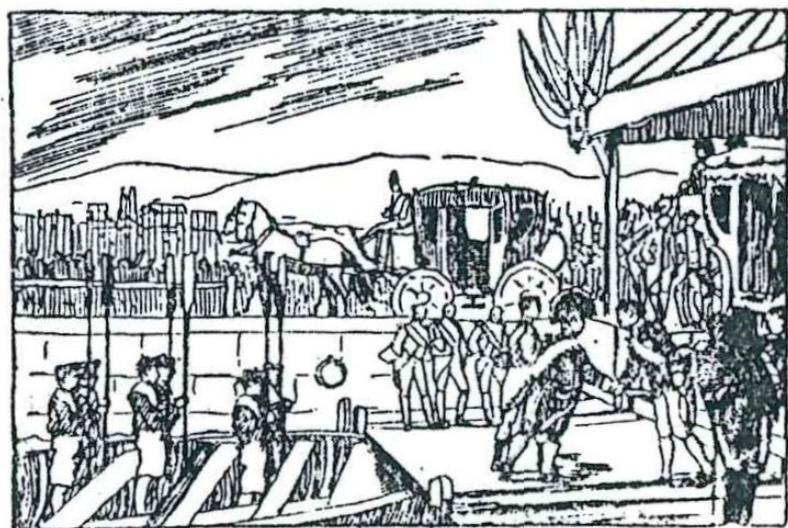


Fig. 82.—Regresso de D. João VI a Portugal.

525. Chegado a Lisboa, jura a constituição, que a rainha *D. Carlota Joaquina* se recusa a reconhecer, sendo por isso exilada para a quinta do Ramalhão.

526. Aí, com seu filho, o infante **D. Miguel**, conti-

nua a conspirar contra o regime constitucional e em 1823 promovem ambos uma *contra-revolução*\* que restabelece o *absolutismo*.

523. Que fizeram as côrtes? — 524. Que fez D. João VI? — 525. Que se passou em

seguida? — 526. Resignou-se a rainha a esta situação?

## XIX. — Independência do Brasil.

527. Entretanto o príncipe D. Pedro, obedecendo ás aspirações do povo brasileiro, proclamara a **independência do Brasil**, (fig. 83) e aceitara o título de imperador (setembro de 1822).



Fig. 83. — O príncipe D. Pedro proclama a independência do Brasil.

**pendência do Brasil**, (fig. 83) e aceitara o título de imperador (setembro de 1822).

528. Assim perdemos essa bela colônia, mas os laços, que hoje nos prendem á grande nação brasileira, não valem menos do que os que foram então quebrados.

## XX. — A Abrilada. Morte de D. João VI.

529. Em abril de 1824, o infante D. Miguel, então *generalissimo*\* do exército, tenta destronar seu pai e apoderar-se da coroa.

530. Malogra-se porêm a tentativa, que ficou sendo chamada a *Abrilada*, e o infante é demitido e temporariamente exilado para o estrangeiro.

531. Em 10 de março de 1826, morre D. João VI, deixando o reino confiado a uma regência presidida por sua filha, a infanta *D. Isabel Maria*.

## XXI. — D. Pedro IV. Outorga da Carta. Abdicação.

532. Logo que recebeu a notícia da morte de seu

527. Que fez no Brasil o infante D. Pedro? — 528. Que resultou d'êste facto? — 529. Que tentou fazer o infante D. Miguel? — 530. Que

sucedeu ao infante? — 531. Fale da morte de D. João VI. 532 — Que fez D. Pedro?

pai, declarou-se D. Pedro rei de Portugal, título que ninguém lhe contestou.

533. Em 29 de abril, outorgou ao reino uma **Carta Constitucional\***, modelada pela que já dera ao império brasileiro.

534. Abdicou em seguida a coroa de Portugal em sua filha, a princesa **D. Maria da Glória**, que tinha então sete anos de idade, e confirmou a regência da infanta D. Isabel Maria.

## XXII. — Regência de D. Miguel.

535. Ocorrendo porêem no país sedições\* militares, promovidas pelo partido absolutista, nomeou D. Pedro IV seu lugar-tenente no reino o infante D. Miguel, que estava em Viena de Áustria.

536. Havia êste reconhecido seu irmão como sucessor legítimo de seu pai e contraíra esponsais\* com a jovem rainha, sua sobrinha.

537. Em 22 de fevereiro de 1828, assumiu D. Miguel a regência, jurando perante as côrtes reunidas fidelidade á Rainha e á Carta Constitucional. (Fig. 84.)

538. Semanas depois (12 de março), violava o seu juramento, dissolvia as Côrtes e convocava os **Três Estados**, que o aclamaram rei absoluto.

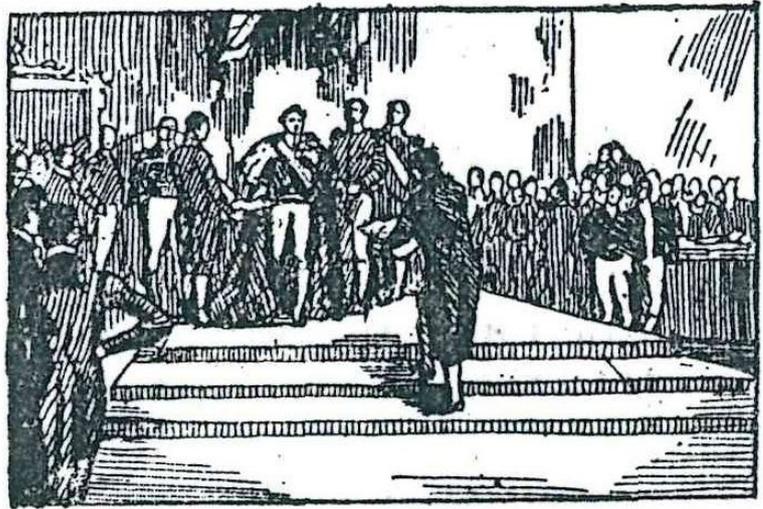


Fig 84 — O infante D. Miguel presta juramento perante as côrtes reunidas.

533. Que outorgou êle a Portugal? — 534. Que acto político praticou êle então? — 535. Que ocorreu em Portugal e que medida tomou D. Pedro? — 536. Que fizera o infante

D. Miguel? — 537. Que jurou então o infante regente? — 538. Que fez o infante daí a pouco?

### CAMPANHAS DA LIBERDADE

#### XXIII. — O govêrno usurpador.

539. Começou então para Portugal uma era de opressão e de tirania.

540. As prisões encheram-se de vítimas, milhares de pessoas foram degredadas para África e muitas outras expiaram na fôrca as suas ideias liberais.

541. D. Pedro, que logo protestara contra a usurpação\*, abdicou a coroa do Brasil em seu filho, que também se chamava *D. Pedro*.

542. Partiu em seguida, sob o título de **Duque de Bragança**, a fim de reconquistar para sua filha o trono de que fôra esbulhada por D. Miguel.

#### XXIV. — Expedição da Terceira. Cêrco do Pôrto.

543. Na ilha *Terceira*, que se conservava fiel á causa da rainha, completou uma expedição, que organizara em Belle Isle (França), e á testa da qual desembarcou, em 8 de junho de 1832, nas praias do **Mindelo**.

544. No dia seguinte entrou no Pôrto, que o recebeu com entusiasmo e onde em breve foi cercado pelas tropas miguelistas.

545. Defendeu-se heróicamente a cidade durante mais de um ano, repelindo todos os assaltos do inimigo. (Fig. 85.)

#### XXV. — Vitórias liberais. Fim da guerra.

546. Em junho de 1833, uma expedição, comandada

539. Que começou então para Portugal —  
540. Que acontecimentos se deram no país? —  
541. Que decisão tomou D. Pedro? — 542.  
Com que fim partiu êle do Brasil e que título

tomou? — 543. Que fez depois D. Pedro? — 544.  
Em que cidade entrou a expedição? — 545.  
Fale do cêrco do Pôrto. — 546. Fale da ex-  
pedição do duque da Terceira.

pelo **Duque da Terceira**, sai do Pôrto por mar, desembarca no Algarve e em 24 de julho entra triunfante em Lisboa.

547. Forçados a levantar o cêrco do Pôrto (outubro de 1833), os Miguelistas são derrotados pelo **conde** (depois duque) **de Saldanha** em **Almoster** (18 de fevereiro de



Fig. 85.—Cêrco do Pôrto.



Fig. 86. — O duque de Saldanha.

1834) e pelo **duque da Terceira** na decisiva batalha da **Asselceira** (16 de maio). (Fig. 86.)

548. Cercado pelas tropas liberais, D. Miguel depôs as armas, assina a **Convenção de Évora Monte** (26 de maio) e parte para o exílio.

## RESUMO DO LIVRO VIII

I. — **D. João V** (1706-1750) nunca reuniu côrtes e exerceu o governo absoluto.

Devoto e perdulário, dissipa em presentes ás igrejas e á côrte de Roma e em construções dispendiosíssimas as imensas riquezas que lhe vieram de minas de ouro e de diamantes do Brasil.

Quando morreu, deixou o país endividado e o povo sobrecarregado de tributos.

II. — **D. José I** (1750-1777) toma como primeiro ministro **Sebastião de Carvalho e Melo**, depois **conde de Oeiras** e **marquês de Pombal**.

Este grande estadista reedifica Lisboa, destruída em parte por um terremoto (1755), abate a nobreza, expulsa os Jesuítas, executa reformas admiráveis, que elevam Portugal a um alto grau de prosperidade.

III. — Logo que sobe ao trono, **D. Maria I** (1777-1816), que detestava Pombal, demite-o dos seus cargos e exila-o da côrte.

Portugal decai rapidamente.

A rainha perde a razão (1792), e seu filho, o príncipe *D. João*, assume a regência.

IV. — Portugal alia-se á Espanha para combater a República Francesa (1793). Segue-se a infeliz campanha do *Roussillon*.

Em 1807, invade o nosso país um exército francês, comandado por *Junot*. A família real portuguesa embarca para o Brasil.

O povo insurge-se contra a ocupação francesa.

A Inglaterra envia em nosso auxílio tropas, que, unidas ás portuguesas, batem o inimigo na **Roliça** e no **Vimeiro** e o expulsam do nosso território (1808).

Segunda e terceira invasões francesas (1809 e 1810) são igualmente repelidas e o nosso exército persegue o inimigo até dentro das suas próprias fronteiras.

V. — Em 1816, morre *D. Maria I*. *D. João VI* continua no Brasil.

O reino é governado por uma regência.

Fazem grandes progressos em Portugal as ideias de liberdade.

A **Revolução de 1820** proclama uma constituição liberal.

*D. João VI* regressa ao reino, jura a constituição, mas em 1822 uma contrarrevolução restabelece o absolutismo.

Nesse mesmo ano o Brasil separa-se de Portugal e aclama imperador o príncipe **D. Pedro**, herdeiro da coroa portuguesa.

O infante **D. Miguel**, filho segundo de *D. João VI*, tenta destronar seu pai e é exilado para o estrangeiro.

VI. — Por morte de *D. João VI* (1826), toma *D. Pedro* o título de rei de Portugal, outorga ao reino a *Carta Constitucional* e abdica em sua filha, a princesa **D. Maria da Glória**, a coroa portuguesa.

O infante *D. Miguel*, incumbido da regência do reino durante a menoridade da rainha, jura fidelidade á soberana e á Carta (1828).

Pouco depois falta ao seu juramento e faz-se proclamar rei absoluto.

VII. — Uma expedição, organizada por *D. Pedro* contra o usurpador desembarca no *Mindelo* e ocupa o Pôrto, onde é cercada pelas forças de *D. Miguel* (1832).

Segue-se uma longa campanha, que termina pela vitória completa de *D. Pedro* e da causa liberal. *D. Miguel* parte para o exílio (1834).

#### EXERCÍCIO

Procurar na carta, pag. 110, os nomes abaixo indicados e citar as recordações históricas ligadas a esses nomes.

*Oliveira*, — *Roliça*, — *Vimeiro*, — *Cintra*, — *Torres Vedras*, — *Bussaco*, — *Pôrto*, — *Almoster*, — *Asseiceira*, — *Évora*.

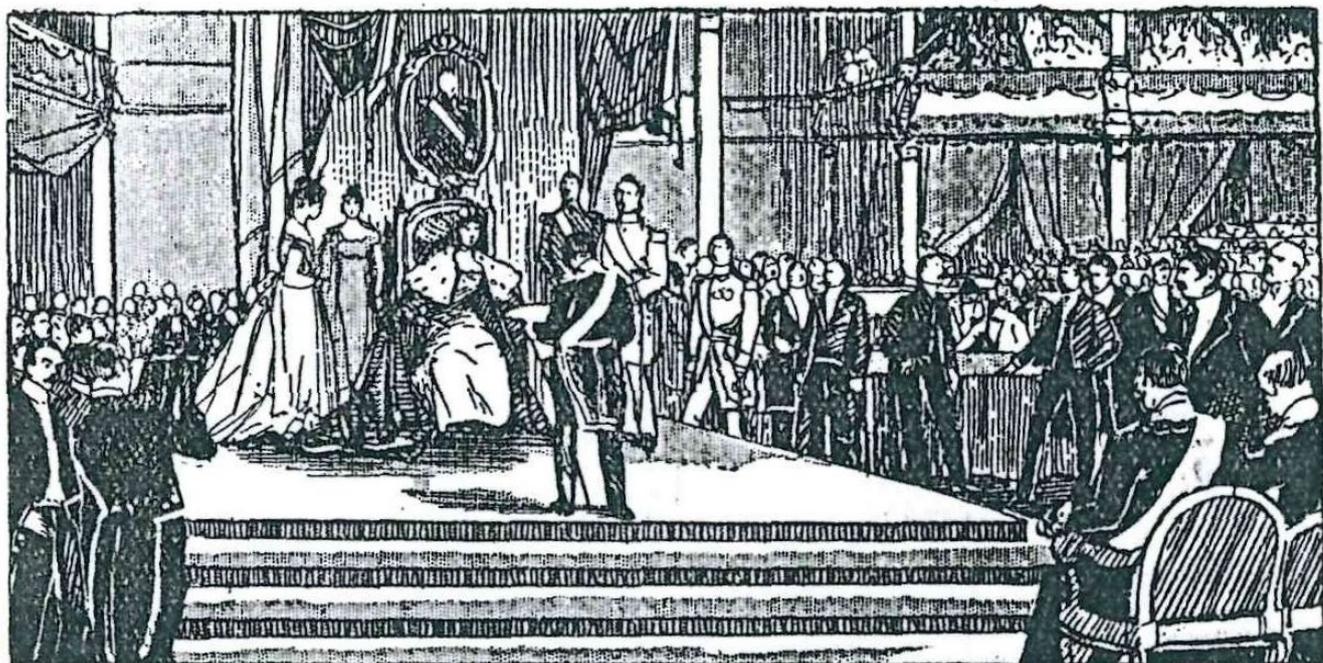


Fig. 87. — D. Maria II presta juramento perante as côrtes (20 de setembro de 1834).

## LIVRO IX

### A MONARQUIA CONSTITUCIONAL

SÉCULOS XIX-XX  
(1834-1910)

**D. MARIA II** (1834-1853). — **D. PEDRO V** (1853-1861).

**D. LUÍS** (1861-1889). — **D. CARLOS** (1889-1908).

**D. MANUEL II** (1908-1910).

#### I. — **Govêrno de D. Maria II. Guerras civis.**

549. Em 20 de setembro de 1834, **D. Maria II** prestou juramento perante as côrtes e assumiu o govêrno da nação. (Fig. 87.) Em 24 de setembro faleceu D. Pedro IV.

550. O reinado de D. Maria II foi um período de incessantes lutas civis.

551. Os partidos políticos não compreendiam os verdadeiros princípios liberais e guerreavam-se com cega violência.

552. As revoltas militares, que se sucediam quasi

549. Que sucedeu em setembro de 1834?  
— 550. Foi tranquilo o reinado de D. Maria II? — 551. Que faziam os partidos polí-

ticos? — 552. Em que estado se encontrava o país?

sem interrupção, mantinham o país num estado de guerra civil permanente.

## II.—A Revolução de Setembro.—A Maria da Fonte.

553. Em setembro de 1836, a guarda nacional pegou em armas e proclamou a *Constituição* de 1822. Ficou sendo chamado este movimento a **Revolução de Setembro**.

554. A este pronunciamento sucederam muitos outros, até que em 1842 nova revolução restaurou a Carta Constitucional.

555. Seguiu-se um govêrno tirânico e perseguidor, contra o qual o povo se levantou em 1846.

556. A intervenção de Espanha e da França pôs termo á esta insurreição, que ficou tendo o nome de a **Maria da Fonte**.

557. Em 1851, ocorre novo movimento revolucionário e em 1852 reforma-se a Carta Constitucional, estabelecendo-se emfim a concórdia entre os Portugueses.

558. No ano seguinte (15 de novembro), falece D. Maria II, e seu marido, o rei *D. Fernando*, assume a regência até a maioridade do herdeiro da coroa (1855).

## III.—Reinado de D. Pedro V. Paz interna. Progressos materiais

559. Durante o curto mas pacífico reinado de **D. Pedro V**, Portugal trabalha e progride.

560. Inauguram-se no país o *telégrafo eléctrico* (1855),

553. Que movimento militar ocorreu em 1836 e como se ficou chamando?— 554. Não houve depois outra revolta militar?— 555. Que se seguiu á revolução — 556. Como terminou a nova revolução e como se ficou chamando?— 557. Que aconteceu em 1851 e

em 1852?— 558. Quando faleceu D. Maria II e quem ficou regendo o reino?— 559. Que faz o nosso país durante o reinado de D. Pedro V?— 560. Que melhoramentos adquire Portugal.

o primeiro *caminho de ferro* (1856) e, sob a desvelada protecção do monarca, fundam-se importantes instituições de ensino.

(50.<sup>a</sup> Leitura.)

561. Em 1856, a *cólera morbus*, e em 1857 a *febre amarela* invadem Portugal, fazendo milhares de vítimas, principalmente em Lisboa.



Fig. 88. — D. Pedro V visita os epidémicos.

562. Durante este lutuoso período

D. Pedro V dá o exemplo da coragem e da filantropia\*, percorrendo os hospitais e visitando os enfermos. (Fig. 88.)

563. D. Pedro V faleceu em 1861 sem deixar filhos, sucedendo-lhe seu irmão **D. Luís**.

#### IV. — Reinado de D. Luís. Novos progressos.

564. Em gozo de paz inalterável, Portugal entra resolutamente no caminho do progresso.

565. Rasgam-se estradas, constroem-se novas linhas férreas, desenvolvem-se o comércio e a agricultura, e dá-se grande impulso às nossas colónias de África.

566. A D. Luís, falecido em 1889, sucedeu **D. Carlos**, seu filho.

#### V. — Reinado de D. Carlos.

567. Um conflito com a Inglaterra, motivado por

561. Que sucedeu em 1856 e em 1857? — 562. Que fez D. Pedro V? — Quando faleceu D. Pedro V e quem lhe sucedeu? — 564. Que fez Portugal durante o reinado de D. Luís?

— 565. Que melhoramentos se realizaram? — 566. Quando faleceu D. Luís e quem lhe sucedeu? — 567. Que se passou em 1891?

competições sôbre territórios da África Oriental, agitou profundamente o nosso país em 1891.

568. Anos depois (1896), uma série de brilhantes vitórias sôbre povos africanos revoltados veio atestar que os soldados portuguezes de hoje não são indignos dos seus maiores.

569. Em 1906, as lutas entre os partidos políticos tomaram um carácter de violência raras vezes atingido em Portugal.

570. No dia 1 de fevereiro de 1908, foram disparados tiros de pistola e de carabina contra a carruagem em que seguia para o paço das Necessidades a família real, morrendo instantâneamente el-rei D. Carlos e o príncipe real *D. Luiz Felipe*.

571. A coroa passou ao infante **D. Manuel**, segundo filho de D. Carlos.

## VI. — Reinado de D. Manuel II.

572. Durante o curto reinado de Manuel II, os grupos políticos, que se sucederam no govêrno, mostraram-se incapazes de administrar a nação.

573. Em vez de cuidarem de medidas e reformas úteis ao bem do Estado, seus chefes consumiam o tempo em discórdias estéreis e mesquinhas rivalidades.

574. As ideias republicanas, que já no reinado anterior haviam feito grandes progressos, alastraram-se rápidamente por todo o país.

## VII. — Revolução de outubro de 1910. Proclamação da República Portuguesa.

575. Na noite de 3 para 4 de outubro de 1910, uma

568. Que acontecimentos felizes ocorreram em 1891? — 569. Tale das lutas entre os partidos políticos. — 570. Que se passou em 1 de fevereiro de 1908? — 571. Quem sucedeu a D. Carlos? — 572. Que se passou durante o

reinado de D. Manuel II? — 573. Que faziam os chefes políticos? — 574. Que resultou dessa situação? — 575. Que aconteceu em 4 de outubro de 1910?



parte da guarnição de Lisboa e das tripulações dos navios de guerra surtos no Tejo pegou em armas para derrubar a monarquia.

576. Seguiu-se um combate que durou todo o dia e a noite seguinte e que terminou pela vitória das forças revolucionárias.

577. No dia 5 de outubro de 1910, é proclamada a república, em meio do entusiasmo da população da capital. D. Manuel e a família real partem para o exílio.

578. Todo o país adere ao novo regime, que não tarda em ser reconhecido pelas potências estrangeiras, antecipando-se a todas o Brasil, (50.<sup>a</sup> Leitura.)

50.<sup>a</sup> LEITURA — **A República Portuguesa.** — Pela rapidez com que, terminada a luta militar, foi restabelecida a ordem pública, a Revolução de outubro de 1910 surpreendeu todo o mundo civilizado.

O povo foi admirável de cordura, de probidade e de generosidade. Nenhum dos desmandos e violências, que em outros países tem acompanhado movimentos análogos, manchou a revolução portuguesa. Toda a imprensa estrangeira o reconheceu.

Começou então para Portugal uma nova era histórica. A despeito dos progressos inegáveis, realizados nos últimos cinquenta anos, resta ainda muito a fazer para que o nosso país se ponha a par das nações mais cultas.

É enorme a tarefa a que a República tem de meter ombros. Cumpre-lhe restaurar as finanças, reorganizar o exército e a marinha, proteger a agricultura e a indústria, e sobretudo reformar a instrução, que tão atrasada está ainda entre nós.

Para isto precisa de ordem e de tranquilidade. O dever de todo o bom Português é pois respeitar e servir lealmente as novas instituições, estudar, trabalhar e contribuir com todo o seu esforço para o progresso da nossa querida pátria.

Não aspira ela a ser de novo a nação poderosa na terra e no mar que foi nos séculos XV e XVI, mas póde desempenhar importante papel na civilização. Basta dizer que é ainda hoje a quarta potência colonial do mundo.

Confiemos pois nos seus destinos. Amêmo-la como filhos carinhosos. Trabalhemos com todas as nossas forças para nos tornar dignos dos nossos antepassados, cujos feitos imortais aprendemos neste livro.

576. Que se passou em seguida? — 577. Por que é memorável a data de 5 de outubro

de 1910? — 578. Como é recebido pelo país o novo regime?

## RESUMO DO LIVRO IX

I.—Durante o reinado de **D. Maria II** (1834-1853), as lutas dos partidos e as revólta militares mantêm o país em guerra civil permanente.

A **Revolução de Setembro** (1836) substitui pela Constituição de 1822 a Carta Constitucional, outorgada em 1826 por D. Pedro IV.

O país continua agitado. Sucedem-se os pronunciamentos. Em 1842 outra revolução restaura a Carta Constitucional.

O partido, que fica á testa do poder, torna-se odioso pela sua política intolerante e perseguidora.

Rebenta contra êle em 1846 a revolução popular da **Maria da Fonte**. Para a sufocar, o govêrno recorre á intervenção da Espanha e da Inglaterra.

Em seguida a outra revólta em 1851, reforma-se a Carta Constitucional (1852). Terminam as lutas civis.

Em 1853 falece D. Maria II.

II—Graças ao restabelecimento da paz interna, Portugal faz grandes progressos materiais durante o curto reinado de **D. Pedro V** (1855-1861).

Dois flagélos, a *cólera morbus* (1856) e a *febre amarela* (1857), devastam Lisboa.

D. Pedro V mostra nessas tristes circunstâncias o seu amor pelo povo que pranteia a sua prematura morte (1861).

III.—**D. Luís I** reina pacificamente (1861-1889), e Portugal continua a progredir.

Os partidos, que se revezam no poder, cuidam com maior interêsse do que até então das nossas possessões africanas, onde se executam importantes obras públicas e cujos comércio e agricultura se desenvolvem.

IV.— Pouco depois de subir **D. Carlos** ao trono, um conflito com a Inglaterra agita profundamente a nação portuguesa.

Em 1896, uma expedição contra povos africanos revoltados ganha brilhantes vitórias.

A partir de 1906, as lutas entre os partidos políticos assumem grande violência

Em 1 de fevereiro de 1908, são disparados tiros contra a familia real. **D. Carlos** e o príncipe real **D. Luís Felipe** sucumbem instantâneamente

V.—Durante o curto reinado de **D. Manuel II**, os partidos políticos mostram-se incapazes de governar o país. As ideias republicanas fazem rapidos progressos nas classes populares.

Em 4 de outubro de 1910, revólta-se parte do exército e da armada para derrubar a monarquia

No dia seguinte é proclamada a República, á qual adere todo o país

# SIGNIFICAÇÃO

DAS

## Palavras marcadas com um asterisco

**Abdicar.** — Renunciar ao poder soberano.

**Agricultura.** — Arte de cultivar a terra.

**Aguerrir.** — Acostumar á guerra.

**Alcaide.** — Governador.

**Alfange.** — Sabre curvo, usado pelos Moiros.

**Arauto.** — Official encarregado das proclamações solenes.

**Armas espirituais.** — Meios de que a Igreja se serve para castigar, actuando apenas sob o espirito, as ofensas contra a religião.

**Arraial.** — Acampamento de um exército.

**Barão.** — Homem nobre.

**Barbaros.** — Povos ignorantes, incultos, entre os quais a força era a lei.

**Bascos.** — Habitantes das províncias vascongadas (Espanha).

**Bisonho.** — Não aguerrido.

**Cabo.** — Ponta de terra, que se adianta pelo mar dentro.

**Capêlo.** — Parte do hábito de alguns religiosos, que lhes cobria a cabeça e a nuca.

**Capitular.** — Render-se mediante certas condições.

**Caravela.** — Embarcação de pequena tonelagem.

**Cardial.** — Título dos mais altos dignitários da Igreja Católica. A reunião dos cardiais forma o Sacro Colégio, ao qual incumbem eleger o Papa.

**Carta Constitucional.** — A Constituição outorgada por D. Pedro IV em 1826.

**Catalunha.** — Província espanhola que também se insurgiu em 1640.

**Cativeiro.** — Estado de cativo ou prisioneiro.

**Católico.** — Que pertence á religião de Roma. O sentido directo desta palavra é universal.

**Civil (Guerra).** — Guerra entre súditos da mesma nação.

**Claudestino.** — Secreto, feito a occultas.

**Colónia.** — Reunião de indivíduos da mesma nacionalidade que se estabeleceram em país estrangeiro — Possessão de uma nação em outra parte do mundo.

**Côncavo.** — Menos elevado no centro do que nas bo das.

**Concelho.** — Povoação que gozava de certos foros e privilégios.

**Concílio.** — Assembleia de bispos.

**Condado.** — Distrito governado por um conde.

**Conde.** — Na Idade Média, soberano de um senhorio de primeira ordem.

**Condestável.** — Era antigamente o comandante supremo do exército.

**Contra-revolução.** — Revolução que tem por fim anular o que outra revolução anterior estabeleceu.

**Constituição.** — Lei fundamental que determina a forma de governo de um país.

**Continental.** — Nesta acepção, território que faz parte do continente europeu.

**Convenção.** — Ajuste; contrato.

**Cordilheira.** — Série de montanhas.

**Devanear.** — Sonhar; fantasiar.

**Dogma.** — Ponto de doutrina religiosa considerado como incontestável.

**Idade Média.** — Período histórico compreendido entre o fim do século IV e o meado do século XV.

**Engenho.** — Inteligência superior.

**Esbulhar.** — Desapossar alguém do que lhe pertence.

**Escaramuça.** — Pequeno combate.

**Especiarias.** — Diz-se de certas substâncias aromáticas, que se empregam no fabrico de perfumes e no preparo de alimentos. Exemplos: o cravo, a pimenta, etc.

**Esponsais.** — Promessa ou contrato de casamento.

**Estadista.** — Homem politico que superintende nos negócios do Estado.

**Estremar-se.** — Diferençar-se.

**Evacuar.** — Sair de um lugar.

**Exílio.** — Expatriação esforçada; obrigação de sair do lugar em que se estava residindo.

**Fanatismo.** — Sentimento religioso levado ao excessivo.

**Féitoria.** — Estabelecimento comercial fundado numa colónia ou país estrangeiro.

**Fex.** — Cidade do interior de Marrocos.

**Filantropia.** — Amor da humanidade.

**Flandres.** — Províncias do norte do continente europeu, que pertencem actualmente á Bélgica.

**Foral.** — Diploma, que fixava as obrigações e os privilégios dos concelhos.

**Frota.** — Armada.

**Frugal.** — Sóbrio na comida.

**Generalissimo.** — Comandante em chefe de todos os exércitos de um país.

**Idólatra.** — Que adora ídolos, isto é, imagens grosseiras, attribuindo-lhes poder divino.

**Inexpugnável.** — Que se não pode tomar pela força das armas.

**Indígena.** — Indivíduo natural do país que habita.

**Indústria.** — Trabalho executado pelo homem com as mãos, ou por meio de máquinas.

**Inumação.** — Enterramento.

**Invencível Armada.** — Nome por que ficou conhecida na história uma formidável esquadra que Felipe II mandou em 1588 contra os Ingleses e que estes, auxiliados por uma tempestade, destruíram em parte.

**Lavoura.** — Cultivo da terra.

**Legado (do Papa).** — Enviado do Pontífice para tratar junto de um soberano ou de um governo questões relativas á Igreja.

**Linhas.**—Nesta acepção, série de obras de fortificação.

**Liuhagem.**—Ascendência.

**Litigio.**—Questão, demarcação.

**Lugar-tenente.**—O que supre o lugar de um chefe.

**Lord.**—Título honorífico inglês.

**Mãe pátria.**—O Estado em relação às suas colônias.

**Magistrado.**—Funcionario público superior, da ordem administrativa ou judicial, que exerce autoridade.

**Magnânimo.**—Que tem alma grande.

**Mercenário.**—Diz-se do soldado que serve por dinheiro.

**Mineira (Indústria).**—Indústria da exploração de minas.

**Montante.**—Grande espada antiga, que se brandia com ambas as mãos.

**Ocidente.**—Nesta acepção, nome dado aos países que se acham do lado onde se põe o sol. Portugal é o país mais ocidental da Europa.

**Oriente.**—Nome dado aos países que se acham ao lado onde nasce o sol: a Turquia, a Índia, etc. — *Extremo Oriente:* as regiões orientais da Ásia: China, Japão, etc.

**Pardau.**—Moeda da Índia, do valor de 30 centavos aproximadamente.

**Parlamentário.**—Portador de qualquer comunicação de ou para o inimigo.

**Patriarcado.**—Diocese governada por um patriarca (prelado de categoria superior a bispo e a cebilpo).

**Peloiro.**—Bala.

**Península.**—Região cercada de água por todos os lados excepto por um.

**Peregrino.**—O que vai em peregrinação,romeiro.

**Pólo.**—Cada uma das extremidades do eixo imaginário, em torno do qual o globo terrestre dá uma volta completa em 24 horas.

**Pontifical.**—Capa, que o sacerdote veste para celebrar certos officios divinos.

**Potável.**—Que se pode beber.

**Prestes-João.**—Personagem fabulosa que na Idade Média se supunha ser soberano de um império cristão no Oriente.

**Privilégio.**—Dição ou vantagem só concedido a alguns.

**Prognóstico.**—Indício de acontecimento futuro.

**Protestantismo.**—Seita cristã fundada por Lutero.

**Ratificar.**—Confirmar.

**Regalias.**—Vantagens, direitos.

**Regência.**—Governo interino de um Estado no impedimento, ausência ou menoridade do soberano.

**Renegado.**—Que abjurou da sua religião.

**Rota.**—Caminho por mar.

**Sedição.**—Revolta.

**Senhorio.**—Propriedade de um senhor.

**Senhorial.**—Pertencente a um senhor.

**Talar.**—Devastar.

**Torneio.**—Festa militar, em que os cavaleiros combatiam uns contra os outros.

**Tréguas.**—Suspensão temporária de hostilidades.

**Utrecht.**—Cidade de Holanda.

**Usurpação.**—Neste sentido, acção de se apoderar de uma coroa a que se não tem direito.

**Valido.**—Favorito.

**Verdugo.**—Algoz.

**Visigodos.**—Godos, que ocupavam a região a oeste do rio Dnieper (Rússia). Os que ocupavam a região a leste chamavam-se *Ostrogodos*.

**Viticultura.**—Cultura da vinha.

**Volúvel.**—Variável.

**Xa.**—Título do soberano na Pérsia.

# QUADRO DOS REIS DE PORTUGAL

## I. — Dinastia de Borgonha

D. Afonso Henriques	1128	D. Sancho II	1223	D. Afonso IV	1325
D. Sancho I	1185	D. Afonso III	1248	D. Pedro I	1357
D. Afonso II	1211	D. Denis	1279	D. Fernando	1367

## II. — Dinastia de Avis

D. João I	1385	D. João II	1481	D. Sebastião	1557
D. Duarte	1433	D. Manuel	1495	O Cardial D. Henrique	1578
D. Afonso V	1438	D. João III	1521		

## III. — Dinastia Felipina

Felipe I (II de Espanha)	1580	Felipe II (III de Espanha)	1598	Felipe III (IV de Espanha)	1621
--------------------------	------	----------------------------	------	----------------------------	------

## IV. — Dinastia de Bragança

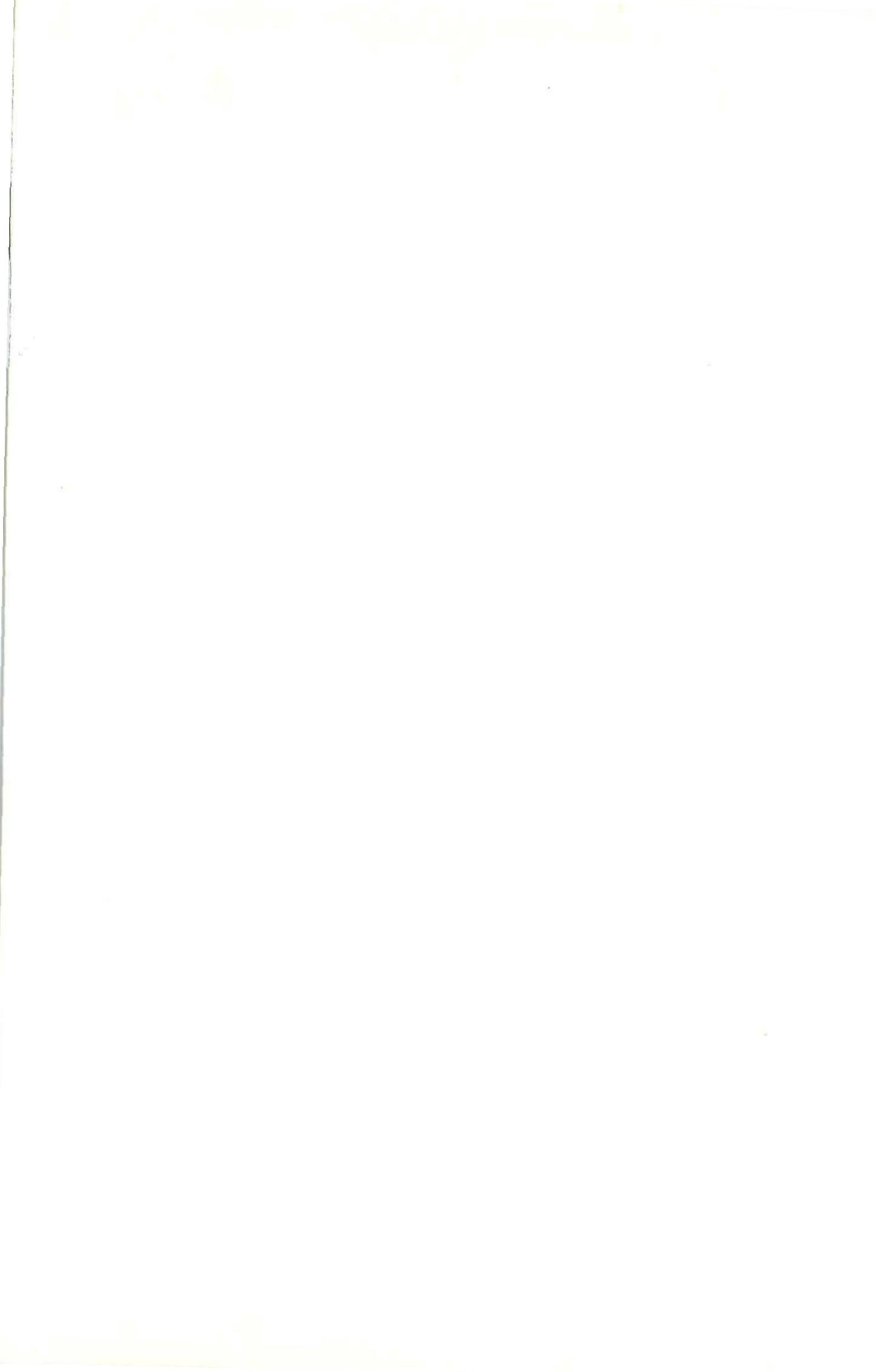
D. João IV	1640	D. Maria I	1777	D. Maria II	1834
D. Afonso VI	1656	D. João VI — Regente em 1799 — Rei	1816	D. Pedro V	1853
D. Pedro I — Regente e Rei	1667	D. Pedro IV	1826	D. Luís	1861
D. João V	1705	Governo de D. Miguel	1828	D. Carlos	1889
D. José	1750			D. Manuel II	1908
				deposto em	1910

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO. — As Origens	8
LIVRO I. — O Condado Portucalense	12
— II. — A Conquista do Sul	20
— III. — Organização do reino	30
— IV. — Os Grandes Descobrimentos	58
— V. — Decadência de Portugal	84
— VI. — O Governo dos Felipes	94
— VII. — As Guerras da Restauração	101
— VIII. — A Monarquia absoluta	109
— IX. — A Monarquia constitucional	129



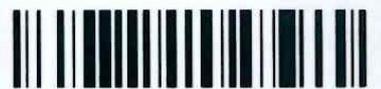








biblioteca  
municipal  
barcelos



47325

História de Portugal